

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO-SENSU* EM EDUCAÇÃO  
FÍSICA**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA INTERFACE COM O  
ESPORTE E A MÍDIA**

**Daniel Cantanhede Behmoiras**

**BRASÍLIA  
2011**

# **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA INTERFACE COM O ESPORTE E A MÍDIA**

**DANIEL CANTANHEDE BEHMOIRAS**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.**

**ORIENTADORA: Profa. Dra INGRID DITTRICH WIGGERS**

**DANIEL CANTANHEDE BEHMOIRAS**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA INTERFACE COM O ESPORTE E A MÍDIA**

Dissertação aprovada, no dia 18 de julho de 2011, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre** no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Educação Física da Universidade de Brasília – UnB, pela Comissão formada pelos professores doutores:

Presidente: \_\_\_\_\_  
**Professora Doutora Ingrid Dittrich Wiggers**  
Docente da UnB.

Membro Interno: \_\_\_\_\_  
**Professora Doutora Dulce Maria Filgueira de Almeida**  
Docente da UnB.

Membro Externo: \_\_\_\_\_  
**Professor Doutor Augusto César Rios Leiro**  
Docente da UFBA e UNEB.

Membro Suplente: \_\_\_\_\_  
**Professor Doutor Edson Marcelo Húngaro**  
Docente da UnB.

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à Ita e ao Daniel, meus queridos pais, que com seus exemplos e dedicação me proporcionaram a chegada até essa fase.

Dedico, também, a todos os vovôs e vovós, em especial a minha querida avó Edith, que com sua garra lutou contra todas as adversidades, dentre elas a sobrevivência aos campos de concentração Nazista, para constituir nossa família.

## AGRADECIMENTOS

Ao Bruno e ao Cristiano, meus queridos irmãos, que sempre me apoiaram de forma incondicional.

Ao amigo prof. Juarez Sampaio, que desde a graduação sempre me deu força e me apoiou.

Ao companheiro e amigo Roberto Lião, que desde as pedaladas na época do Sesc me ajudou a entender a realidade complexa e contraditória em que vivemos.

A todos os amigos e companheiros que compartilharam comigo momentos de crescimento; entre tantos, o coletivo dos mais antigos: Júlio Cabral, Hebert Mustafa, Leandro Casarin (Gugu), Pedro Osmar Flores (Tatu), Artur Almeida, Lucimar Neves, Zé Montanha, Dori Alves, e os mais novos: Pedro Athayde, Robson Carço, Erick Cebola.

Ao prof. Marcelo Húngaro, pelas preciosas considerações na banca de qualificação do projeto.

A todos os integrantes do Grupo de pesquisa “Mídias, Educação e Educação Física”, que me apoiaram nas etapas dessa pesquisa, além de terem me recebido com atenção, respeito e cuidado. Agradeço em especial o Álvaro e a Geusiane pela amizade e por todas as contribuições ao trabalho.

A todos os integrantes do Grupo de estudos “AVANTE”, pela oportunidade do aprendizado e das reflexões coletivas.

À Faculdade de Educação Física/UnB, especialmente aos funcionários Josino, David, Viviane e Alba, por toda ajuda prestada.

Ao Gil Sampaio, pela parceria na construção do vídeo.

A todos os colegas de caminhada do Mestrado.

Aos professores, coordenadores, diretores e estudantes das duas escolas pesquisadas.

Aos amigos do SINPRO-DF: Cláudia, Rosilene, Rodrigo, Garibel, pelo incentivo.

À querida Mércia, por todo o carinho, incentivo, paciência e companheirismo durante o processo de construção do texto.

À prof. Dra. Ingrid, que com muito carinho e cuidado me orientou nesse percurso.

## SUMÁRIO

Página

RESUMO .....	viii
1 - INTRODUÇÃO.....	10
2 - RELAÇÕES ENTRE ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE .....	14
2.1 - A escola em uma perspectiva crítica .....	14
2.2 - A Educação Física escolar e sua interface com o esporte .....	20
3 - ESPORTE E A MÍDIA .....	34
3.1 - O esporte .....	34
3.2 - O esporte e sua relação com a mídia televisiva. ....	42
3.3 - Revisão de Literatura sobre a relação do esporte com a mídia.....	48
3.3.1 - Tratamento dado ao esporte pela TV.....	49
3.3.2 - Recepção da TV .....	55
3.3.3- Construção de Mensagens .....	58
4 - MÉTODO DE PESQUISA.....	61
4.1- Lócus da pesquisa.....	61
4.2- Delineando a Pesquisa.....	63
4.3 - Produção do vídeo – curta metragem.....	69
4.4 - Processamento e Análise dos dados.....	75
4.5 - Algumas considerações sobre os jovens.....	76
5 - RESULTADOS E ANÁLISE .....	80
5.1- Dados iniciais: caracterizando os estudantes.....	80
5.2 - Influências da mídia televisiva .....	86
5.2.1 - Incentivo ao consumo de materiais esportivos .....	86
5.2.2 - Sonho de ser jogador de futebol profissional;.....	94
5.2.3 - As compreensões em relação às transmissões .....	97
5.3 - Criação do vídeo/ Curta-Metragem .....	99
5.4 - O esporte nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio.....	104
5.5 - Escola enquanto espaço de aprendizagem.....	111

5.6 - Diversidade de Regras e Exclusão nas atividades .....	113
5.6.1 – O processo de exclusão nas práticas esportivas. ....	115
5.7 - Gênero: Diferenças no tratamento.....	119
5. 8 - Contexto e Infraestrutura do Ambiente Pedagógico .....	124
5.8.1 - A escola como lugar seguro para a prática esportiva. ....	127
5. 9 - Relação professor-estudante.....	127
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS .....	137
ANEXOS .....	144

## RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como se configuram as atividades pedagógicas da Educação Física no contexto escolar, levando-se em consideração as influências da mídia esportiva nesse processo, em especial a TV. Nesse sentido, buscou-se compreender as relações entre a Educação Física escolar, o esporte e a mídia, tomando-se como referência principal estudantes do 3º ano do ensino médio de duas escolas públicas do Distrito Federal. Como método, adotou-se a pesquisa qualitativa, utilizando como técnicas para a coleta de dados o formulário, a entrevista, o grupo focal, a análise documental e a produção de vídeo. Constatou-se que os discentes têm contato significativo com a mídia esportiva, a qual assume um papel destacado em seu processo de formação, em especial no que diz respeito à interpretação e à prática do fenômeno esportivo. Sentem-se instigados ao consumo de materiais esportivos e se espelham em jogadores profissionais. As aulas de Educação Física configuram-se como um espaço seguro e fundamental para o aprendizado relativo ao universo da Cultura Corporal para grande parte dos estudantes pesquisados, principalmente para o público feminino. Concluiu-se também que o esporte é trabalhado de forma hegemônica nas aulas de Educação Física, na qual são reproduzidas relações de exclusão, destacando-se discriminações de gênero. Por fim, a produção de um vídeo foi de grande valia, pois tornou possível um contato crítico dos estudantes com a linguagem audiovisual. Dessa forma, pretende-se com os subsídios apresentados nessa dissertação contribuir para uma maior qualificação da Educação Física escolar.

Palavras-Chave: Educação Física, Escola, Esporte, Televisão, Vídeo.



## ABSTRACT

This study sought to understand how to shape the educational activities of Physical Education in the school context, taking into account the influence of sports media, especially TV. Accordingly, we also aimed at understanding the relationship between school physical education, sport and media, using as main reference 3rd year students from two public high schools in Distrito Federal. As a methodology, we have adopted the qualitative research, using the following techniques for data collection: forms, interviews, focus groups, document analysis and video production. It was found that the students have significant contact with the sports media, and that it plays a prominent role in their education, especially regarding the interpretation and practice of sport phenomenon. The students are instigated towards the consumption of sporting goods and look up to professional players as examples for life. The Physical Education classes are configured as a safe space and essential for learning on the world of physical culture for most of the students surveyed, particularly for the female audience. It was also concluded that the sport is the main activity in physical education classes, and that the exclusion relations are reproduced within this context, especially gender discrimination. Finally, the production of a video was very helpful, since it has allowed the students to develop a critical understanding of the audiovisual language. Thus, it is expected that the contributions made in this work will enable higher qualification in Physical Education.

Keywords: Physical Education, School, Sports, TV, Video.

## 1 - INTRODUÇÃO

“A aprendizagem é, verdadeiramente, a nossa própria vida”

Mészáros

A disciplina curricular Educação Física desempenha, nos dias atuais, um papel fundamental na formação dos estudantes, por trabalhar de forma sistematizada com as manifestações corporais que fazem parte do conjunto da Cultura Corporal.

Dessa forma, esse trabalho se propõe a investigar as relações entre a Educação Física escolar com o esporte e a mídia televisiva no contexto do Distrito Federal. Houve uma preocupação de colocar o estudante como o foco da investigação, por acreditar-se que esse segmento escolar tem muito a contribuir para o processo reflexivo.

A Educação Física dentro da escola pode ser abordada sob diversos prismas e óticas. Ao longo do processo histórico de legitimação da Educação Física como disciplina escolar foram organizadas e sistematizadas diversas Concepções e Abordagens. Darido (2003) considera que existem dez formas de abordar a Educação Física na escola. Já Castellani (1999) tem uma compreensão diferenciada em relação às Teorias da Educação Física escolar. Ele as divide em dois grupos, o primeiro formado pelas *abordagens não propositivas*, e o segundo pelas *propositivas*, divididas em dois subgrupos, quais sejam, as *não sistematizadas* e as *sistematizadas*. Em todas as abordagens ou concepções o esporte se faz presente como conteúdo pedagógico.

Diversos autores, como Bracht (2005), Taffarel (2009), Castellani (1999) e Marinho (2010) identificaram que a disciplina curricular Educação Física, no decorrer do processo histórico, esteve bastante atrelada, quase que exclusivamente, ao ensino do esporte. Sendo assim, destacou-se a preocupação em investigar como ocorre a relação entre a Educação Física e o esporte, bem como as possíveis influências que a mídia pode expressar nessa relação.

Entende-se que o esporte é um fenômeno social de grande relevância na vida de muitos seres humanos, seja na perspectiva de praticantes, estudantes,

acompanhantes, espectadores e/ou telespectadores. Ele se constitui como “parte” integrante da vida de milhões de pessoas que acompanham seus times de futebol, jogos de vôlei, basquete, competições de natação, de atletismo, dentre outras inúmeras modalidades esportivas, como pode ser observado pelas grandes audiências em eventos como os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, que contou com a audiência televisiva de 1 bilhão de pessoas pelo mundo (Gazeta do Povo, 2010).

Nesse sentido, segundo Martín-Barbero (2006) a escola não é mais a principal “detentora” do conhecimento, pois outras instituições, como a mídia, também difundem o conhecimento e veiculam uma série de informações e mensagens. Nesse quesito, Castells (2006) considera que a atualidade passa pela “Era da Informação”, na qual os meios de comunicação desempenham um importante papel de difusão de informações e conhecimentos. Com isso, considera-se que estudar o esporte e desconsiderar o efeito que a mídia exerce sobre ele é desconsiderar uma relação fundamental para a busca da compreensão numa perspectiva de totalidade.

Nessa perspectiva o esporte é um dos assuntos que ganha destaque no processo midiático devido o seu poder aglutinador e potencial lucrativo. Todos os dias são produzidos e veiculados acerca desse fenômeno um conjunto de informações e mensagens às quais os jovens estudantes têm acesso diário. Nesse processo, são transmitidos valores, concepções de corpo, de atletas, de jogadores e de esportes (BETTI, 1998).

No presente trabalho, optou-se pela análise do esporte a partir de 4 concepções pedagógicas da disciplina Educação Física, por entender-se que nelas há uma proposta pedagógica e que são as mais representativas dentro da Educação Física escolar. São elas: aptidão física, desenvolvimentista, crítico-emancipatória e crítico-superadora (BEHMOIRAS, 2005). Para isso, foi escolhida uma Região Administrativa do Distrito Federal e privilegiou-se a escolha de estudantes do 3º ano do Ensino Médio, por entendermos que estes possuem uma visão mais elaborada, por já terem passado por todas as etapas da educação básica. É importante ouvir os estudantes enquanto sujeitos sociais, com a intenção de valorizar as idéias e opiniões de um segmento social fundamental e constituinte da sociedade. Este trabalho compreende esse período não como uma fase de transformações biológicas vista de forma pejorativa, mas como uma

fase de possibilidades e de luta pela garantia de direitos sociais, a qual não pode ser negligenciada por força da classe social na qual muitos jovens estão inseridos.

Sendo assim, foram usadas como técnicas de coleta de dados o formulário e o grupo focal para os estudantes, a entrevista semiestruturada para os professores, a observação de aulas, a análise dos projetos político pedagógicos das duas instituições de ensino pesquisadas e a produção de um vídeo de 3 minutos.

O interesse pelo tema surgiu pela necessidade de se compreender com mais profundidade a prática pedagógica da Educação Física no Distrito Federal, a qual necessita de mais análises e aprofundamentos acadêmicos. Esse interesse foi motivado pelos estudos iniciados no curso de especialização em Educação Física Escolar<sup>1</sup>, que resultou no trabalho final intitulado “Educação Física Escolar: as principais tendências pedagógicas e suas possíveis relações com o positivismo, a fenomenologia e o marxismo”.

Em vista dos argumentos apresentados o problema que norteou a presente pesquisa pode ser assim destacado: como podem ser compreendidas as atividades pedagógicas da Educação Física no contexto escolar, levando-se em consideração a relação mídia-esporte e as influências dos meios de comunicação de massa, nesse particular a TV?

Esta pesquisa, portanto, tem como objetivos compreender de que forma são organizadas as aulas de Educação Física; como o esporte está sendo abordado numa perspectiva educacional; como se constitui a relação dos estudantes com os meios midiáticos ligados ao esporte, em especial a TV, e de que forma a mídia televisiva esportiva pode exercer influência nos estudantes.

Dessa forma, esse trabalho foi dividido em seis partes, sendo introdução, quatro capítulos e as considerações finais. No capítulo, 2 busca-se estabelecer uma relação do papel da escola com a disciplina Educação Física e o esporte enquanto conteúdo pedagógico, tomando-se como referência a Pedagogia Histórico-Crítica. Com isso, buscou-se compreender o esporte a partir de quatro concepções Pedagógicas da Educação Física.

---

<sup>1</sup> Realizado na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília – UnB, em 2005.

No capítulo 3, faz-se uma contextualização social do esporte, discutindo-se algumas definições desse fenômeno. Em seguida, é abordada a relação que se estabelece entre o esporte e a mídia, tomando-se como referência autores da área, assim como diversos estudos e pesquisas.

No capítulo 4, trata-se do Método; dessa forma, é feita uma caracterização do locus da pesquisa, assim como seu delineamento, explicando-se as opções metodológicas escolhidas, assim como todos os instrumentos de coletas de dados. Faz-se também uma breve discussão a respeito da juventude.

Já no capítulo 5, busca-se explicitar e analisar os dados coletados, contextualizando-os na literatura científica. Para isso, foram divididos em categorias, destacando-se as influências da mídia televisiva na compreensão do esporte e os incentivos ao consumo de materiais esportivos, a forma de organização das aulas, o trato do esporte nas mesmas, as reproduções de determinantes sociais, como a exclusão e as discriminações de gênero, a oficina de vídeo, a relação professor–estudante, o contexto social e a infraestrutura da escola.

Por fim são apresentadas as considerações finais, as referências os anexos.

## **2 - RELAÇÕES ENTRE ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**

A Escola, a Educação Física e o Esporte possuem relações muito próximas, pois estão interconectadas, fazendo parte de um mesmo conjunto. Nas páginas a seguir pretende-se refletir sobre as possibilidades críticas de abordagem do conjunto de conhecimentos relativos à Educação Física escolar, do qual o esporte faz parte.

### **2.1 - A escola em uma perspectiva crítica**

Inicialmente identificou-se a necessidade de uma reflexão sobre o papel da escola e da educação, pois constituem uma relação direta com o ensino da Educação Física escolar, assim como no trato do esporte como conteúdo pedagógico. A educação é entendida como um fenômeno próprio dos seres humanos (SAVIANI, 2006; GADOTTI, 1997), tendo como centralidade o trabalho. Esse fato diferencia os seres humanos dos animais, pois se constitui como uma ação intencional do homem sobre a natureza, que a modifica, transformando-a e criando o mundo humano, ou seja, o mundo da cultura, da mesma forma que é modificado por ela (MARX, 1984). O trabalho “contém em si os elementos que fazem dele a mediação responsável pelo salto ontológico do ser natural para o ser social” (TONET, 2005, p.49), o que implica um processo de aprendizagem.

A essência humana não é uma abstração inerente a cada indivíduo. Na realidade, ela é o conjunto das relações sociais (TONET, 2009), ou seja, o ser humano se faz no conjunto das relações humanas que se estabelecem durante todo o seu desenvolvimento, desde o momento de sua concepção até o de sua morte, o que leva à compreensão de um sujeito inacabado, ou seja, em constante mudança e construção. Todas as especificidades da forma humana são apreendidas de acordo com o meio, isto é, de acordo com os estímulos recebidos pelo meio social em que se encontra cada indivíduo, que coletivamente faz parte de um determinado modelo social, no caso o capitalista.

Nesse sentido, Saviani (2005, p.7) entende que o homem não se faz homem naturalmente, “ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber, pensar, sentir, para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo”. Por trabalho educativo o autor discorre:

[...] é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para eles se tornarem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2005, p.13).

As condições e as formas de se abordar determinado conteúdo devem ser pensadas e avaliadas de forma séria, como é o caso dos conteúdos relativos à Educação Física que venham a ser tratados dentro da escola. Para Tonet, que se aproxima da compreensão de Saviani, a educação é “um processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, comportamentos, valores, etc., que permitam ao indivíduo tornar-se apto a participar conscientemente (mesmo que a consciência seja limitada) da vida social” (TONET, 2009, p. 9).

A escola ao longo da história humana se tornou a forma principal e dominante de educação (SAVIANI, 2000). Na compreensão da Pedagogia Histórico-Crítica, a escola tem o papel de socializar e proporcionar o acesso ao conhecimento que foi sistematizado ao longo do processo histórico de evolução da espécie humana. Ela deve dar acesso ao conhecimento construído pelo ser humano, que foi produzido no decorrer da sua existência, de acordo com as suas necessidades de sobrevivência e organizado de acordo com as características culturais de cada povo, comunidade e região. Toma centralidade no processo histórico por ofertar o saber metódico, sistemático, científico, elaborado, que passa a predominar sobre o saber espontâneo, “natural”, assistemático, resultando daí a especificidade da educação. Portanto, “a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e

não ao saber fragmentado; a cultura erudita e não à cultura popular” (SAVIANI, 2005, p.14). Já o senso comum é interpretado por Gramsci como sendo um tipo de conhecimento que sofre um processo de dominação, de hierarquização frente ao conhecimento elaborado, pois são:

“formas de percepção de mundo ocasional e desagregada, característica das classes subalternas antes da formação de consciência, que lhes permitirá ascender a uma visão de mundo coerente e homogênea. São formas de um conformismo imposto pelo ambiente exterior (ideologia dominante) e por outros grupos sociais” (MOCHCOVITCH, p.14, 2004).

Diante disso, o fenômeno social do esporte, por se constituir como um conhecimento criado, desenvolvido e sistematizado pelo ser humano, não de forma “natural”, como uma herança biológica, e sim a partir do trabalho, ou seja, da ação intencional do ser humano sobre a natureza, o que o constituiu, portanto, patrimônio Cultural da Humanidade (COLETIVO DE AUTORES, 1992) devendo ser abordado pedagogicamente dentro da escola, de forma intencional e propositiva.

Seguindo essa perspectiva, ao homem não é inerente correr, saltar, escalar, nadar, pois essas atividades foram historicamente criadas e socialmente desenvolvidas como respostas a determinadas necessidades humanas. A natação, por exemplo, com toda sua sistematização, não é um ato natural, pois o homem aprende a nadar e os conhecimentos, portanto, são transmitidos de uma geração para outra geração, assegurando desse modo, a continuidade do progresso histórico (Ortega, 2004). O mesmo acontece com os outros esportes, como o basquetebol, o voleibol, o handebol, o tênis, o futebol e o futsal e as demais manifestações da Cultura Corporal. Também a escolha de se trabalhar o esporte como conteúdo pedagógico, por exemplo, não se dá de forma desinteressada, pois a educação não é um processo neutro; assim a escolha de determinado conteúdo, seja ele qual for, demonstra os interesses do professor, da escola e do Estado, de acordo com a concepção de homem e de sociedade concebidos (APPLE, 1979).

Em relação ao conteúdo, Gasparin (2003) tece algumas considerações importantes, pois os mesmos reúnem dimensões conceituais, científicas, históricas, econômicas, ideológicas, políticas, culturais e educacionais que devem ser explicitadas



e apreendidas no processo ensino-aprendizagem, ou seja, não são neutros, assim como a escola não é neutra, pois ela reflete o tempo em que está inserida e por isso “deve-se lembrar que a escola, em cada momento histórico, constitui uma expressão e uma resposta à sociedade na qual está inserida. Neste sentido, ela nunca é neutra, mas sempre ideológica e politicamente comprometida” (GASPARIN, 2003, p.2).

Tecendo uma ligação entre a escola e os conteúdos selecionados para o ensino da Educação Física, o esporte também está carregado de interesses, seja para formação de atletas, corpos domesticáveis, submissos ou corpos conscientes e críticos, por exemplo. Não é por acaso que conteúdos ligados ao alto rendimento esportivo são propostos como forma hegemônica dentro da Educação Física escolar, o que demonstra uma opção de conhecimento a ser tratado, revelando a concepção de educação, de educação física, de ser humano e de sociedade que se busca construir utilizando a escola. Nesse caso, identifica-se um projeto de mundo conservador, pois nesse tipo de perspectiva constata-se uma direção de formação acrítica e não reflexiva (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Diante de uma sociedade tão desigual econômica e socialmente, a Educação Física tem condições de contribuir para uma formação crítica, servindo de suporte para a saída do estado de senso comum, avançando para o conhecimento metódico e científico, vislumbrando a construção de outra forma de organização da sociedade, na qual não ocorra mais a exploração entre os seres humanos. Tonet assevera que a educação escolar toma papel importante nesse processo, pois pode contribuir com a formação não apenas de cidadãos, mas de cidadãos críticos, ou seja, “pessoas que tenham consciência dos seus direitos e deveres, mas que também sejam capazes de intervir ativamente na construção de uma ordem social mais justa” (TONET, 2005, p.31). Em concordância, Girox (1986 apud TONET, 2005, p.31), compreende que é imprescindível dar ênfase na “participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem; na aprendizagem crítica; na compreensão crítica das experiências dos alunos por eles mesmos; na compreensão da importância dos valores; no conhecimento das forças ideológicas que influenciam a vida dos alunos etc.”; ou seja, um conhecimento estritamente contextualizado na realidade social e na busca de uma transformação.

Seguindo nesse sentido, MÉSZÁROS (2005, p. 23) entende que para mudar é necessário que haja “instrumentos de pressão que rompam a lógica mistificadora do capital”. Com isso, desmistificar o esporte também é necessário, como trazer para a pauta de aula os bastidores do discurso legitimador do esporte, pois ocorrem interesses mercadológicos e econômicos por detrás do discurso de difundi-lo. Jennings e Simson (1992) denunciam que, paralelamente às argumentações de utilizar os Jogos Olímpicos para a difusão do esporte, ocorrem movimentos de corrupção entre os componentes do Comitê Olímpico Internacional, nos bastidores das organizações dos megaeventos esportivos, como subornos, compras de voto e desvios de verbas.

Na busca por uma tomada de consciência, na qual se pretende ampliar o conhecimento, tomando-se como ponto de partida o “senso comum” e o ponto de chegada o “conhecimento elaborado”, Gasparin (2003), referendando-se em Saviani e Vigotsky, por exemplo, sistematizou as etapas para que esse processo educativo seja proveitoso.

Dessa forma, tem-se como a primeira etapa a “Prática Social Inicial do Conteúdo”, que é entendida como uma fase de preparação, pois “é uma primeira leitura da realidade, um contato inicial com o tema a ser estudado” (GASPARIN, 2003, p.16). Nesse ponto, o professor vai ter contato com os conhecimentos prévios que os estudantes possuem sobre determinado conteúdo, o que possibilitará um trabalho pedagógico mais adequado à realidade educacional, a fim de que os estudantes, nas fases seguintes do processo, apropriem-se de um conhecimento significativo. Por exemplo, quando o professor abordar a temática do esporte pela primeira vez, este deverá constatar previamente o que os estudantes compreendem sobre o Esporte. Nessa situação imaginária os estudantes podem considerar o Esporte como promotor da saúde.

A segunda etapa é a “Problematização”, sendo por meio dela que ocorre a transição entre a teoria e a prática, entre o fazer cotidiano e a cultura elaborada, pois “a problematização representa o momento do processo em que a prática social é posta em questão, analisada, interrogada, levando em consideração o conteúdo a ser trabalhado e as exigências sociais de aplicação desse conhecimento” (GASPARIN, 2003, p. 36). Dessa forma, ocorre um questionamento do conhecimento prévio que se

tinha sobre determinado conteúdo, ou seja, esse conhecimento é colocado em “xeque”, em dúvida, entrando em um processo de análise, em um processo de desmonte da totalidade, em que é mostrado ao estudante os múltiplos aspectos interligados que a formam, podendo-se evidenciar diversos modos de se compreender determinado conteúdo, bem como as suas possíveis contradições, pois:

O importante, nesse momento, é que os alunos se conscientizem de que problematizar significa questionar a realidade, pôr em dúvida certezas, levantar questões acerca das evidências, interrogar o cotidiano, o empírico, o conteúdo escolar (GASPARIN, 2003, p.47).

Seguindo o exemplo anterior, questiona-se com os estudantes se o esporte é sempre um promotor de saúde ou se ele não pode servir como indutor do consumo de drogas, como os anabolizantes.

A terceira etapa é a “Instrumentalização”, considerado o caminho através do qual o conteúdo sistematizado é colocado à disposição dos educandos, para que o assimilem e o recriem. Assim, ao incorporá-lo, transformam-no em instrumento de construção pessoal e profissional, favorecendo uma “comparação” entre conhecimentos cotidianos e conhecimentos científicos. De acordo com o exemplo anterior, o estudante vai comparar a compreensão de que o esporte é promotor da saúde ao fato de que também pode ser um incentivador do consumo de anabolizantes por parte de atletas.

A quarta etapa é a “Catarse”, na qual ocorre a síntese do conhecimento cotidiano e do conhecimento científico, do teórico e do prático, formando uma nova posição. É a síntese de uma nova forma de compreender determinado conteúdo, no qual o estudante possui os instrumentos necessários para explicar a nova compreensão. De acordo com o exemplo, os estudantes, ainda no campo das idéias, poderão fazer uma síntese na qual identifiquem que o esporte pode promover saúde, ao mesmo tempo em que pode provocar danos à saúde, como ocorre nos casos de doping.

A quinta e última etapa é a “Prática Social Final do Conteúdo”, o ponto de chegada, e portanto o retorno à Prática Social, pois corresponde à transposição do teórico para o prático dos conceitos adquiridos. Assim, o discente pode colocar em prática o conhecimento “novo”, elaborado. Nessa fase, ele passa pelo processo de

internalização do conhecimento, incorporando-o a novo patamar de desenvolvimento, no qual o esporte é compreendido de forma dialética, pois pode fazer tanto bem, como mal à saúde, conforme o pequeno exemplo exposto.

Nesse sentido, ocorre o processo educativo dentro da pedagogia histórico-crítica, no qual se entende que para uma transformação é “necessário abalar as certezas, desautorizar o senso comum. E para isso nada melhor do que demonstrar a falsidade daquilo que é tido como obviamente verdadeiro, demonstrando ao mesmo tempo a verdade daquilo que é tido como obviamente falso” (SAVIANI, 2002, p.60). Isso ocorreu no exemplo exposto, pois foi abalado o entendimento advindo do senso comum que o esporte somente traz saúde e que faz bem a todos - o que não é uma verdade absoluta, pois há no processo contraditório fatores que também podem levar o esporte a causar danos à saúde, como os anabolizantes ou as lesões em joelhos, ombros e coluna em esportes como o futebol, a natação e o atletismo, por exemplo.

## **2.2 - A Educação Física escolar e sua interface com o esporte**

Há várias formas de a disciplina curricular Educação Física compreender e trabalhar o esporte como conteúdo pedagógico dentro da escola. Serão abordadas algumas das sistematizações que foram feitas, principalmente a partir da década de 1980, com o processo de redemocratização do Brasil, após severos anos de ditadura militar. Até então, era hegemônica a concepção da “aptidão física” (CASTELLANI, 1999). Após importantes contribuições de Vitor Marinho (“O que é Educação Física” e “Consenso e Conflito da Educação Física Brasileira”) e João Paulo Medina (“Educação Física Cuida do Corpo e... Mente”), a Educação Física nas décadas de 1980 e 1990 passa por um processo de reflexão e dá origem ao chamado “movimento inovador da educação física brasileira”, pois “o que foi colocado em questão foi o sentido, a função educacional da Educação Física no sistema educacional brasileiro, concomitantemente ao questionamento radical da função social de tal sistema” (BRACHT, 2010, p.100). Assim, não foi somente a Educação Física que passou por um processo reflexivo, mas o sistema educacional como um todo.

Darido (2003) considera que existem dez abordagens que tratam da Educação Física na escola, a saber: desenvolvimentista, interacionista-construtivista, crítico-superadora, sistêmica, psicomotricidade, crítico-emancipatória, cultural, jogos cooperativos, saúde renovada e segundo os parâmetros curriculares nacionais.

Já Castellani (1999) tem uma compreensão diferenciada em relação às Teorias da Educação Física. Ele as divide em dois grupos; no primeiro grupo, entende-se as *abordagens não propositivas*, classificadas assim por não estabelecerem princípios metodológicos para o ensino na escola. Esse grupo se forma pelas abordagens fenomenológica, sociológica e cultural, representada pelos professores Silvino Santin e Wagner Wey Moreira, Mauro Betti e Jocimar Daólio, respectivamente. No segundo grupo são entendidas as abordagens propositivas, que estão, por sua vez, divididas em dois subgrupos. Em um subgrupo, constam as não sistematizadas: desenvolvimentista (representada por Go Tani), construtivista (representada por João Batista Freire), crítico-emancipatória<sup>2</sup> (representada por Elenor Kunz), a plural (representada por Jocimar Daólio) e a aulas abertas (representada por Reiner Hildebrandt). No outro subgrupo, estão as propositivas sistematizadas, da qual fazem parte a aptidão física e a crítico-superadora (representada pelo Coletivo de Autores).

Nesse trabalho, optou-se por analisar quatro concepções pedagógicas da Educação Física: aptidão física, desenvolvimentista, crítico-emancipatória e crítico-superadora, por entender que elas têm uma proposta pedagógica e que são as mais representativas dentro da Educação Física escolar.

Com isso, a perspectiva da abordagem educacional da Educação Física sob o prisma da aptidão física foi questionada, refletida. Essa concepção:

[...] se expressa e se fundamenta por meio de princípios teórico-metodológicos que regem o treinamento desportivo. Disciplinas como anatomia, fisiologia, biomecânica são importantes referenciais de análise no contexto da Educação Física Escolar. Tem como objetivo principal o desenvolvimento e constante melhora do condicionamento físico, trabalhando aspectos anaeróbios, aeróbios, potência, força, impulsão, etc. Está centrada na dimensão biológica do ser humano, tendo como objetivo fundamental a manutenção da saúde e da disciplina por meio

---

<sup>2</sup> Do ano de 1999 até hoje diversos livros foram lançados na busca por uma sistematização dessa proposta de intervenção na escola.

das práticas corporais (atividades físicas e esporte) (BEHMOIRAS, 2005).

A “aptidão física” serviu a vários interesses ao longo da história. No início do século XIX, a sociedade brasileira passava por um crescente processo de industrialização da economia; com isso, acreditava-se que a aptidão física poderia contribuir significativamente para formação de pessoas mais fortes, mais ágeis, mais produtivas, mais preparadas como forma qualificada de mão de obra (CASTELLANI, 2002). A Lei Constitucional nº 01 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 1937, afirmava que a Educação Física era obrigatória nas escolas primárias, normais e secundárias, devendo promover “*a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-lo ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da nação*” (CASTELLANI, 2002, p. 5). No sentido de contribuir para esse processo, a Educação Física deveria formar “*um corpo produtivo, portanto forte e saudável, que fosse ao mesmo tempo dócil o bastante para submeter-se à lógica do trabalho fabril sem questioná-la*” (CASTELLANI, 2002, p. 6). Assim, evidencia-se uma educação conservadora, na qual o corpo é visto somente como um instrumento.

A Educação Física Escolar foi acompanhando o processo de desenvolvimento da sociedade, sofrendo assim muitas influências. Essa teoria serviu como ferramenta para alguns fatos históricos: até a década de 1930, o que predominou foi uma Educação Física higienista, preocupada com a formação de homens e mulheres sadias, fortes, dispostas à ação. A seguir, a Educação Física toma um caráter militarista, de nacionalismo exacerbado preocupada em formar cidadãos-soldado, patriotas, dispostos a obedecer, como retrata Ghiraldelli:

[...] a ginástica, o desporto, os jogos recreativos etc. só têm utilidade se visam à eliminação dos incapacitados físicos, contribuindo para uma maximização da forma e poderio da população. A coragem, a vitalidade, o heroísmo, a disciplina exacerbada compõe plataforma básica da educação física militarista (GHIRALDELLI, 2003, p. 18).

Adiante, após 1964, desenvolve-se o que Guiraldelli classificou como “Educação Física competitivista”, na qual a competição é tida como o fundamento mais importante.

Desta forma, o desporto de alto nível é muito valorizado e a Educação Física acaba restrita ao desporto de elite, desenvolvendo-se o treinamento desportivo baseado na fisiologia do exercício, biomecânica, cinesiologia (GHIRALDELLI, 2003). Nessa perspectiva, os conflitos políticos, econômicos e sociais são maquiados.

Por isso, a Educação Física Escolar sofre influências até os dias atuais da concepção competitivista, da aptidão física, na qual há uma supervalorização dos que têm mais aptidão em detrimento dos “menos aptos”, pois o que interessa é o rendimento desportivo, a verificação de performance. Nessa concepção, observa-se claramente um caráter de exclusão, pois há preocupação em descobrir e revelar “talentos” esportivos, enquanto uma boa parte dos estudantes menos talentosos é posta de lado.

O Decreto nº 69.450/71 afirmava que as aulas de Educação Física deviam ter a frequência de 3 aulas semanais, distribuídas em dias intercalados, com 50 minutos de duração, compostas por turmas de alunos do mesmo sexo e constituídas a partir das idades biológicas (CASTELLANI, 2002). Essa organização se fundamenta nos princípios do treinamento desportivo, que tem como base estudos da fisiologia, na qual se afirma ser preciso um intervalo de tempo para descanso entre uma atividade física e outra.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (nº 6.251/75) afirmava que os objetivos da Educação Física e do desporto no Brasil se resumiam ao “*aprimoramento da aptidão física da população brasileira*” (CASTELLANI, 2002, p.41). Sendo assim, a abordagem da aptidão física nas aulas de Educação Física estava acima de uma escolha individual do professor, pois estava regulamentada em forma de lei. Assim proporcionou uma série de exclusões ao privilegiarem-se os mais aptos fisicamente em detrimento dos demais, contraditoriamente renegando atenção aos que mais necessitavam.

Na compreensão desenvolvimentista (TANI et al, 1988)<sup>3</sup> o esporte aparece na perspectiva do desenvolvimento motor, das habilidades motoras relacionadas aos gestos esportivos. Deve-se assim propiciar ao estudante condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido pela interação entre o aumento da variação e

---

<sup>3</sup> Fizeram parte desse grupos os autores Go Tani, Edison Manoel, Eduardo Kokubun e José Proença.

a complexidade dos movimentos (TANI et al, 1988). Essa concepção entende que o principal objetivo do processo de aprendizagem é a aprendizagem do movimento, por isso ocupa-se em estudar as mudanças que ocorrem no comportamento motor de um indivíduo, desde a concepção até a morte. Utiliza-se da sistematização de Gallahue no que se refere às etapas de crescimento e desenvolvimento humano. Por exemplo, o 1º estágio, que vai da vida intrauterina até quatro meses após o nascimento, corresponde aos Movimentos Reflexos, ou seja, movimentos automáticos e involuntários. O 2º estágio, que vai de 1 até 2 anos de idade, corresponde aos Movimentos Rudimentares (movimentos voluntários, locomoção e manipulação, que servirão de base para todos os movimentos futuros). O 3º estágio, que vai dos 2 aos 7 anos de idade, corresponde aos Movimentos Fundamentais (correr, saltar, arremessar, receber, rebater, chutar). O 4º estágio, que vai de 7 a 12 anos de idade, corresponde à Combinação de Movimentos Fundamentais (correr + saltar, correr + arremessar, arremessar + saltar, e assim por diante). O 5º e último estágio, que vai dos 12 anos em diante, corresponde aos Movimentos Determinados Culturalmente (são os movimentos mais complexos, como os dos gestos desportivos).

Nessa perspectiva, quando se abordam as modalidades esportivas, o foco principal é a aprendizagem dos gestos/movimentos inerentes a cada uma delas, que tomam como base estudos científicos da biomecânica e da cinesiologia, que demonstram a forma mais eficiente de se executar o arremesso do handebol, o drible do basquetebol ou o chute no futebol, por exemplo. A avaliação serve para aferir-se a precisão técnica na execução de movimentos e a melhoria nas habilidades motoras, que de certa forma ficaram padronizadas de acordo com os modelos estabelecidos pelos estudos científico-acadêmicos. Essa perspectiva faz uma crítica interessante ao pensamento de que o desenvolvimento se dará de forma natural e progressiva, sem que haja uma preocupação específica com um ambiente que a favoreça. Com isso é necessário que tenha um ambiente pedagógico preparado para tal desenvolvimento, como as aulas de Educação Física. Trazem como padrões fundamentais de movimento a *locomoção*: exploração do espaço (andar, saltar, correr, trepar, rolar, galopar), a *manipulação*: relacionamento de um indivíduo com um objeto (arremessar, receber, rebater, chutar) e o *equilíbrio*: manutenção de uma postura no espaço e em relação à



força de gravidade (estar em pé e estar sentado, parada de mãos); por isso, defendem a necessidade de estimular o máximo de habilidades básicas até os 6, 7 anos de idade, pois servirão de base para todas as demais formas de movimento que o indivíduo venha a ter.

O professor toma, portanto, um papel fundamental no processo de aprendizagem das habilidades motoras, pois é ele quem vai dar as informações necessárias (feedback) para que o estudante aperfeiçoe a execução de determinado movimento, ou seja, para que ele melhore sua performance. Assim, a relação que se estabelece é uma relação “mecânica”, “é na relação certo/errado, bom/ruim que se estabelece a prática pedagógica, em que o professor toma decisão, não proporcionando a problematização/contextualização dos acontecimentos” (SOUSA, 2009, p. 37).

Tal perspectiva assume uma visão “ingênua” ao privilegiar o desenvolvimento motor, pois defendem que, por meio do aprendizado e do desenvolvimento motor, o estudante vai ter um desenvolvimento afetivo e social. Dessa forma, podem-se fazer algumas ponderações sobre essa concepção, pois ela não se preocupa em trazer nenhuma reflexão sobre a sociedade ou sobre aspectos da vida humana, o que leva à conclusão de que ela se encontra descontextualizada da vida social real dos estudantes, contribuindo para uma formação não crítica desses jovens, já que os movimentos esportivos são carregados de significados e essa concepção dá ênfase somente ao aspecto prático. Assim, não avança na direção da criticidade e da reflexão, pois “Tani et al. continuaram vinculados à visão tradicional e conservadora da educação, usando como meio o espaço pedagógico da Educação Física no âmbito escolar, para conservar os valores desta” (SOUSA, 2009).

Contudo, há outras formas de se compreender e abordar o esporte, numa abordagem crítica que traz contribuições distintas da aptidão física e da desenvolvimentista. Nessa lógica, o esporte passa a ser questionado, refletido, debatido como faz a concepção crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992)<sup>4</sup>. Esta foi a primeira concepção a trazer para o campo da Educação Física um debate relacionado às tensões existentes entre as classes sociais. Mostra-se preocupada e

---

<sup>4</sup> Coletivo formado por Lino Castellani, Valter Bracht, Celi Taffarel, Micheli Ortega, Carmem Lúcia Soares e Elizabeth Varjal.

assume um posicionamento comprometido com os interesses e necessidades da classe trabalhadora, como os próprios autores colocam, “uma pedagogia emergente que busca responder a determinados interesses de classe, denominada aqui de Crítico-Superadora” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 25). Para isso, a escolha e organização do conteúdo devem estar comprometida com valores sociais, tendo uma função social consciente e contundente.

O esporte é apreendido como uma expressão corporal constitutiva da Cultura Corporal, que é entendida como:

[...] acervo de formas de representação do mundo que o ser humano tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38).

Nesse sentido, há um processo histórico para a constituição do que se conhece como esporte nos dias atuais, que nem sempre se compôs como é atualmente. As regras, as táticas, a configuração do jogo, o número de participantes, o tempo de duração, entre outros elementos, já foram diferentes, principalmente após passarem por um processo de institucionalização de suas normas e regras.

O esporte assume características próprias da sociedade em que está inserido, pois se configura como uma produção histórico-cultural. O esporte é entendido como uma prática social “que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal” e com isso “envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica”, por isso “o esporte subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.70). Assim, ele pode ser considerado como um rico conteúdo pedagógico, pois está baseado em um conjunto de valores e atitudes que podem ser contextualizados nas aulas, como honestidade, respeito, corrupção, trapaça, egoísmo.

Em uma aula, utilizando-se os jogos esportivos, por exemplo, valores são trabalhados numa perspectiva de classe; com isso, incentiva-se o processo de

construção coletiva, fazendo com que o estudante reconheça a importância do outro nas tomadas de decisões, na construção das regras dos jogos e na busca de seres autônomos; estimula-se a superar o individualismo, o egoísmo e o egocentrismo para a construção de pensamentos coletivos, de grupo e de classe. Deste modo, busca-se utilizar “jogos cujo conteúdo implique o desenvolvimento da capacidade de organizar os próprios jogos e decidir suas regras, entendendo-as como exigência do coletivo” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 69). Com isso, espera-se que o estudante inicie uma consciência de grupo pelas decisões do coletivo, por meio de discussões, de diálogo, da aceitação das opiniões do outro e conseqüentemente do grupo, pois “na escola é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendam o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que o jogo se faz “a dois” e de que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 71).

No aspecto da Cultura Corporal, e, portanto das práticas esportivas, a tendência crítico-superadora valoriza a contextualização dos fatos e do resgate histórico. Ela situa o estudante como sujeito histórico, ou seja, protagonista da construção de sua história, considerando-o como um ser predominantemente social, entendendo-o em sua totalidade. Aponta a diferença e a luta de classes como motivadora da evolução da sociedade e se preocupa com que o estudante faça uma leitura crítica da realidade, contextualizando-a com o modelo de sociedade capitalista contemporâneo, assumindo o ponto de vista da classe trabalhadora.

Nessa perspectiva, Taffarel (2009) observa a supremacia das práticas corporais ligadas ao modelo do alto rendimento em detrimento de manifestações da cultura popular, como jogos e brincadeiras, pois está ocorrendo um “crescimento sem precedentes de esportes homogeneizados institucionalmente e o progressivo desaparecimento das técnicas corporais e jogos típicos de cada estado e país” (TAFFAREL, 2009, p.190). O fato de privilegiar somente uma forma de expressão corporal, presa a regras formais construídas por um pequeno grupo de pessoas que as legitimam nas Federações e Confederações esportivas, tem levado a um empobrecimento do ponto de vista educacional, pois diminui as possibilidades de

abordagem frente à imensidão de possibilidades pedagógicas possíveis quando se abrange outras formas de expressão corporal, como o conjunto da Cultura Corporal.

Tomando o esporte como elemento central nas aulas de Educação Física, a preocupação da “esportivização” da Educação Física escolar se torna real, pois há interesses por detrás dessas escolhas e opções, pois nenhum conteúdo que se trabalha na escola se dá de forma desinteressada (APPLE, 1982). Com isso, Taffarel (2009) considera que há um projeto para transformar o Brasil em uma nação competitiva internacionalmente, uma nação olímpica. Para isso, faz uma análise de conjuntura, afirmando que a sociedade atual, capitalista, é autofágica, destrutiva, pois pelo seu modo de organização destrói o trabalho e o trabalhador, esgotando assim possibilidades de saída do que denomina de barbárie. Nessa organização capitalista há sempre interesses pela geração de lucros cada vez mais altos. O olhar do mercado está voltado para o esporte, pois há interesses políticos e econômicos em expansão no campo esportivo. Basta atentar os olhos para os altos investimentos esportivos por parte de grandes empresas mundiais e governos para a realização de grandes eventos esportivos, o que vem sendo intensificado nos tempos atuais, com a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no país.

A escola torna-se um lugar privilegiado para a introdução e ampliação dos ideais esportivos nos moldes do alto rendimento e consumismo, pois pela escola passam muitos seres humanos, que ficam um tempo médio de 14 anos. Pelo fato de o esporte ter sido tratado como conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física em detrimento dos outros elementos da Cultura Corporal, por muito tempo ocorreram déficits na formação de crianças e jovens, que acabavam ficando com uma formação incompleta do ponto de vista da totalidade (TAFFAREL, 2009). A autora questiona, “quais as possibilidades de o esporte ser diferente do que vem sendo? Quais seriam os caminhos ou as alternativas para reforçar ou viabilizar as possibilidades de resistências e mudanças?” (TAFFAREL, 2009, p.84). Dessa forma, situa-se o esporte dentro do projeto político pedagógico da escola, pois esse fenômeno corporal “não pode ser admitido fora do grande esforço de reinvenção da própria sociedade” (TAFFAREL, 2009, p. 85), pois não estão dissociados, uma vez que fazem parte de um mesmo todo.

Caso o estudante se aproprie dos conteúdos dominados pelas “classes ricas” de modo acrítico ou pré-crítico, isto é, em um contexto em que prevalece a visão de mundo burguês, ainda que esse aluno seja de origem proletária, ele tenderá a orientar-se pelos valores burgueses. Nesse sentido, discorre Saviani (2010, p.115):

[...] para que essa apropriação se constitua como um instrumento de libertação da exploração vale dizer, como instrumento de transformação, é necessário que intervenham outras mediações, ou seja, é necessário que se construa um contexto em que se crie uma atmosfera de crítica ao *status quo*, favorável a visão de mundo transformadora, socialista, de esquerda.

Com isso, a forma de se lutar contra as injustiças sociais e as formas de opressão podem se dar de várias formas, a partir do entendimento do estudante enquanto sujeito histórico, capaz de construir a sua trajetória de forma autônoma. Deve-se levar em conta a conjuntura favorável ou desfavorável, o nível de organização, a capacidade de mobilização, etc. (SAVIANI, 2010).

Para o grupo de trabalho pedagógico formado por professores da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE e da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, (1991), o esporte é encarado como objeto da ação de alunos e professores, fato que o faz assumir as seguintes perspectivas: a) ser socialmente regulamentado; b) ser algo a se aprender, pois tem um viés pedagógico e educacional; c) ser espetáculo a que se assiste, o que toma um caráter passivo, sendo consumido em estádios e televisão, motivo pelo qual o estudante deve ser instrumentalizado para que o assista de forma crítica; d) ser assunto sobre o qual se deve refletir, uma vez que com isso ele passa a ser questionado na sua forma de organização; e) ser fato a se modificar, pois assim os praticantes têm o poder de modificar, de se tornarem sujeitos criadores de seus jogos.

Em outro texto, Taffarel e Lira (2007) constroem uma ligação direta do esporte com a forma de organização da sociedade atual, pois há uma “lógica desumanizadora do capital que tem no individualismo, no lucro e na competição os seus fundamentos, o que se expressa no esporte pela concorrência, pela produtividade, pelo alto rendimento e pela competição exacerbada” (2007, p.56). Essa forma de interpretar o esporte não pode ser menosprezada e deve ser levada para dentro da escola, pois o esporte

precisa ser questionado, problematizado e repensado, ou acabará servindo para reforçar toda a disparidade social estabelecida. Da forma como vem sendo tratado dentro do sistema educacional, ele “não contribui para debelar a revoltante e desumana desigualdade social porque não está sintonizado com os anseios por uma sociedade justa” (p. 78).

Na mesma linha de conceber o esporte na lógica educacional, Richter (2009) afirma que o professor (adulto) é quem deve tematizar e problematizar as manifestações esportivas presentes no dia a dia do educando e que não pode ser apenas apresentado e reproduzido de forma irrefletida; dessa forma, o professor deve mostrar o “acervo de práticas historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas, considerando não apenas a sua reprodução, mas o conhecimento de sua historicidade, a problematização, a transformação e a recriação delas” (RICHTER, 2009, p.45). Com isso, elabora uma série de objetivos específicos para o planejamento de aula em uma escola de ensino fundamental. A autora enumera uma lista de atividades, sendo as mais representativas do ponto de vista crítico: a análise de situações na qual estejam evidenciadas questões de gênero, preconceitos, exclusão; experimentar outras formas de se executar os movimentos esportivos e recriá-los; problematizar questões como *performance*, rendimento máximo, dor e sacrifício; debater filmes, poemas, músicas, obras de arte que representem esportes. A autora também propõe que o professor filme suas aulas para que depois possa debater com os estudantes os acontecimentos delas provenientes.

Já Assis (2001) faz uma série de reflexões acerca do esporte e de suas possibilidades enquanto instrumento pedagógico. Questiona por que se dá ao jovem praticante o gosto pela competição e por que ela é sempre incentivada desde o início do processo de escolarização, como se fosse um fenômeno inerente ao ser humano e não uma construção sócio-cultural. Assim, valores e visões de mundo são passados aos indivíduos desde o início da vida.

Além disso, “o esporte é uma forma cultural que ritualiza os valores fundamentais da sociedade capitalista, quais sejam: competição, concorrência e rendimento” (ASSIS, 2001, p.18). Deste modo, o esporte apresenta-se como um conhecimento que não pode

ser desprezado ou destratado, já que integra os conhecimentos da Cultura Corporal, por isso deve-se questioná-lo, debatê-lo, refletir sobre ele.

Ao esporte são atribuídos valores “positivos” e/ou “negativos” que não são inerentes a ele, pois como fruto da sociedade capitalista, pós Revolução Industrial, o esporte moderno reflete a sociedade que a desenvolveu, com todas as contradições nela contidas. Por exemplo, uma idéia construída para legitimar socialmente o esporte é a de que o esporte é saúde. Será que sempre é saúde? E o caso de atletas que se envolvem em substâncias nocivas ao organismo em busca de resultados cada vez mais expressivos? Outra idéia são a de que o esporte promove a inclusão e a paz, o que nem sempre ocorre; por isso a escola deve procurar questionar as “verdades” que se estabelecem como absolutas, pois essas podem estar somente no campo da superficialidade, no campo do senso comum (SAVIANI, 2005).

Em virtude disso, Assis (2001) tece considerações para o fato de a Educação Física escolar, por meio de procedimentos educativos, naturaliza o afinamento e a exclusão, estabelecendo inicialmente que todos são iguais, mas no decorrer do processo, permite que apenas os “competentes” se estabeleçam (ASSIS, 2001). Com isso o processo de exclusão parece ser um fenômeno inerente ao esporte, o que não é. Outra característica dessa perspectiva do esporte é a constante busca pela vitória. Para identificar o vencedor, é necessário comparar objetivamente. Para “formar” o melhor é preciso selecionar bem, promover a adequada especialização e definir condições para maximizar o rendimento. E o modelo básico de esporte que vem sendo fornecido pelo “esporte de rendimento”, numa lógica de descoberta de talentos esportivos, é a criação de um mercado consumidor (ASSIS, 2001).

Nessa lógica do alto rendimento, o esporte dentro do ambiente escolar contribui, segundo Souza (2009), para a formação de “sujeitos historicamente passivos, imobilizados em suas práticas sociais, limitados à descrição do aparente das coisas e silenciados no processo de construção da cultura elaborada” (SOUZA, 2009, p. 17) - o que vem a complementar as idéias de Assis (2001), quando afirma que o esporte nos moldes do alto rendimento contribui para a formação do corpo dócil e disciplinado, apolítico, acrítico e alienado.

Dessa forma, a escola, os professores e os estudantes necessitam criar um ambiente favorável para questionar as regras institucionalizadas, que são estabelecidas por um pequeno grupo de pessoas que as impõe como se fosse a única possibilidade de se executar e praticar o esporte, e modificá-las quando for do entendimento do coletivo (COLETIVO DE AUTORES, 1992; ASSIS, 2001).

Ainda nessa perspectiva, Kunz (2001) faz considerações críticas ao esporte de alto rendimento praticado nas aulas de Educação Física, como se este modelo de esporte fosse o único possível. Nesse modelo, o homem se torna uma máquina, uma vez que tenha que se submeter a treinamentos desumanos, pois o que importa é somente e exclusivamente o resultado final; portanto, “o corpo é entendido como um instrumento que quando bem ajustado pode trazer bons resultados, e o movimento é entendido apenas pela sua funcionalidade técnica” (KUNZ, 2001, p. 25).

Em consequência disso, há uma normatização e a padronização das práticas. O autor tece ainda reflexões mais amplas, afirmando que o esporte está fortemente ligado a questões econômicas; assim a ciência está à sua disposição, ou seja, “não é uma ciência com interesse no ser humano ou na dimensão social do esporte, mas com um interesse tecnológico e de rendimento” (KUNZ, 2001, p. 23).

Levando-se em consideração esses aspectos, Kunz (2001) sistematizou a concepção teórico-metodológica crítico-emancipatória, que propõe uma mudança metodológica, utilizando-se como ferramenta principal o esporte, o qual faz parte de um conjunto de manifestações corporais denominada “cultura de movimento”. Partindo dessa crítica, ele propõe uma prática pedagógica que esteja comprometida com a emancipação dos estudantes, jovens e crianças. Mas o que será essa emancipação? Entende-se como emancipação o “processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e com isso todo o seu agir social, cultural, esportivo, que se desenvolve pela educação” (KUNZ, 2001, p.33). Esta definição de emancipação está baseada na teoria crítica de Horkheimer, Adorno e Habermas. Baseado em uma síntese de Geuss, emancipar é ultrapassar a barreira de falsa consciência (estágio inicial), tomando consciência de uma coerção auto-imposta, de uma auto-ilusão, que o modelo de esporte de alto rendimento impõe como único e verdadeiro.



Com isso, Kunz (2001) propõe uma *didática comunicativa*, ou seja, a educação deve possuir uma função de esclarecimento e da prevalência racional de todo o agir educacional. O processo de esclarecimento é entendido, nas palavras de Kant, como “a saída, a libertação do homem de seu estado de menoridade intelectual voluntária” (KANT, 1974, apud KUNZ, 2001, p. 32). Essa concepção propõe que o ensino não fique preso somente ao aprendizado das competências esportivas, mas que desenvolva também uma competência comunicativa para relacionar todo esse aprendizado com o mundo social, político, econômico e cultural. Acredita-se que diversas situações se resolvem por meio de um consenso entre todos os envolvidos nesse processo.

Assim, o gesto corporal, o gesto esportivo se liberta dos gestos tecnicamente formatados e passam a ter um significado particular para cada praticante, assim há uma espécie de ressignificação dos gestos esportivos.

As duas últimas concepções sistematizam uma compreensão da Educação Física que proporciona ao estudante um processo de reflexão da sua prática corporal.

### **3 - ESPORTE E A MÍDIA**

Nesse capítulo será abordado o esporte, contextualizando-o socialmente, sendo apresentadas algumas definições para o mesmo. Em seguida serão feitas reflexões a respeito da sua relação com a mídia, mais especificamente à mídia televisiva.

#### **3.1 - O esporte**

Esporte é um fenômeno social envolvente, dinâmico, sedutor, apaixonante que tem inserção em todos os continentes do mundo. Mas, as manifestações culturais deixaram de ser manifestações próprias de seu tempo, de seu povo, da comunidade que o criou e o desenvolveu para se tornar uma espécie de linguagem universal, a qual perdeu suas características regionais, nacionais para se tornar uma manifestação regida e regulamentada por um conjunto de regras oficiais estabelecidas pelas entidades máximas de cada modalidade, como as Confederações que estão ligadas ao Comitê Olímpico Internacional – COI. Nessa perspectiva, o formato esportivo assume um formato quase universal. O futebol, por exemplo, é jogado oficialmente da mesma forma em Pequim, Londres, Brasil, EUA, Itália, Austrália, não há diferenças nas regras, na forma como é conduzido e praticado. Dessa forma, observa-se um processo de massificação do esporte, no qual ele se torna um “produto” a ser consumido e vendido.

O esporte passa a tomar esse formato por três motivos diferenciados. O primeiro pode ser entendido a partir da mudança das relações sociais da sociedade advindas do processo de Revolução Industrial iniciado na Inglaterra, que o fez conseqüentemente adquirir as características da sociedade que se formava naquela época (BRACHT, 2005). O segundo motivo acontece pelo fato de ter uma unidade em competições internacionais, como os campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos, salvo algumas exceções, como o basquetebol praticado nos EUA por meio da NBA, que possui algumas regras diferenciadas das regulamentadas pela Confederação Internacional de Basquetebol. O terceiro se dá pela necessidade de padronização para a venda, a fim

de ampliar o mercado consumidor do esporte (vendas de camisas e chuteiras e televisionamento, por exemplo).

O esporte tem um poder de audiência fantástico. Um dado que desperta atenção é em relação ao Mundial de Futebol do ano de 2002, cuja final entre Brasil e Alemanha foi acompanhada por mais de 1 bilhão e 100 milhões de pessoas – o equivalente a aproximadamente um sétimo da população mundial<sup>5</sup>. A audiência acumulativa (soma de todas as partidas) chegou a 28,8 bilhões de telespectadores em 213 países, segundo dados divulgados no site da Universidade de São Paulo – USP, nessa mesma Copa. Já Segundo na Copa do Mundo de 2006 houve uma audiência acumulativa de 32 bilhões de telespectadores em todos os jogos, sendo que no jogo da final foram cerca de 2 bilhões de pessoas. Nessa mesma edição da Copa do Mundo, a Federação Internacional de Futebol, FIFA, lucrou cerca de 110 milhões de dólares pela venda dos direitos à transmissão (UOL Brasil, 2010). Esses dados ilustram como o esporte pode assumir um caráter mobilizador de grande expressão.

Outro ponto é o de que o esporte não está livre da influência e dos interesses da grande mídia, dos meios de comunicação, que são entendidos como “objetos tecnológicos capazes de transmitir a mesma informação para um vasto público ou para a massa” (CHAUI, 2006, p. 35). Todos os dias são veiculadas diversas matérias esportivas em telejornais, em programas específicos, em cadernos de jornais impressos, ou na internet. A forma como as mensagens são passadas não estão livres de direcionamentos, manipulações de acordo com os interesses de quem está responsável por transmitir essas notícias, já que pode existir uma intenção de moldar uma determinada forma de pensamento. Chauí (2006) explicita um exemplo: se uma emissora de TV está apoiando o presidente da república, ela pode noticiar informações que afirmem as melhorias que o governo está implementando, mas se a posição for contrária, as notícias que são difundidas vão na contra mão do que está sendo feito pelo governo. Isso pode gerar grandes impactos “graças à encenação da informação e ao ocultamento da intenção persuasiva” (CHAUI, 2006, p.18). Dessa forma, a verdade pode se tornar relativa, pois depende de quem a conta e da forma como o faz.

---

<sup>5</sup> Segundo a National Geographic o mundo tem uma de 7 bilhões de habitantes . Disponível em: <http://viajaqui.abril.com.br/national-geographic/educacao-130/populacao-mundial-7-bilhoes-613876.shtml>. Acesso em: 10 de junho de 2011.

No campo da mídia esportiva, esse tipo de intenção manipulativa pode se manifestar com a criação de mitos esportivos, como diversos jogadores de futebol, atletas de natação, dentre outras manifestações esportivas. Para exemplo de “bom moço”, é associada à imagem do jogador Kaká comportamentos positivos, de homem responsável, elegante, educado. Já como exemplo negativo ou “maus exemplos”, ao jogador de futebol Edmundo foi creditada uma imagem de rebelde, desobediente.

Outra situação que é muito propagada pela grande mídia é o de atrelar ao esporte uma determinada compreensão que o associa a um discurso salvacionista, de que sempre faz bem à saúde, que une povos, que traz a paz, que tira os jovens das drogas. Reforça-se uma visão de que o esporte é salvador, de que ele é remédio para muitos dos problemas sociais que o país enfrenta, de que, por exemplo, é um promotor da inclusão social. Outro ponto enfocado por parte da mídia esportiva vai no sentido de perpetuar o esporte somente em uma concepção, que é a do alto rendimento (BETTI, 2005). Tal direcionamento não ocorre por acaso, pois por detrás desse tipo de propagação há interesses financeiros, ligados ao fortalecimento de um mercado consumidor em expansão (TAFFAREL, 2009).

Dessa forma, o esporte está presente na vida de milhões de seres humanos, de diversas localidades do mundo. Esta manifestação cultural é vista, praticada e consumida por uma grande parte da população mundial, que tem uma relação próxima com o modelo societal vigente, pois “tão rápido e tão ferozmente quanto o capitalismo, o esporte expandiu-se pelo mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento” (BRACHT, 2005, p.1). Diante dessa evidência e considerando a relevância do esporte na cultura contemporânea, muitos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento tem se interessado pela temática, como as Ciências Sociais, Biológicas, a Comunicação e a Educação Física, entre outras.

Dentre as diversas concepções existentes, o esporte pode ser praticado na perspectiva do alto rendimento, com fins profissionais, de captação de recursos, visando o lucro, na medida em que envolvem empresas patrocinadoras e/ou empresas públicas como o Banco do Brasil com as seleções de voleibol desde a década de 80, o futsal e o iatismo; os Correios com os desportos aquáticos, futsal e também o tênis, e o Banco Regional de Brasília (BRB), com o time de basquetebol “Brasília Uniceub BRB”,

que recentemente mudou de Universidade<sup>6</sup>. A prática dessa abordagem pode ocorrer nas escolinhas preparatórias, nos clubes poliesportivos ou em academias. Já no lazer, o contexto é outro, pois o esporte pode ser praticado sem obrigações formais, sendo realizado no tempo livre e por vontade própria. Isso pode ocorrer em clubes, em espaços públicos, como ruas, quadras esportivas e parques, dentre outras incontáveis possibilidades de locais.

Ele também pode ser analisado no viés comercial. Dessa maneira, o esporte se tornou um negócio bastante rentável aos empresários e às empresas. O futebol ao redor do mundo movimenta bilhões de dólares todos os anos através do direito de imagem, do direito de televisionar os jogos de futebol e da venda de produtos esportivos. Em 2009, o Sport Club Corinthians Paulista foi o time que mais faturou com patrocinadores: recebeu da empresa “Batavo” 18 milhões de reais, somados a 6,5 milhões da Bozzano, mais 4,5 milhões do Banco Pan Americano, totalizando 29 milhões. O 2º maior time foi o São Paulo Futebol Clube com 16 milhões da empresa “LG” e mais 4,5 milhões da LG Display In-Plane Switching, totalizando 20 milhões<sup>7</sup>. A título de comparação, a empresa AON, em 2009, pagou cerca de 92 milhões de euros (270 milhões de reais) ao time inglês Manchester United para ter seu nome estampado na camisa do time, quase 3 vezes o valor do patrocínio do Corinthians em 2010<sup>8</sup>.

Compreendido como um fenômeno social, o esporte também está dentro da escola, principalmente nas aulas de Educação Física. O esporte é trabalhado diariamente nas escolas públicas de todo o Brasil, o que também ocorre no Distrito Federal, como foi constatado nesse estudo<sup>9</sup>.

Dessa forma, observa-se que o esporte está presente em diversos espaços da vida social dos seres humanos. Pode-se pensar que há diversas formas de interpretar e

---

<sup>6</sup> Dados disponíveis em: [http://www.uniceub.br/noticias/not001\\_visualizarnoticia.aspx?ID=9b9f968fef](http://www.uniceub.br/noticias/not001_visualizarnoticia.aspx?ID=9b9f968fef). Acesso em: 01 de junho de 2011.

<sup>7</sup> Dados obtidos em: <http://momentodofutebol.blogspot.com/>, acessado em maio de 2010.

<sup>8</sup> Dados obtidos em “O Estado de São Paulo” <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,manchester-united-anuncia-novo-patrocinador-principal,381661,0.htm>. Acessado em 10 de junho de 2010

<sup>9</sup> De acordo com as Diretrizes Pedagógicas – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

compreender o fenômeno esportivo, que por isso assume um caráter “multiconceitual”. Há várias instituições que podem influenciar na construção desse entendimento.

Nesse sentido, o esporte expressa um conjunto de valores, atitudes, comportamentos. Por exemplo, o Comitê Olímpico Brasileiro, COB, veicula o conceito de “Olimpismo”, segundo o qual compreende que a prática esportiva deve se manifestar a partir da criação de um estilo de vida baseado na alegria do esforço físico e no respeito entre os cidadãos, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo e fortalecendo a compreensão e a união entre os povos. Assim, tem-se a idéia de desenvolver o espírito coletivo, a solidariedade, a busca pela excelência, pelo alto nível sem qualquer tipo de discriminação (COB, 2010). Dessa maneira, apresenta uma intenção de submeter as práticas esportivas à sua lógica interna, estabelecendo nelas uma relação direta de hierarquização que coloca as formas de se praticar o esporte submissas à lógica do rendimento.

Esse fenômeno social, que foi criado e desenvolvido pelo conjunto dos seres humanos também é dotado de uma série de contradições e tensões próprias da forma de organização da sociedade contemporânea<sup>10</sup>, fato que parece ser descartado pelo COB, por conceber o esporte em uma visão ideologicamente idealizada, distante da realidade concreta das quadras e das escolas.

Bento (1998) também tem uma compreensão que, por ser descontextualizada, se assemelha ao do COB ao analisar o esporte no ambiente educacional, pois parece desconsiderar os conflitos. Para ele:

[...] o desporto funciona como um polo que realça os valores da cidadania e do trabalho em equipa, ao mesmo tempo em que combate frontalmente fenômenos destrutivos que caracterizam a nossa sociedade, como droga, violência e criminalidade. Sobretudo porque ensina e comprova que todos podem fazer alguma coisa por si próprios (BENTO, 1998, p.125).

---

<sup>10</sup> Em nenhuma sociedade existe um consenso total, existem contradições entre ideologias, utopias ou visões sociais de mundo conflitais, contraditórias, ou seja, o enfrentamento das várias classes sociais ou grupos sociais que a compõem (LOWY, 1988).

É possível identificar nessa compreensão uma idealização, um discurso moralista sobre o esporte, ao atribuir a ele responsabilidades que talvez não se concretizem, como “tirar” das drogas, uma vez que é de notória a repercussão na grande mídia de vários atletas que começam a usar drogas por causa do esporte, na busca por resultados cada vez mais expressivos, como os casos da atleta de triatlo Mariana Ohata, da nadadora Rebeca Gusmão e de diversos atletas no atletismo e no ciclismo<sup>11</sup>. Assim como ocorre com jovens que buscam corpos atléticos, estereotipados midiaticamente, e para chegar a tal objetivo acabam utilizando substâncias nocivas ao organismo, como anabolizantes.

Levando-se em consideração esses aspectos, o esporte não se manifesta de forma harmônica, da mesma forma que a sociedade atual não se organiza de forma harmônica e passiva, mas sim de forma desigual econômica e socialmente. As diferenças sociais são muitas e evidentes quando são comparados os valores de concentração de renda da classe dominante e das classes trabalhadoras, uma vez que a sociedade é constituída por classes sociais (MARX, 2001).

O homem mais rico do Brasil, o empresário do ramo de mineração e petróleo Eike Batista, tem sua fortuna estimada em 27 bilhões de dólares, o que significa a oitava fortuna do mundo (FORBES, 2010). Com uma concentração de renda tão acentuada, é de se pensar que em algum lugar vai faltar dinheiro, pois os 10% mais ricos do Brasil concentram 75,4% da riqueza total do país (IPEA, 2008). Nessa compreensão, o esporte também não se manifesta de forma harmoniosa, passiva, pois nele também há interesses pessoais e econômicos, há honestidade e corrupção, individualismo e cooperação, respeito e discriminações (de gênero, de classe, de etnia ou de habilidade), “jogo limpo” e violência (agressões, xingamentos), fatos próprios das contradições inerentes à sociedade.

O esporte nem sempre possuiu a configuração que tem nos dias atuais. Em pesquisas e publicações realizadas sobre o esporte, Bracht traz a concepção de que “o esporte moderno possui um caráter competitivo, surgido no âmbito da cultura europeia por volta do século XVIII, e que com esta, expandiu-se para o resto do mundo” (2005,

---

<sup>11</sup> Dados disponíveis em:

[http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Mais\\_Esportes/0,,MUL1361211-16317,00-BRASIL+SOMA+CASOS+DE+DOPING+ESTE+ANO.html](http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Mais_Esportes/0,,MUL1361211-16317,00-BRASIL+SOMA+CASOS+DE+DOPING+ESTE+ANO.html). Acesso em: 25/04/2011

p.13). Assim, não se podem desconsiderar os processos históricos que sofreu o esporte, principalmente dentro do ambiente escolar.

No decorrer da história e do desenvolvimento do esporte, este foi sendo transformado, adaptado, assim na modernidade “o esporte assumiu suas características básicas, que podem ser sumariamente resumidas em competição, rendimento físico-técnico, record, racionalização e cientificização do treinamento” (BRACHT, 2005, p.14). Características essas que se assemelham aos pressupostos da ordem vigente, ou seja, o capitalismo.

Outra interpretação do esporte vem de Gozález, que o define como sendo uma:

“prática motora/corporal: a) orientada a comparar um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos; b) regida por um conjunto de regras que procuram dar aos adversários iguais condições de oportunidade para vencer a contenda e, dessa forma, manter a incerteza do resultado” (2005, p.171).

Taffarel e Lira (2007, p.74) apontam para a intrínseca relação do esporte com a sociedade e buscam relacionar o esporte com uma espécie de submissão aos valores preconizados pelo sistema capitalista, pois o “jogo, aparentemente e só aparente, com caráter prazeroso, lúdico, criativo, investigativo, institucionalizou-se e assumiu a forma de esporte de caráter competitivo irracional, com uma lealdade irracional a sistemas de poder, com uma aquiescência passiva a valores assustadores”. Com isso, tem-se um comportamento submisso frente ao esporte, que assume características de dominação.

Nesse sentido, Stigger (2009) considera que o esporte moderno é excessivamente competitivo, ideologicamente reproduzidor dos valores dominantes, fator de alienação e exclusão social. Ao afirmar que:

[...] o esporte é fruto de um processo de racionalização da vida moderna, que transformou os passatempos e jogos desenvolvidos até então em práticas vinculadas: à idéia de competitividade e afrontamento; ao espírito esportivo; às regras e normas universalizantes; aos gestos estandarizados e especializados; à busca de resultados mensuráveis e comparáveis; à meritocracia, expressa na figura do campeão; à produtividade e performance corporal no sentido do progresso, cuja expressão máxima é o recorde esportivo [...] (2009, p. 106).



Com isso, mais um autor estabelece uma relação do esporte com a sociedade, pois como uma criação dos seres humanos, este recebe suas características.

Stigger (2009, p.107) constatou duas grandes correntes de compreensão do fenômeno esportivo: uma visão homogeneizada ou monocultural, como “se todas as práticas esportivas tivessem os mesmos objetivos, sentidos e motivações, independente dos seus protagonistas”; assim as influências do esporte são interpretadas como imutáveis, ou seja, como se atingissem os participantes de forma igual, independente de quem sejam eles. A outra seria uma visão multicultural, a partir da qual o esporte é compreendido como uma prática social passível de ser apropriada de forma diferente, em diversas realidades específicas, na medida em que é praticado por grupos particulares. Nessa visão, “o esporte não responde necessária e mecanicamente às normas sociais que por ventura sejam dominantes em cada contexto” (STIGGER, 2009, p.108). Cada participante ou grupo de participantes teria condições de criar ou recriar as suas práticas esportivas. Com isso, as influências das características do esporte moderno podem agir no jogo, nos participantes, mas não é determinante, pois cada um pode dar sua contribuição para uma reconfiguração desse esporte.

Levando-se em consideração esses aspectos, foi levantada a necessidade de se compreender qual é a visão do estudante frente ao esporte. A contribuição do estudante sobre essa prática social pode oferecer um panorama de como o esporte vem sendo tratado dentro da escola; porém o alvo não é o professor, mas sim o corpo discente, principal foco da escola e do processo educativo, sobretudo o da educação comprometida com a emancipação humana.

O esporte ocupa uma posição privilegiada dentro das aulas de Educação Física, sendo tratado de forma hegemônica em relação aos demais elementos da cultura corporal (TAFFAREL, 2009). Historicamente o ensino da Educação Física no Brasil esteve muito atrelado ao sistema esportivo, pois “se estabeleceu no imaginário social a vinculação entre educação física e esporte, tornando-os quase sinônimos, pois o papel da educação física na escola era ensinar esportes, ou seja, a ‘cultura da educação física’ passou a ser em larga medida a ‘cultura esportiva’” (BRACHT, 2010, p. 100-101). Assim, identificou-se a necessidade de investigar com maior profundidade a disciplina

Educação Física no Distrito Federal, buscando compreender como ela se organiza dentro das escolas públicas, sob a ótica prioritária dos estudantes, sem desconsiderar os professores, assim como investigar a compreensão do estudante acerca do fenômeno esportivo, pois há uma carência de estudos desse tipo no Distrito Federal.

### **3.2 - O esporte e sua relação com a mídia televisiva.**

“As idéias dominantes de uma época sempre foram as idéias da classe dominante”.  
Marx

A mídia pode ser entendida como “meio”, pois a palavra mídia “origina-se do latim *media*, plural de *medium*, que significa meio”. Assim encontra-se associada à comunicação, pois “a mídia refere-se aos meios de comunicação, no sentido de comunicação humana mediada por algum aparato” (BETTI e PIREZ, 2005, p. 282), como a televisão por exemplo. Com isso, grande parte do conhecimento sobre a realidade social é construída a partir do contato com os meios de comunicação (comunicação mediada). Fatos “históricos” foram e são contados por meio da televisão, do rádio, dos jornais, como por exemplo, a ida do homem à lua, fato que ainda é contestado até a atualidade. Muitos acreditam nesse fato porque ele foi midiaticizado, pois a compreensão de grande parte do presente é construída pelos meios de comunicação que noticiam as informações que ocorrem no mundo todo ao mesmo tempo.

No entanto, a importância da notícia não está somente no ato de informar, pois também assume um papel de “aglutinador”, uma vez que milhares de pessoas vivenciam determinada notícia ao mesmo tempo, como acontece nos casos de desastres ambientais, como deslizamentos de terra que soterram casas e deixam vítimas. O viés sensacionalista é tão intenso que provoca um sentimento de solidariedade que leva a população a mandar mantimentos a tais vítimas. Para a grande mídia, o que importa não é tanto o conteúdo da notícia e sim o poder de abrangência que ela pode ter, quantas pessoas ela pode atingir, pois a audiência é

essencial para angariar mais patrocinadores, anúncios, ou seja, mais lucro. Esse fato pode ser percebido nas coberturas televisivas a casamentos da nobreza real ou à cobertura de Copas do Mundo e Olimpíadas, por exemplo.

Uma das formas de se compreender o fenômeno da mídia se dá pela idéias e reflexões sobre a Indústria Cultural, formulada por autores alemães (pensadores e cientistas sociais), por volta da década de 1920, a chamada Escola de Frankfurt, que teve como maiores expoentes Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973), Hebert Marcuse (1898-1979), Walter Benjamin (1892-1940), Siedfried Kracauer (1889-1966) e Jurgen Habermas (1929 -). A escola de Frankfurt recebeu importantes influências de Kant, Hegel e Marx (FERREIRA, 2006). Os autores fizeram uma relevante crítica em relação à forma como a cultura estava sendo vista e tratada, pois tomou um sentido mercadológico; com isso, preocuparam-se em buscar uma compreensão teórica sobre a exploração mercantil da cultura e dos processos de formação de consciência por meio do consumo estético massificado. Nas suas reflexões perceberam que estava ocorrendo um enfraquecimento da cultura, pois “a cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.113).

Com isso, há uma perda do papel crítico da cultura, em que filmes, programas de rádio, revistas e programas de TV representam o mesmo esquema de organização e planejamento que uma fabricação de um automóvel. “O cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114). Há uma classificação de produtos para a classe A ou B, mas as diferenças são pequenas e muitas vezes ilusórias, o que na sua essência se demonstram quase iguais. Assim a “técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114). Bens artísticos ou culturais como as músicas são vendidas como bens de consumo, igual a uma camisa; assim não possui uma intencionalidade crítica, o que contribui para a alienação de pessoas.

Nesse pensamento, a TV após a 2ª Guerra Mundial tem contribuído para distribuir as idéias centrais que movem a sociedade industrial capitalista. A TV se transformou em um centro emissor de todos os desejos. Com uma linguagem fácil,

acessível a todos, a televisão ocupa um local preferencial na casa das pessoas, como se fosse um “altar” no meio da sala, com o sofá na frente, na qual o silêncio predomina enquanto ela está ligada, dificultando ou impedindo a conversa e/ou a reflexão. A Indústria Cultural tornou-se uma fábrica de entretenimentos, como um alívio para o dia-a-dia apressado e estressante das pessoas, com caráter funcionalista para entreter e reorganizar as forças para o trabalho seguinte (FERREIRA, 2006).

É nessa lógica que os interesses de uma poderosa indústria de entretenimento ganha força. Uma indústria da ilusão, uma indústria que fabrica sonhos, vontades, desejos, que não são as reais necessidades para a sobrevivência do ser humano. Sonhos e vontades que estão intimamente ligadas ao aspecto do “ter”, do possuir. Sonhos e vontades que a partir da obtenção de um determinado produto fazem aparecer a felicidade, a satisfação e a alegria. Para isso, são atreladas as imagens seguindo o slogan “Uma imagem vale mais de 100 palavras”, na qual a imagem da alegria e do sucesso são relacionados a produtos, como fazem as propagandas de cigarro, de bebidas, de automóveis e a propaganda da margarina, que é relacionada à imagem de uma família feliz e harmônica, na qual a margarina é a condição indispensável à vida (CHAUI, 2006).

No entanto, algumas críticas são feitas a essa forma de compreender a utilização dos meios de comunicação como uma forma de veicular as idéias dominantes; por isso, nem toda produção se resume à indústria, pois dentro da produção cultural há a contra-hegemonia e assim, nem todas as pessoas são tão manipuláveis quanto pensavam os autores da escola de Frankfurt. A mídia não representa somente uma ideologia dominante. Nem todos os espectadores consomem passivamente tudo o que é passado pela Indústria Cultural. Essa visão traz uma concepção negativa da mídia, que manipula, engana e aliena, mas isso nem sempre acontece, já que há movimentos que fazem um contraponto a esse modelo hegemônico, estabelecendo uma relação de contra-hegemonia, como as mídias independentes e alternativas.

Outros estudos se desenvolveram com o objetivo de compreender as influências da mídia nos seres humanos. Assim, desenvolvem-se, dentro na América Latina, os estudos da Investigação em Recepção, com representantes como Martín-Barbero, Néstor Canclini, Guillermo Orozco, entre outros. Nessa ótica, é na recepção que se

produz a comunicação e não na emissão, como acreditavam os pensadores da Indústria Cultural. Essa corrente entende que as mensagens são suscetíveis a múltiplas interpretações, são polissêmicas. Há nesse processo uma série de fatores que podem influenciar na recepção e não somente a mensagem que está sendo passada. Fatores externos como escola, família, lugar de origem, residência, nível educativo, trabalho desenvolvido (MARTÍN-BARBERO, 2003). Nesse sentido, Orofino (2005, p. 40) compreende que “esta perspectiva teórico-metodológica oferece um referencial a partir do qual se pode refletir sobre as relações entre mídia e suas audiências (portanto a comunidade e a escola)”.

Nesse íterim, a mídia tem o poder de construir e veicular um determinado modelo esportivo de acordo com seus interesses. Sanfelice e Araújo (2006) entendem que o “conceito Indústria Cultural trata da produção em série, da homogeneização e, em consequência, da deterioração dos padrões culturais. Os produtos são carregados de ideologia dominante e provocam conformismo” (2006, p.1). A televisão talvez seja o meio de comunicação que possui a maior representatividade na vida das pessoas, pois ela está presente em 94,8% dos lares, sendo ainda um dos principais meios de comunicação, se não for o maior (IBGE, 2007). A televisão tem um grande poder de influência sobre as pessoas. Nesse sentido, Penteado (2000, p.15) destaca que:

[...] Dentre as alternativas de comunicação mais tradicionais, como o rádio, cinema, imprensa, atualmente viceja outra mais perturbadora: a televisão. Apesar de recente entre nós, instaurou-se de maneira tão definitiva que pode ser considerada um padrão universal de nossa cultura.

Ainda nesse sentido assevera que:

[...] Devido às contradições que encerra, a televisão tem impressionado mais pelo lado de reforço do status quo, a serviço do qual existe, do que pelo lado transformador (p.33).

Nesse aspecto, a população em geral e a comunidade escolar acabam sofrendo influências, pois “os sujeitos da escola são telespectadores de muitas horas diárias, que computadas ao longo dos anos de vida, indicarão entre os discentes de escolaridade inicial (de ensino fundamental), maior tempo de exposição à TV do que envolvidos com

atividades escolares” (PENTEADO, 2000, p. 97). Dessa forma, a televisão tem um expressivo potencial educativo, de influência na vida de grande parte da população, pois “na TV, a característica de espetáculo, forma estética de comunicação construída com o saber artístico, que a torna extremamente sensibilizadora, atraente, cujos fortes efeitos pedagógicos não podem ser desconsiderados pelos educadores” (PENTEADO, 2000, p. 06). Esses efeitos pedagógicos devem ser questionados, devem ser pensados, refletidos, pois a autora alerta que:

Concessionários de canais televisivos comerciais, imunes aos controles legais e desprovidos de princípios éticos mínimos, levam ao ar programas de mau gosto, grotescos, centrados em violência, sexo, drogas (bebidas alcoólicas, cigarros, etc), meias verdades e inverdades, além do apelo exaustivo, intensivo e sedutor ao consumismo, e do sensacionalismo absolutamente irresponsável. Desprovidos de quaisquer compromissos sociais, expõem uma população de escassos acessos sociais, seja por razões econômicas, seja por razões de pequena ou ausente escolaridade, a padrões de comportamento mesquinhos, desumanos, injustos, irracionais, pregando a lei do mais forte e promovendo a descrença no ser humano (2000, p. 05).

Assim, valores, atitudes, pensamentos estão sendo passados pelos meios midiáticos e isso não pode ser ignorado, pois suas influências também chegam à escola, independente da distância, pois a “[...] TV e o rádio cobrem 98% do território brasileiro, levando informações, entretenimento, valores éticos e políticos aos mais distantes recantos do país (OROFINO, 2005, p. 40).

Leiro (2004) chama atenção para a importância da presença da TV na vida das pessoas, em especial na dos jovens, pois é a partir da é a partir da telinha que, cada dia mais, parcelas significativas de cidadãos e cidadãs tomam conhecimento e debatem a realidade política, econômica e cultural/esportiva local e mundial (LEIRO, 2004, p. 48)

Segundo Bourdieu (1997, p. 23), “a televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população”, pois:

[...] assumiu gradativamente o lugar privilegiado como importante fonte de informação para amplas parcelas da sociedade, com uma produção simbólica que, ao eleger temas e fatos de interesse geral, desenvolve

uma estratégia que se pauta na superficialidade como critério para integrar os telespectadores a questões fúteis, questões que não tocam em nada de importante, questões que acomodam tensões, pois, com isso, oculta-se o que efetivamente é importante” (BOURDIEU, 1997, p.23).

Dessa forma, faz-se importante pensar a TV dentro do ambiente pedagógico, pois a ela também exerce um papel educativo, como afirma Saviani (2005, p.97):

[...] não é só através dela que se educa; educa-se através de múltiplas formas; através de outras instituições, como os partidos, os sindicatos, associações de bairro, associações religiosas, através de relações informais, da convivência, dos meios de comunicação de massa – isto é, do cinema, do rádio, da televisão. Portanto, há múltiplas formas de educação, entre as quais se situa a escolar.

No campo da Educação Física, Mauro Betti tem grande importância na aproximação da área com a mídia televisiva. Ele afirma que “na prática e nos discursos da educação e da educação física, nas suas relações com o esporte e a televisão, há valores, mesmo que não explícitos” (BETTI, 1998, p.21). Para a televisão, importa a forma de mostrar o esporte como seu conteúdo. Uma consequência imediata é a fragmentação e a distorção do fenômeno esportivo, pois “a televisão seleciona imagens esportivas e as interpreta para nós, propõe um certo “modelo” do que é “esporte” e do que é ser ‘esportista’” (BETTI, 1998, p.34): um modelo ligado ao incentivo ao consumo e a imitação estética e gestual.

Em vários momentos, a imagem proposta pela televisão desperta uma consciência pouco elaborada, pois na televisão tudo é “efêmero, rápido e transitório, com rápidas mudanças de planos e imagens, a realidade é reconstruída e transmitida de maneira fragmentada, sem antecedentes e consequentes” (BETTI, 1998, p.38). A sensibilização da TV não vem por meio da razão, ou da reflexão, mas por meio das emoções - não por acaso o repórter muitas vezes “explora” o entrevistado até provocar o choro. Portanto, pode-se considerar que a construção da interpretação do fenômeno esportivo recebe bastante influência da mídia de forma geral, mas com destaque para a televisiva.

Oliveira e Pires (2005) chamam a atenção para o fato de que é “necessária a tematização do esporte rendimento/espetáculo na escola. O esporte adentra a escola pela indústria midiática, que apresenta o esporte numa visão unidirecional e mercadológica” (p. 127). Nessa perspectiva, fazem uma reflexão acerca do fato de que um menino na escola, ao fazer o gol, no momento da comemoração, beija a camisa, assim como os atletas profissionais. Pires (2002, p. 90) afirma que:

[...] o esporte parece ser o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva, porque oferece, em contrapartida, o show já pronto. O cenário, o roteiro, os atores, os espectadores e até os (tele)consumidores estão antecipadamente garantidos, o que facilita a sua transformação em produto facilmente comercializado/consumido em escala global.

### **3.3 - Revisão de Literatura sobre a relação do esporte com a mídia**

A partir do que foi apresentado sentiu-se a necessidade de compreender com mais detalhes a relação que se estabelece entre a mídia e o esporte, a partir da forma como ele é veiculado por programas televisivos específicos de esporte e os mais gerais como os telejornais, utilizando artigos publicados em revistas científicas.

Para essa análise, foram estabelecidas três categorias para auxiliar na interpretação dos textos. A primeira categoria criada analisa o *tratamento dado ao esporte pela TV*, a segunda é a *recepção das mensagens televisivas* e a terceira a *geração/criação das mensagens televisivas*. Os textos selecionados e as categorias criadas têm uma relação próxima com o trabalho, pois, como já foi mencionado na introdução, este trabalho tem como um de seus objetivos compreender de que forma as mensagens esportivas veiculadas pela mídia televisiva exercem influência sobre os estudantes.



### 3.3.1 - Tratamento dado ao esporte pela TV

Segundo Marin (2008), no desenvolvimento do modo capitalista os meios de comunicação penetram cada vez mais na vida das pessoas, com destaque aos programas de entretenimento veiculados pela televisão. A sociedade capitalista dividiu o tempo em *tempo de trabalho* e *tempo livre*. Dessa forma, o tempo dedicado ao consumo dos programas televisivos se dá predominantemente no “tempo livre” das pessoas, ou seja, no tempo de “não trabalho”.

A compreensão de tempo livre é relativa, pois o tempo tem sido apropriado cada vez mais pelas relações capitalistas e o homem não tem mais total domínio sobre o seu tempo. O tempo não é uma dimensão neutra, nele há interesses de consumo, de lucro e de produção. Baudrillard (2000, apud MARIN, 2008) afirma que, “as leis do sistema (de produção) nunca entram em férias”; assim, em todos os momentos e espaços, seja em eventos festivos, feriados, férias, fins de semana, no descanso e na fruição humana, as leis da produção e do lucro se reproduzem. Assim, o tempo livre também é regido pela lógica capitalista (MARIN, 2008).

Nessa compreensão, a televisão se organiza no sentido de criar desejos e necessidades com fins de consumo, afinal a “roda” do capitalismo precisa estar em constante movimento. Para isso, a televisão se utiliza dos seus diversos artifícios, pois conjuga várias linguagens como texto, som e imagem (FISCHER, 2006). Ela tem o poder de seduzir com diferentes esquemas de cores, imagens, sons, oratórias, gestos, etc. A sedução é a forma encontrada para garantir a cooperação entre a mídia e o mercado, entre produção e recepção, na busca da criação do desejo e de sentimentos por meio de imagens e venda de produtos, neutralizando divergências e conflitos ao invés de buscar processos de reflexão.

A televisão comercial é um forte instrumento da geração de renda para o sistema capitalista. Ela tem o poder de alcançar todos os meios culturais, sociais e econômicos (MARIN, 2008). A intenção deliberada de não produzir um processo reflexivo sobre as notícias e informação veiculadas também foi evidenciado por Silva e Correia (2008) e Bourdieu (1997).

Na atualidade, o desenvolvimento tecnológico tem avançado bastante com transmissões de canais, satélites, fibra ótica, desenvolvendo de forma acelerada as redes de comunicação. As novas tecnologias são operadas por grupos (empresas ou corporações) de escala mundial ou nacional de poder, mantendo-se a estrutura do capital hegemônico (MARIN, 2008; LIPI, 2008; GALEANO, 2006; MARTÍN-BARBERO, 2006).

A Televisão proporciona outro olhar sobre a realidade, produzindo na verdade outra realidade, pois ela constrói outra formatação de espaço/tempo. As câmeras, ao mesmo tempo em que possibilitam uma visão de diversas perspectivas, também fragmenta a realidade e a percepção, pois não há uma visão do todo, somente do conjunto de partes captadas pela câmera, criando novas sensações corporais. A TV produz uma nova sensibilidade, produzida pelos simulacros que substituem o real pelo virtual.

A apreciação do esporte pela TV não substitui a sua vivência corporal real (ARAÚJO e PORPINO, 2007). A câmera não reproduz o olho humano, pois constitui uma representação da realidade. Quem só tem a referência da TV para o acompanhamento do esporte tem uma compreensão limitada da realidade (PIRES, 2002 apud ESCHER e REIS, 2007). As emissoras de televisão selecionam as imagens esportivas interessantes a ela e o próprio programa acaba interpretando as informações para o espectador, que na verdade expressa a interpretação de um pequeno grupo de pessoas acerca do que é o esporte. E o que mais importa é a forma e não o conteúdo, assim se privilegia mexer nas emoções e sensações (felicidade, alegria, tristeza) a mexer com a razão, ficando mais fácil passar as mensagens que interessam a esses pequenos grupos (LIPI, 2008; BETTI, 1998).

A forma rápida, efêmera, inexata, fragmentada e descontextualizada com que a televisão mostra e discute os acontecimentos do futebol contribui para a criação de uma nova realidade (ESCHER e REIS, 2007), não só para o esporte, mas para toda uma vivência social, como no caso de processos eleitorais (CHAUI, 2005; LIMA, 2006).

O esporte tem sido tratado como uma forma de entretenimento em diversas emissoras do país. A Rede Globo tem apostado muito em programas de entretenimento e com isso os programas de esporte têm destaque. Marin (2008) constatou que os

conteúdos esportivos alcançam um percentual de 24,31% do total da programação da referida emissora, que tem feito grandes investimentos para garantir a transmissão de eventos esportivos, como o Campeonato Brasileiro de Futebol.

A autora conclui considerando que o entretenimento não faz exigência de público, ou seja, engloba a todos e trabalha a serviço dos sentidos e das emoções, em detrimento do intelecto. A mídia televisiva captou rapidamente a relação entretenimento e estimulação dos sentidos, por isso desenvolve diferentes estratégias para a estimulação das sensações. Debord (apud MARIN, 2007) afirma que os espetáculos visam somente ao consumo; assim, quanto mais as pessoas assistem a espetáculos, menos elas compreendem o mundo, pois o espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação, com um fim em si mesmo, na mercadoria, no consumo e na reprodução do capital.

O esporte congrega valores positivos e universais que vão em consonância a uma lógica de consumo que os torna cada vez mais difundidos pelos meios de comunicação de massa, seja esse consumo mercadológico ou social. Desde o início do século XX, o esporte entrou na pauta da mídia e desde então só vem crescendo o interesse desse setor na cobertura esportiva, especializando-se cada vez mais no acompanhamento de atletas e eventos esportivos.

Todos os dias saem matérias em jornais, TV e internet sobre o esporte. A grande audiência sustenta isso tudo. O aspecto lúdico do esporte deu espaço para a racionalização do mesmo, como a determinação de regras fixas e universais e o calculismo na busca de melhores resultados, que possibilitam a quantificação, a transformação de tudo em números; assim fica mais fácil a mídia se apropriar dele, tornando-o um produto mais fácil de ser consumido. Tudo vira números, número de jogos, de competições, de quantas vezes já ganhou ou perdeu, quantos gols e chutes houve, etc. Dessa forma, noticiários televisivos trabalham na tentativa de quantificar os feitos esportivos para depois sacralizá-los e tornar seus protagonistas mitos modernos (MENDONÇA, 2007).

Dessa forma, o esporte se tornou espetáculo da mesma forma que outros campos sociais, como a política, a religião e a educação, convertendo-se “em ramo da indústria do entretenimento”, que tem como objetivo principal a maximização do lucro.

Por isso, o entretenimento foi eleito como “forma mágica” para se chegar a esses objetivos, apropriando-se da ludicidade do tempo livre das pessoas, como destacam Mattelart e Mattelart (2004, apud MARIN, 2008).

O entretenimento com foco na busca pela diversão foi a forma que a mídia encontrou para resgatar o aspecto lúdico do esporte, em detrimento da racionalização, pois “convida” o (tele)espectador para sentar-se à frente da TV e deleitar-se com a diversão proporcionada pelo esporte-espetáculo (MENDONÇA, 2007).

Silva e Correia (2008) fazem uso da modernidade reflexiva para analisar a valorização do elemento estético no esporte e ponderam acerca da dimensão do espetáculo que se nutre a partir desse fenômeno. A reflexão que se faz considera as possibilidades de uma conseqüente manipulação do tecido sociocultural, transformando estética em produção e consumo. A vida transformada como mercadoria pelos *reality shows*, pela banalização da violência e por sua espetacularização, converte os indivíduos em espectadores do “automovimento fascinante e fremente das mercadorias” (FILHO, 2003, p. 38, apud SILVA e CORREIA, 2008). Nesse caso, não há nenhum processo reflexivo de nenhuma natureza.

Na opinião de Silva e Correia (2008) o basquete de rua é apontado como uma variável do basquete tradicional, ligado ao hip hop, até sendo considerado como o 5º elemento<sup>12</sup>. Representa um movimento de resistência, na medida em que é incorporado pelas periferias das grandes metrópoles, sendo utilizado como elemento de diferença e de afirmação diante das culturas dominantes. O basquete de rua valoriza outra estética que não a da midiática tradicional, baseada no virtuosismo das belas jogadas. Mas há um alerta em relação à tentativa de se tentar universalizar o basquete ou qualquer outra manifestação, pois toda cultura que se universaliza perde sua singularidade e agoniza (BAUDRILLARD, apud SILVA e CORREIA, 2008). Ao analisarem matérias da Rede Globo entre 2006 e 2007, constataram que a grande maioria das reportagens e matérias estavam ligadas a questões competitivas, como informe de datas e resultados de eventos. Não se levava em conta o significado cultural que essa manifestação tem representado. O basquetebol de rua supera a narrativa tradicional da mídia, apresenta-

---

<sup>12</sup> Os outros elementos são: o Rap, o DJing, a Breakdance e a escrita do Grafite.

se como um elemento “contestador”, pois se busca o espontâneo, a ousadia, o arriscar-se, o improvisado, e não o padrão (midiático).

Outro ponto é a relação entre o esporte televisivo e a publicidade. Uma relação que tem se fortalecido com o passar do tempo. A entrada do *merchandising* nos programas esportivos mostra “explicitamente a relação entre o esporte, a televisão e a dependência das leis de mercado”, com apresentadores virando verdadeiros garotos propagandas. Com isso, “a televisão, com sua intrínseca relação com o mercado, encena o espetáculo futebolístico com a finalidade da vinculação e da venda de produtos relacionados ao futebol” (ESCHER e REIS, 2007, p. 9). A mídia se constitui como uma importante mediadora entre o esporte espetacularizado e o receptor consumidor (ANTUNES, 2007). Assim percebem-se constantes apelos da mídia ao consumo, na formação de nichos consumidores (MENDONÇA, 2007).

A mídia contribuiu de forma significativa para a manutenção da ordem existente, pois acaba por oferecer as informações já prontas para os espectadores de forma “impositiva” e não o que o espectador realmente gostaria, pois o telespectador praticamente não tem opções, só as que são disponibilizadas a ele. Além disso, os grandes canais de comunicação de massa são controlados por uma minoria, organizada por poucos conglomerados, em que ela pode “impor” a sua forma de conceber o mundo (GALEANO, 2006).

Foi constatado por Lippi (2008) que uma grande emissora de TV, fazendo programas sobre a Educação Física na época dos jogos Pan Americanos, associava a idéia de que as aulas de educação física dentro da grade horária deveriam servir para a formação de atletas. E que alguns esportes se entregaram à lógica mercadológica para transmissão televisiva, como é o caso do Voleibol, mudando até as suas regras. A televisão exerce interferência nos horários das partidas, nos números de entrevistas que o atleta pode conceder e na criação de mitos e heróis. Outro ponto é a punição dada a alguns times de terem que realizar os jogos sem a presença da torcida, com os portões fechados, o que obriga os torcedores a saírem do estado de espectadores para o de telespectadores, já que só é possível assistir aos jogos pela televisão (LIPPI, 2008).

Bitencourt (2005) percebe que há uma reversibilidade na linguagem midiática, especificamente da TV, entre a guerra e o esporte. Na verdade, quer dizer que a linguagem áudio-visual do esporte passa a ser o meio de transmissão da nova barbárie mundial, nesse caso a guerra entre EUA e Iraque. A partir da programação da Rede Globo, o autor constatou que o discurso no processo de televisionar os ataques das tropas estadunidenses é igual ao de se narrar uma corrida de rally, pois a forma de se descrever é a mesma. No Globo Esporte, ao se tratar do jogo clássico entre duas equipes cariocas, Vasco e Fluminense, os apresentadores utilizavam metáforas de capitães, artilharias, defesas e baterias antiaéreas. Durante a partida, houve a transmissão de cenas ao vivo sobre o início da Guerra: o televisionamento estava igual ao de uma partida de futebol; ironicamente, para mostrar ao mundo a barbárie, utilizasse a estrutura comunicacional dos eventos esportivos (BITENCOURT, 2005).

Segundo Featherstone (1997, apud BITENCOURT, 2005), para o espetáculo televisivo qualquer história vale, esportiva ou de guerra, a fim de montar-se o grande espetáculo. A estrutura televisiva padroniza as mensagens, gerando uma espécie de violência simbólica. Os temas clássicos que a mídia televisiva e a imprensa sensacionalista gostam de tratar correspondem a sangue, sexo, drama, crime e esporte, pois são assuntos que vendem, notícias que distraem, não chocam ninguém, não têm profundidade, não exigem reflexões e não dividem, formando um consenso que interessa a todo mundo. De forma geral, são notícias fúteis, que só ocupam o tempo das pessoas (BITENCOURT, 2005). Para Bourdieu (1997), a concorrência, que deveria produzir a diversificação, acaba por produzir uma homogeneização.

Outra reflexão acontece acerca do fato de a televisão ter um poder extraordinário, pois o seu discurso vai além do fato real, tomando uma noção de verdade. Isso ocorre porque tem uma relação de poder simbólico relacionada a esse processo, já que a legitimação de um discurso está para além do uso correto da linguagem, mas está creditada na autoridade dada à fala. O campo jornalístico acabou tomando um lugar de autoridade, conseqüentemente jornalismo esportivo também e as informações ali veiculadas tomam uma posição de “inquestionáveis”. E essa autoridade se constitui o poder simbólico defendido por Bourdieu (1997).

Outro ponto destacado é o fato de que na sociedade atual o que é valorizado é a eficiência, a velocidade, assim há chamadas da Sportv, por exemplo, que colocam uma sequência de imagem em alta velocidade e música eletrizante, reproduzindo uma lógica de rendimento, no menor tempo possível (BITENCOURT, 2005; BETTI, 1998).

### **3.3.2 - Recepção da TV**

Escher e Reis (2007), ao analisarem as transmissões do Campeonato Brasileiro de 2005, constataram que este se tornou um grande espetáculo televisivo, o tele-espetáculo. Com o aumento massivo das transmissões das partidas de futebol, tanto em canal aberto quanto em canal fechado, houve uma despreocupação com o público nos estádios, mas a TV percebeu que a presença dos torcedores ao vivo era muito importante para as transmissões, já que passa mais emoção e deixa o jogo mais dinâmico, pois um dos objetivos é a transposição das emoções pelo tele-espetáculo. Esse fato torna-se especialmente observável em transmissões com estádios vazios, nas quais a sensibilização e o espetáculo ficam pobres. Até o narrador perde a emoção em narrar o jogo. Constatou-se também que o áudio é modificado a fim de intensificar a presença da torcida, uma vez que nem sempre o som que se ouve da torcida na televisão corresponde ao som real do estádio. A televisão diversas vezes capta os movimentos e sons dos torcedores, principalmente as coreografias e os gritos das torcidas organizadas para tentar reproduzir a emoção do estádio. Mas essas emoções são falsas, não são verdadeiras, pois são emoções distintas.

Percebe-se como esses artifícios representam uma tentativa de despertar um sentimento de pertencimento, o que se constata ao assistir-se a um programa esportivo com tantos apelos nas imagens, levando o telespectador a assumir uma posição não de observador, mas de participante. Na transmissão da comemoração da Copa América de Voleibol, filmada em primeiro plano, há uma sensação de coletivo, ou seja, de pertencimento àquele momento junto com os jogadores. É o que Maffesoli (1996, apud ARAÚJO e PORPINO, 2007) chama de ética da estética, que repousa sobre o prazer e

o desejo de estar junto, um sentimento de partilha, de experiência vivida, compartilhada.

O tratamento que é dado às notícias e às informações esportivas é empobrecido. Os comentaristas buscam interpretar e construir a sua verdade sobre os fatos. Com isso, constatou-se uma relativa autonomia, restando somente o mundo dos sentimentos e das emoções, que ficam, na maioria das vezes, no campo da superficialidade.

Outro fato constatado pelas pesquisas é de que os programas esportivos muitas das vezes valorizam somente a vitória pessoal de determinado atleta, como por exemplo, o Ronaldinho que saiu da pobreza e se consagrou como atleta, tornando-se exemplo de sucesso, riqueza e fama; com isso, “o mito da ascensão social por meio do esporte é constantemente transmitido pela Televisão” (ESCHER e REIS, 2007 p.7). Nessa perspectiva de construção de ídolos, Antunes (2007), ao analisar a recepção do discurso midiático em estudantes do ensino médio, constatou que a mídia televisiva necessita criar ídolos, como uma forma de tentar garantir o consumo de um evento, como a Copa do Mundo de Futebol, pois o fenômeno esportivo só se sustenta com a presença de “estrelas”. Logo, como conclusão do estudo, Antunes (2007) elucida que os estudantes acreditam que a criação dos ídolos se dá pelo fato do jogador ser bom, hábil e que não há relação alguma com interesses mercadológicos, financeiros, etc.

Em outro estudo, Valentin e Cavichioli (2007) observaram a construção midiática do herói do futebol, tomando-se como referência o Ronaldinho Gaúcho. Ficou evidenciado que muitos estudantes se espelham no jogador, tendo-o como referência e ídolo, o que demonstra os efeitos da influência da mídia na construção da personalidade dos atletas. Esse discurso se legitima por um “um sistema de crenças arbitrariamente inculcado nas consciências individuais através da operação dos aparelhos ideológicos do Estado burguês, como é o caso da mídia” (VALENTIN E CAVICHIOLLI, 2007, p.6). Observou-se que o discurso de “querer ser igual ao Ronaldinho Gaúcho” estava muito presente na faixa etária dos 14 e 15 anos, o que evidenciou uma maior abrangência da ideologia midiática nessa faixa etária.

O herói para Campbell (apud VALENTIN e CAVICHIOLLI, 2007) é alguém que, numa situação de injustiça, toma a iniciativa, vence todas as adversidades, consegue o sucesso e retorna ao seu povo como um verdadeiro herói. Os jovens que frequentam



escolinhas de futebol no bairro da COHAB sonham em ser jogadores profissionais. E o discurso da mídia reforça a idéia de que o sucesso é individual, só depende do esforço do garoto para conseguir tal feito.

Observou-se que os programas esportivos de forma geral pouco diferem entre si, mesmo havendo algumas mudanças estéticas, a forma de tratar as notícias são quase sempre iguais. Os apresentadores por vezes se dizem representantes do povo e tratam de assuntos que supostamente o povo quer saber, mas na verdade isso é forjado pelos próprios apresentadores ou pelas equipes jornalísticas de determinado canal de TV. (ESCHER e REIS, 2007).

Concorda-se com Antunes (2007) ao considerar que tratar do esporte e desconsiderar o efeito que a mídia produz sobre ele é desconsiderar uma grande parte da totalidade. Seu estudo constatou que a televisão e em seguida a internet exercem maior influência na formação de opiniões entre os jovens, que as consomem em uma média de 2 horas diárias. Esse fato também constatado por Mezzaroba (2007), cujo estudo revela que os estudantes relatam que tem na TV o principal meio de aquisição de informações sobre os Jogos Pan Americanos de 2007.

Os jovens afirmam nas suas colocações que a mídia proporciona uma grande diversidade de ideias e isso facilita a sua construção de opinião em relação aos eventos esportivos. Além disso, os estudantes mostraram um grande fascínio pela tecnologia empregada para transmissão da Copa do Mundo. A partir disso, a autora concluiu que há por parte dos estudantes uma aceitação à lógica do mercado (ANTUNES 2007).

Na percepção dos estudantes, só os indivíduos mais pobres, desprovidos de informações mais requintadas, é que sofrem influência do meio publicitário/midiático, como por exemplo, o fato de a publicidade veicular a informação de que um determinado produto é feito especificamente para cada indivíduo; porém na verdade há uma produção em série, na qual a individualização é ocultada. O estudo conclui que a mídia indiscutivelmente influencia na construção das opiniões dos estudantes sobre o esporte. Evidencia ainda a incorporação de valores veiculados pela mídia e a fácil adesão à lógica do mercado. Por isso, o educador não pode negligenciar esses fatos e deve criar oportunidade para que os alunos criem critérios para fazer uma filtragem dessas informações veiculadas pela mídia (ANTUNES, 2007).

Valentin e Cavichioli (2007), buscando entender se há relação entre o esporte espetáculo e o esporte praticado na comunidade da COHAB, constataram que os moradores buscam o futebol na Televisão, porque buscam ter a satisfação e o prazer do jogo da mesma forma que quando estão praticando. Mas na verdade essa satisfação é diferenciada, pois o contato com o jogo é distante das sensações reais de contato com os “trancos, os dribles, os chutes”. Dessa forma, o contato com a televisão vai “falsificando” uma realidade, tornando-a “menos excitante, emotiva e perigosa, pois o futebol tele-espetáculo afigura-se como uma relação passiva, estável e uniforme entre esporte e indivíduo” (Valentin e Cavichioli, 2007, p.4).

A influência da televisão sobre as pessoas, principalmente no processo educativo formal, não pode ser vista de modo passivo, como um fenômeno natural. Os estudantes devem assumir uma postura crítica em relação ao que está sendo transmitido e ao que estão assistindo. Mesmo a mídia impondo padrões de beleza e de comportamentos, gostos e desejos, com a articulação da mídia televisiva com a publicidade, em uma perspectiva de ampliação do consumo, os telespectadores podem se mostrar ativos nesse processo. E a escola deve ser um local que proporciona essa leitura crítica (ARAÚJO e PORPINO, 2007).

A escola é um espaço privilegiado para a reflexão acerca dessas temáticas relacionadas à mídia, e as aulas de Educação Física são o tempo e espaço propícios para isso, pois hoje já se concebe a escola como sendo um espaço de conflitos, debates e não mais de mera reprodução cultural. Assim, a escola deve questionar as informações passadas pela mídia, numa perspectiva de tomada de consciência crítica, que permita que os alunos consigam ter uma capacidade crítica de ler as mensagens da mídia, principalmente a televisiva (LIPPI, 2008).

### **3.3.3- Construção de Mensagens**

Marchi Jr. e Camile (2007) analisaram como se apresenta a formatação e a produção de um programa esportivo televisivo, no caso o Globo Esporte no Paraná. Os autores questionam como se estruturam os mecanismos de ações, relações e

disposições entre os agentes televisivos esportivos no processo de produção da mensagem esportiva.

A televisão se difere dos demais meios de comunicação pelo fato de associar uma nova forma de dar a notícia, que se dá por meio da articulação entre imagem e som, criando outra forma de linguagem. A partir da teoria dos campos de Bourdieu, Marchi Jr. e Camile (2007), identificou-se que o campo esportivo possui como áreas interligadas a educação, o treinamento, a dança, a sociologia e a comunicação. No programa Globo Esporte, existem grupos de pessoas que formam os “controles”. Há o “controle a”, o “controle mestre”, responsável pelos comerciais e o “controle ao vivo” responsável pelos links e entradas ao vivo. Quem decide o que vai ao ar é o produtor, que avalia as notícias de acordo com o valor comercial que elas possuem. Com isso, há um processo especializado em se informar, com profissionais do jornalismo que tiveram que se especializar em notícias esportivas.

Fato interessante é a constatação de que a ênfase é na notícia e não nas repercussões ou desdobramentos futuros. Como o tempo do programa é curto, os profissionais devem ter uma grande capacidade de síntese, no entanto as notícias não ultrapassam a superficialidade, pois assumem uma função comunicativa e não explicativa. Outro ponto constatado é que a emissora exige uma padronização na construção das mensagens, não sobrando muita autonomia para os profissionais. Isso assegura que o telespectador assimile as informações de forma sempre igual, criando uma rotina contínua de consumo. Concluiu-se que não existe manipulação nas informações criadas e passadas ao público e sim interesses que são assegurados nas transmissões (MARCHI JR e CAMILE, 2007).

Sendo assim, os artigos analisados de certa forma possuem diversas semelhanças nos resultados retratados. Observa-se uma aproximação quando afirmam que a mídia televisiva produz apelos sensacionalistas, como a sedução; por meio das emoções, fabricam-se desejos e sentimentos para o consumo. A televisão promove uma espetacularização do esporte, que oculta interesses mercadológicos por detrás das informações e imagens veiculadas, voltadas para o consumo e reprodução do capital. Os tele-espetáculos esportivos constroem ídolos e mitos esportivos pela homogeneização de comportamentos na figura do herói. Dessa forma, torna as

informações áudio-visuais efêmeras, rápidas e transitórias, produzindo uma realidade fragmentada.

A mídia televisiva busca construir um discurso que valoriza o individual, pois os sucessos são sempre individuais, como é o caso da construção dos ídolos esportivos. Veicula-se um discurso falso de que o sucesso só depende do esforço individual de cada um, o que não se configura como uma verdade, pois as condições objetivas da realidade são muito mais complexas e perpassam toda uma relação cultural, social e econômica.

Pode-se apreender que a televisão pode ter o “poder” de influenciar na construção de opiniões sobre diversos assuntos, inclusive o esporte. A televisão procura despertar nos telespectadores as mesmas sensações que se tem em um jogo ao vivo, mas ela nunca conseguirá, apesar de usar artifícios para reproduzi-los. As realidades são diferentes, pois o que se busca muitas vezes é a substituição do real pelo virtual. A televisão, para atingir e agradar o maior número de pessoas, transmite as notícias de forma superficial, sem aprofundá-las, sem a busca de um processo reflexivo. Nos assuntos relativos ao esporte, só informa e, quando analisa, isso é feito pelos comentaristas e narradores esportivos, construindo uma verdade particular. Os programas esportivos privilegiam despertar as emoções e sensações de prazer, com interesses de entreter e de aumentar o mercado consumidor.

Diante de todo o exposto se faz imprescindível um processo educativo e reflexivo sobre as mensagens midiáticas e as influências exercidas por ela. Dessa forma, a escola pode se tornar um espaço de reflexão, numa perspectiva de educação para as mídias. A educação formal deve ficar atenta a todas as inovações midiáticas e o corpo docente necessita se apropriar dos novos conhecimentos impostos pela sociedade da comunicação (BELLONI, 2005).

## **4 - MÉTODO DE PESQUISA**

O presente capítulo tem como objetivo discorrer sobre o lócus da pesquisa, fazendo uma breve caracterização da Região Administrativa e das duas escolas pesquisadas, assim como uma breve discussão sobre a juventude, contextualizando-a nos dados oficiais do Brasil.

### **4.1- Lócus da pesquisa**

O Distrito Federal é uma unidade da federação constituída por 30 Regiões Administrativas, RAs, com uma população total de 2.455.903 habitantes (GDF, 2010). Em sua organização político-administrativa, conta com a Secretaria de Estado de Educação que é responsável pela gestão de políticas públicas educacionais e pela coordenação de um sistema no qual estão inseridas 616 escolas distribuídas nas 14 Regionais de Ensino em todas as regiões administrativas e demais cidades do Distrito Federal. Em 2008 havia 501.276 estudantes matriculados na rede pública, sendo 64.273 estudantes de ensino médio (CODEPLAN, 2010).

A RA na qual as duas escolas estão localizadas possui uma população estimada em 100 mil habitantes, com uma concentração predominantemente jovem, na qual 47% da população (42.000 pessoas), possuem menos de 20 anos de idade. Destes, 21,55% têm entre 10 e 19 anos de idade. Na faixa dos 20 a 30 anos, encontram-se 20% da população. Apenas 3% das pessoas têm mais de 60 anos de idade. 51% são mulheres e 49% homens (GDF, 2010). Esses dados demonstram a importância de se fazer os jovens estudarem, uma vez que se configuram como maioria.

Em 2004, possuía 11.891 empregados com carteira assinada, 5.265 empregados sem carteira assinada e 7.343 autônomos (SEPLAN/CODEPLAN - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio - PDAD – 2004). No período de 2000 a 2004 ocorreram 99 casos oficiais de homicídio, e de 2000 a 2003, foram 164 ocorrências de tráfico de drogas (DEPO/PCDF).

Essa RA possui 22 escolas da rede pública, sendo apenas duas de Ensino Médio; um Centro de Educação Infantil; seis Centros de Ensino Fundamental (CEF),

que atendem estudantes de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série preferencialmente, e treze Escolas Classes, que atendem estudantes de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental.

Uma pesquisa realizada e publicada pelo IBGE (2003) mostra que, das 607 escolas públicas existentes no Distrito Federal, 346 possuem instalações esportivas, sendo que 15 possuem somente piscina, apenas oito possuem quadra coberta e 295 possuem quadra não coberta. Em 2010, várias escolas iniciaram o processo de cobrir as quadras existentes, por uma iniciativa governamental.

A escolha dessa RA se deu pelo motivo de o pesquisador/mestrando ter uma relação de trabalho desde o ano de 2007 como professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; porém somente com experiências focadas em escolas de Ensino Fundamental, mais precisamente do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano. A motivação de se investigar a escola pública e o Ensino Médio se deu pelo interesse em conhecer melhor os estudantes, professores e escolas e aprofundar os conhecimentos acerca da Educação Física de forma sistematizada e organizada cientificamente, nessa região, pois não foi encontrado nenhum estudo que tratasse da Educação Física nessa RA. Optou-se por não identificá-la, deixando-a no anonimato para evitar qualquer tipo de constrangimento aos participantes da pesquisa, como foi acordado no Termo de Livre-Consentimento assinado pelos pesquisados.

A escola 1 funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno) e possui um total de 2.400 estudantes. São aproximadamente 800 estudantes em cada turno, sendo 17 turmas por turno. Possui uma média de 45 alunos por sala. Não disponibiliza acesso à internet para os estudantes, por não ter equipamento. A configuração das turmas de 3<sup>o</sup> ano se dá da seguinte forma: no matutino são 4 turmas, o que dá um total estimado de 180 estudantes; no vespertino são 3 turmas, com aproximadamente 135 estudantes. No total. Há quatro professores de Educação Física nos três turnos. Os espaços disponíveis para as aulas eram duas quadras poliesportivas, sendo uma coberta e outra não, e um pequeno pátio ao lado de uma das quadras.

Já a escola 2 possui 20 turmas no turno matutino, sendo 4 turmas de 1<sup>a</sup> série, 10 turmas da 2<sup>a</sup> série e 6 turmas da 3<sup>a</sup> série, todas do Ensino Médio. No turno vespertino, funcionam turmas de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental. Há um laboratório de

informática que tinha sido montado recentemente. Possui aproximadamente 25 computadores, com programas básicos, como Word. Não possui internet.

A escola possui aproximadamente 2.200 estudantes juntando os 3 turnos. Uma média de 270 na 3ª série do Ensino Médio. Há 4 professores de Educação Física. Os espaços destinados para a Educação Física são: uma quadra poliesportiva e um pátio - porém os demais professores reclamam de barulho. Até o ano de 2009 foram desenvolvidos trabalhos que tematizavam os elementos circenses, como malabares, pirâmide de equilíbrio, etc.

#### **4.2- Delineando a Pesquisa**

O tema de pesquisa abordado não se encontra isolado na sociedade, ele está conectado, interligado com outros aspectos da realidade, já que faz parte de um todo. O esporte enquanto componente curricular não pode ser interpretado de forma dissociada, isolada. A partir da imersão no campo realizado no Estudo Piloto/exploratório, compreendeu-se a necessidade de fortalecer a articulação da temática “mídia” ao estudo, pois não seria possível fazer um estudo que tematizasse o esporte sem estabelecer dialeticamente sua relação com a mídia, uma vez que “a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc.” (GIL, 1999, p. 32). Também fez-se presente neste trabalho a categoria totalidade, a qual “significa que a realidade social se configura como um conjunto de partes, articuladas, em processo permanente de constituição, em determinação recíproca” (TONET, 1999, p.3).

A pesquisa realizada tomou como base as referências da pesquisa qualitativa, numa perspectiva de análise e compreensão de determinados fenômenos da realidade. Compreender a realidade não é uma tarefa simples e o desafio é grande, pois “a realidade sempre foi complexa, mas nosso conhecimento sobre ela nem sempre se deu na mesma relação de sua complexidade” (GHEDIN; FRANCO, 2006, p. 7).

Pesquisas desse caráter carregam algumas características que as diferem de outras. Por exemplo, a fonte direta de dados é o ambiente natural; por isso os pesquisadores imergem, despendem grandes quantidades de tempo no local de interesse da pesquisa, pois compreendem que o contexto é importantíssimo para o estudo. Outra característica é o fato de ser descritiva, pois os dados recolhidos estão em forma de palavras ou imagens e não de números; assim, os dados incluem “transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

Na pesquisa qualitativa, é dada mais ênfase ao entendimento do processo e não somente dos resultados finais. Nesse tipo de pesquisa, busca-se compreender o *significado*. Com isso, busca-se compreender como diversos tipos de pessoas dão sentido às suas vidas ou a determinado objeto. Por isso o pesquisador qualitativo deve evitar tirar conclusões precipitadas, suspendendo ou afastando suas próprias crenças, perspectivas e predisposições e vendo as coisas como se estivessem ocorrendo pela primeira vez (GHEDIN; FRANCO, 2006).

Com essas preocupações, foi realizado no primeiro semestre de 2010 o estudo piloto ou estudo exploratório (anexo 2), nas duas escolas de ensino médio pesquisadas. Foi feito o contato inicial com as direções das escolas para obter as autorizações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa (anexo 3), assim como o primeiro contato com os professores de Educação Física e com o ambiente a ser pesquisado.

As técnicas escolhidas para o desenvolvimento dessa pesquisa foram o grupo focal com os estudantes, a entrevista com os professores, a produção de vídeo, a observação de aulas, análise do PPP e do Currículo do DF. Sendo que os três primeiros procedimentos foram os principais.

A entrevista tem uma aplicabilidade reconhecida em diversos estudos, sendo “uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas no âmbito das ciências sociais” (GIL, 1999, p. 117). A entrevista “consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, [...] dirigida por uma das pessoas, com objetivo de obter informações sobre a outra” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.134). Ela tem sido bastante empregada porque permite “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos



interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 134). Segundo Gil (1999, p.118) a entrevista apresenta diversas vantagens na sua utilização, dentre elas destacam-se a de que “possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social” e que “é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano”.

Outra característica positiva é o fato de as “entrevistas qualitativas oferecerem ao entrevistador uma amplitude de temas consideráveis, que lhe permitem levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.135). Outros aspectos positivos são destacados, como:

[...] há maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente, especificar algum significado; dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos; há possibilidade de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 198).

Há várias formas de se organizar e realizar uma entrevista. Bogdan e Biklen (1994) identificam 3 tipos, a *totalmente estruturada*, que tem um caráter mais rígido; a *não estruturada*, que tem uma forma menos rígida, portanto mais livre, e por fim a *semiestruturada*, que se encontra entre as duas anteriores. Optou-se por utilizar essa última opção, pois traz perguntas elaboradas, previamente organizadas por um roteiro de entrevista, assim “fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.135). Além disso, a entrevista semiestruturada é empregada por ser um “procedimento utilizado na investigação social para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 195).

Bogdan e Biklen (1994) versam algumas recomendações acerca dessa técnica, como criar um ambiente tranquilo e aconchegante para que os sujeitos se sintam à vontade para falar livremente sobre seus pontos de vista. Dessa forma, ficará mais fácil para se obter uma farta riqueza de dados. Fato que ocorreu nas entrevistas com os professores, pois foram realizadas em uma sala de aula, em horários que não estava

havendo aulas por perto, existindo um certo silêncio. O mesmo não ocorreu com a realização dos grupos focais.

O grupo focal é uma técnica utilizada em pesquisas de cunho social, sendo amplamente aceita e desenvolvida nos estudos de psicologia social. Gatti (1998) resgata que o início de sua utilização data da década de 1920, mas que só foi devidamente aceita dentro das ciências sociais na década de 1980.

O grupo focal tem a finalidade de constatar a formação de opiniões e atitudes na interação social, favorecendo a manifestação de diferentes percepções e concepções acerca do mesmo tema; com isso os “grupos focais têm por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações” (GATTI apud MORGAN E KRUEGER 1993). O que se torna um bom instrumento quando se quer explorar o grau de consenso de um grupo sobre certo tópico e quando se quer compreender diferenças e divergências, contraposições e contradições.

A coleta de dados se realizou durante o segundo semestre letivo de 2010, ou seja, de agosto a dezembro de 2010. Desta forma, foram entrevistados estudantes de duas escolas públicas de uma Região Administrativa (RA) do Distrito Federal que oferecem o Ensino Médio (Escola 1 e Escola 2). Os estudantes abordados estavam finalizando a última etapa do Ensino Básico, ou seja, no 3º ano do Ensino Médio, sendo no modo regular e diurno. Os estudantes foram triados por meio de uma pergunta simples no início da pesquisa, de forma que foram selecionados somente aqueles que cursaram todas as séries da educação básica (ensino fundamental e médio) em instituições públicas de ensino no Distrito Federal, de ambos os sexos. Todos estavam formalmente matriculados e possuíam assiduidade nas aulas. Antes do início das observações e da realização dos grupos focais foram explicados os objetivos e todos os procedimentos do estudo, com isso todos os estudantes assinaram o Termo de Livre Consentimento (anexo 3), advindo da aprovação da pesquisa no Comitê de Ética da Faculdade de Saúde, FS, da Universidade de Brasília, UnB. Na escola 1 foram realizados 5 grupos focais, o que foi repetido na escola 2, totalizando 65 estudantes, de acordo com a disponibilização dos horários definida juntamente com os professores regentes das escolas.

Após o contato inicial com a escola, a direção, o professor e os estudantes foram realizados os grupos focais com o objetivo de se constatar como se dá a relação dos estudantes com o esporte, especificamente dentro da escola, assim como as influências da mídia televisiva nesse processo. Essa etapa foi realizada em duas sessões no mesmo horário da aula de Educação Física. Algumas vezes não foi possível realizar a atividade, pois no dia marcado ocorreu alguma atividade como torneio esportivo, palestras, provas ou liberação dos estudantes mais cedo, por questões administrativas.

O contato inicial com os estudantes de cada turma se deu com apresentação formal do pesquisador pelo professor regente da escola. Após a explicação dos objetivos da pesquisa foi feita uma pergunta para buscar os interessados em participar da pesquisa, pois “a atividade no grupo focal deve ser atraente para os participantes, por isso preservar sua liberdade de adesão é fundamental” (GATTI, 2005). Após a manifestação dos estudantes foi formado um pequeno grupo e os demais estudantes se dirigiam para a quadra esportiva com o professor regente. Na escola nº 1 participaram em média 6 a 8 estudantes e na escola nº 2 participaram entre 8 e 11 no grupo focal. Inicialmente foi aplicado aos estudantes um formulário introdutório com uma série de questionamentos acerca do contato que os estudantes possuem com as mídias (anexo 3). O formulário teve como objetivo obter informações sobre o acesso a quais tipos de mídias (televisão, rádio, jornais, revistas, internet) os estudantes têm contato, os locais de acesso (em casa, em “lan houses”, na casa de amigos), a frequência (diária, semanal, mensal), o conteúdo acessado (bens culturais como filmes, cinema, teatro). Além de buscar compreender como se dá o contato com a mídia esportiva, se por meio de jornais impressos, internet, rádio ou televisão. No caso de televisão, se esse contato se dá por meio de telejornais ou programas específicos (quais, em que horários, em que emissoras).

Durante a entrevista com os professores, foram seguidas as sugestões de Bogdan e Biklen (1994) nas quais o entrevistador não deve alimentar as respostas dos entrevistados, tentando adivinhar o final das frases e completando-as, pois pode fazer com que os sujeitos sintam-se desconfortáveis. E nem se posicionar contrário frente aos pontos de vistas e argumentações que o entrevistado expressar, pois não é papel

do entrevistador tentar modificá-las e sim buscar compreendê-las, assim como as razões que levaram-nos a construí-las (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Havia diversos pontos de vista, diversas interpretações frente às aulas de Educação Física e ao esporte formulados pelos estudantes de escolas públicas do Distrito Federal, contudo a entrevista possui limitações. Gil (1994) expõe que pode ocorrer falta de motivação do entrevistado para responder as questões, inadequada compreensão do significado das perguntas ou influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado. Em relação à motivação, espera-se criar um ambiente propício e agradável para a realização da entrevista. Espera-se elaborar perguntas concisas e diretas. E o entrevistador/pesquisador deverá se manter o mais neutro possível para não influenciar o entrevistado.

É ressaltado que em investigação qualitativa “as entrevistas podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.134). Isso aconteceu nessa pesquisa, porque também foram utilizados para a análise dos dados documentos oficiais da escola e da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Dentre os diversos tipos de documentos existentes, o tipo que mais despertou interesse foi denominado *Comunicação Externa*, ou seja, os que se referem a materiais produzidos pelo sistema escolar para o consumo público. Assim, este tipo de material é “útil na compreensão das perspectivas oficiais sobre os programas, da estrutura administrativa e de outros aspectos do sistema escolar” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 181). Há outras vantagens do uso de fontes documentais que são destacadas por Gil (1999): tais fontes possibilitam o conhecimento do passado e a investigação dos processos de mudança social e cultural.

A coleta de dados a partir de fontes documentais, produzidas por órgãos administrativos, como a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, ou produzidas no interior da escola, como diários de classe e atas de reuniões, são questionadas do ponto de vista da validade por alguns pesquisadores. A justificativa seria a de que na prática e no cotidiano escolar os fatos reais não se dão da mesma forma como estão escritos, o que mascararia a realidade. Porém, outros autores discordam e afirmam que são válidas essas fontes de dados, porque demonstram as

diversas formas de se conceber aspectos da realidade concreta e essa diversidade de interpretações é importante para uma compreensão do todo (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Nesse ponto, os objetos de análise foram os Projetos Político-Pedagógicos das Escolas e o Currículo da Secretaria de Educação do Distrito Federal, no que tange à parte específica da disciplina curricular Educação Física. Esse Currículo entrou em vigor no ano de 2008; com isso, ainda é bastante recente. Nele foi avaliada a concepção e o enfoque que é dado ao esporte, sob qual perspectiva espera-se ou recomenda-se que ele seja trabalhado.

Havia uma proposta inicial, pensada no projeto de pesquisa, que era de incentivar os estudantes a realizarem filmagens a partir da construção de um roteiro prévio e por meio da seleção das imagens editar um pequeno vídeo, utilizando programas simples como o “*windows movie maker*”, com o objetivo de evidenciar a compreensão dos estudantes frente ao esporte.

Dessa forma, essa idéia foi aperfeiçoada a partir da realidade que se mostrou em contato com os estudantes e das escolas participantes, assim foi proposta a produção de um curta metragem, com até 3 minutos de duração para a constatação do fenômeno esportivo, por parte dos estudantes.

### **4.3 - Produção do vídeo – curta metragem**

A produção do vídeo deu-se na escola 1 por meio de uma oficina com o tema “O esporte dentro da escola: uma visão dos estudantes do Ensino Médio”. A oficina teve como principais objetivos: capacitar o estudante na linguagem audiovisual; despertar nos estudantes a sensibilidade estética para a linguagem audiovisual dentre outras áreas do conhecimento e da arte; instigar o senso crítico nos estudantes; vivenciar a produção de um vídeo, desde a etapa inicial até a final. A Oficina foi ministrada pelo professor/pesquisador e por um professor do Serviço Social do Comércio, SESC/DF, que possui o projeto “Cinema na Escola”. Teve como fundamento a Mídia-Educação (BELLONI, 2005).

A mídia-educação preconiza a educação para as mídias com a formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação e comunicação

(TICs), pois o poder de influência da mídia na vida dos cidadãos e a forma de “penetração destas máquinas inteligentes em todas as esferas da vida social é incontestável” (BELLONI, 2005, p. 6).

Com isso, compreender de que forma um vídeo é produzido possibilita dar ferramentas para que uma análise crítico-problematizadora de determinado filme possa ser feita com mais propriedade e segurança. Compreender que em uma cena as ações são filmadas e que de acordo com a angulação e posicionamento da câmera, por exemplo, pode-se dar um caráter mais ousado ou conservador para o que está sendo encenado já é uma forma de analisá-la criticamente.

Além disso, o acesso à técnica de cinema não é um tema assegurado pelo Currículo das Escolas Públicas do Distrito Federal, tampouco a disciplina curricular Educação Física tem tal preocupação. Portanto pode ser considerado como um conhecimento restrito a uma pequena parte da população, por ser um conteúdo muito específico, apesar de edição de vídeos amadores por meio de programas de edição como o movie maker, ou os publicados no youtube, por exemplo. Assim podemos considerar que a oficina de vídeo proposta vem no sentido de democratizar o acesso ao conhecimento e à informação, à medida que coloca os estudantes de uma escola pública, provenientes de uma região de baixa renda, em contato com a instrumentalização das técnicas de um filme.

Na perspectiva de constatar a compreensão do esporte dentro das aulas de Educação Física durante a educação básica, Wohlgemuth (2005) alerta que o vídeo é um excelente instrumento de reprodução de mensagens audiovisuais ou de produção de mensagens, sendo que:

[...] as imagens de vídeo são imagens da realidade, mas não a própria realidade. Portanto, a produção de mensagens audiovisuais exige a realização de um trabalho consciente e deliberado sobre a realidade, que deve ser transformada em imagens e sons capazes de levar ao interlocutor massivo um conjunto de informações, um conjunto de dados educativos e um conjunto de dados de elementos de capacitação. Nenhum vídeo, nenhum equipamento de produção audiovisual faz isso sozinho – o vídeo não é mais do que uma ferramenta nas mãos de alguém e a serviço de uma proposta, de uma idéia (WOHLGEMUTH, 2005, p.12).

Com isso, a compreensão dos estudantes a respeito da realidade da educação física dentro do ambiente escolar se fez presente.

Todos os estudantes que estavam sendo pesquisados foram convidados a participar, com a realização de uma inscrição prévia. Porém, menos da metade se interessou; assim, participaram desse trabalho, 10 estudantes, sendo 3 do sexo feminino e 7 do sexo masculino, todos do 3º ano do Ensino Médio. A oficina ocorreu em 4 dias. No primeiro dia, ocorreu a explanação e um debate acerca dos objetivos da oficina, destacando que, de acordo com a constatação de que o conteúdo prioritário das aulas de Educação Física era o Esporte, o tema sugerido para a oficina foi “o esporte dentro da escola: uma visão dos estudantes do Ensino Médio”, que foi prontamente aceito por todos.

A seguir foram apresentados 4 vídeos que tratavam da relação do Esporte com a mídia. A intenção da apresentação prévia dos vídeos era sensibilizar e estimular por meio da linguagem áudio-visual possíveis idéias que poderiam servir de base para oficina. O primeiro vídeo mostrou cenas selecionadas de partidas de futebol de campo em vários países do mundo, inclusive no Brasil, que retratam a violência entre os jogadores, com entradas violentas e imprudentes entre eles, feitas com a nítida intenção de machucar, e imagens de discussões, brigas e confusões entre os jogadores de times adversários e de jogadores com os árbitros em partidas.

O debate travado direcionou-se à violência dentro do esporte, principalmente o futebol, fato que é “mascarado” dentro da grande mídia esportiva, que busca associar o esporte a uma imagem positiva de paz. Uma relação do esporte com a promoção da paz pode ocorrer em jogos comemorativos promovidos por seleções de países em parceria com a Organização das Nações Unidas (2003), mas isso não é uma característica inerente ao fenômeno esportivo, e sim um valor, uma função atribuída intencionalmente a ele.

O 2º vídeo mostrou o gol ilegal realizado pela seleção de futebol da França nas eliminatórias da Copa do Mundo de 2010 contra a seleção da Irlanda, em que o jogador Thierry Henry ajeitou a bola com a mão, ao recebê-la de um lançamento, e assim conseguiu realizar o passe que resultou no gol que classificou a França para o mundial de futebol de 2010.

O debate que se travou foi em direção à honestidade dentro do esporte, quando foi debatido “será que a expressão ‘os fins justificam os meios’ estão valendo no esporte?”, “será que por meios ilícitos vale a pena a vitória?”. Um dos estudantes lembrou-se da participação ilícita de alguns atletas em competições oficiais, pelo uso de substâncias que favorecem o desempenho (dopping).

O 3º vídeo tematizava a relação do esporte com o marketing, intitulado “A espetacular indústria do Marketing Esportivo e a sua grande influência sobre o consumo”. O vídeo constitui-se por uma coletânea de propagandas esportivas, dentre elas uma da marca “Adidas” que possui jogadores como Messi (melhor jogador do mundo pela FIFA no ano de 2009 e Bola de Ouro da FIFA em 2010), Beckham (segundo melhor do mundo em 1999 e 2001) e Robinho (jogador da seleção brasileira) em uma partida de futebol com cenas impossíveis para um cidadão normal, mas que expõe ao final que nada é impossível para quem usa os produtos da marca “Adidas”.

O 4º vídeo trata dos valores dentro do esporte, com uma reflexão sobre um acontecimento olímpico representado por atletas especiais da Associação de pais e amigos dos excepcionais, APAE-SP. Um dos participantes cai na pista e os demais voltam para auxiliá-lo e todos chegam juntos, abraçados. Esse vídeo confronta o pensamento de vitória a qualquer custo x cooperação e solidariedade, cada vez mais raros no modelo social atual e reflete sobre o fato de adversários não serem inimigos. Outro fato mostrado foi a medalha Pierre de Coubertin, dada ao corredor brasileiro Vanderlei Cordeiro nas Olimpíadas de 2004, por ter sido atrapalhado quando iria vencer a maratona.

Travou-se uma discussão a respeito dos valores impostos pelo esporte, fazendo-se uma relação da vivência dos estudantes com a as aulas de Educação Física desenvolvidas na sua experiência escolar.

No 2º momento foram apresentadas as funções e os equipamentos destinados à realização de um filme. Foi apresentado o tripé, a câmera da marca “Sony HDV”, de uso profissional, a aparelhagem de som como o microfone, a claquete. Em seguida, foi apresentada a forma mais eficaz de se segurar a câmera, a fim de se ter uma maior mobilidade, fundamental para a filmagem, assim como a forma de se fazerem as tomadas de cena, os tipos de enquadramento e os posicionamentos da câmera.



O enquadramento consiste em onde e como posicionar a câmera durante as gravações. Uma forma é fazer o enquadramento como uma reprodução da “visão normal” do ser humano; outra consiste em aproximar, dar ênfase a algum objeto ou pessoa para destacar algo que seja necessário para a cena. Tudo de acordo com o ângulo da câmera, decidindo-se qual a área do ambiente que vai ser incluída na cena, ou seja, a “tomada”, e qual o ponto de vista.

Foram apresentados 5 tipos de planos, de enquadramentos, ou seja, a área que a informação significativa ocupa na tela, é o quadro de imagem, quais sejam:

- a) Plano Geral: que mostra todos os elementos da cena, muito utilizado quando se quer mostrar uma pessoa, grupo de pessoas ou objeto (s) dentro de um contexto ou mostrar o cenário. Como o nome diz, é um plano geral.
- b) Plano Inteiro: que mostra somente a pessoa, animal ou objeto fora de qualquer contexto, mas revelando as suas características peculiares. Como se filmasse a pessoa dos pés a cabeça.
- c) Plano de detalhe: que dá ênfase a alguma característica ou detalhe de alguma pessoa ou objetivo. É um enquadramento muito próximo, por exemplo, de um nariz, de um olho ou uma bochecha.
- d) Primeiro Plano: que ocorre quando se faz necessária a percepção apenas da cabeça de uma pessoa até um pouco abaixo dos ombros.
- e) Plano Médio: que mostra uma pessoa da cintura pra cima ou pouco abaixo dos cotovelos, quando estes estão estendidos. Mostra a ação de uma distância média entre o plano geral e o primeiro plano.
- f) Plano Americano: quando é necessário perceber uma pessoa a uma distância média, até a altura dos joelhos (WOHLGEMUTH, 2005, p. 66-68).

No 2º dia foi iniciado o processo de construção da história do vídeo. Para isso foi apresentado aos estudantes um grupo de temáticas advindas dos grupos focais anteriormente realizados com os estudantes nas duas escolas. Os temas sistematizados foram: a) o incentivo ao consumo de materiais esportivos, como: chuteiras de jogadores profissionais e camisas de times por parte dos meninos; b) o sonho de ser jogador de futebol profissional por conta da fama e assim sair da pobreza;

c) a influência da mídia no modelo de corpo feminino, as influências da moda, a forma de se vestir, andar e falar; d) A construção do “herói ou monstro” pela mídia, como o caso do ex-jogador de futebol do Flamengo Bruno; e) a escola como lugar seguro para a prática de atividade física, mais precisamente o futebol, por se tratar de uma comunidade violenta; f) o espaço escolar como único espaço/tempo para a prática de atividade física, principalmente para as meninas; g) a escola como principal espaço para o aprendizado de esporte, principalmente para as meninas; h) as aulas de educação física quase como sinônimo de esporte, principalmente, com ênfase nas 4 modalidades hegemônicas, porém com predominância no futebol e no vôlei; i) a divisão entre meninos e meninas no direito de uso da quadra, sendo destinada uma semana de uso para cada gênero; j) a ausência nas aulas de Educação Física de trabalhos com mídia áudio-visual durante todo o ensino fundamental e médio, k) a pouca diversidade das aulas, pois elas se estruturam de forma muito parecida; l) o jogo como meio de se conhecer a personalidade de uma pessoa, se é educada, companheira ou honesta; m) o esporte, que ocupa o tempo e tira do mal caminho, principalmente das drogas.

O grupo de estudantes foi dividido em 5 grupos com 2 integrantes cada. Cada grupo escolheu um tema e desenvolveu uma história livre sobre o tema escolhido. Cada dupla teve aproximadamente 1h e 20 minutos para desenvolver sua história. Os temas selecionados foram: B, E, I, L e M. Após apresentação de cada dupla e de um debate com a participação de todos, foi escolhida a história que mais agradou a todos, tanto pelo conteúdo como pela viabilidade de ser encenada e filmada. Com isso, foi escolhida a história que tratava **da divisão de gênero no uso semanal da quadra poliesportiva nas aulas de Educação Física**. Uma problematização a respeito desse tema foi realizada para se ampliar a compreensão dos estudantes sobre o assunto e para suscitar mais elementos para compor a história. Entre os assuntos debatidos, destacou-se o fato das meninas serem vistas como sexo mais fraco e menos hábil em relação aos meninos.

Em seguida, a história foi reescrita com as contribuições dos demais estudantes e realizada a criação do roteiro no quadro negro, contendo as cenas, as angulações da câmera, os planos e as falas. Em seguida, foram feitas as divisões de tarefas de acordo com o interesse e afinidade de cada estudante, constituindo-se a equipe, a partir disso,

em um câmera, um assistente de câmera, um assistente de som, um diretor e seis atores. Posteriormente foi escolhida a quadra coberta de esportes da escola como espaço de gravações e feito um ensaio geral.

No 3º dia, as filmagens foram realizadas, todas pelos próprios estudantes, com a orientação dos dois professores. Após a captação de todas as cenas e imagens, foi feita uma pré-edição, utilizando-se o programa de edição “Adobe Premiere cs 4”.

No 4º dia foi finalizada a edição das imagens e do áudio, que também foi proposto e selecionado pelos estudantes. Em seguida, foi realizada uma avaliação final da oficina.

Nenhum dos estudantes havia encenado, produzido ou filmado algum tipo de vídeo e a partir dessa experiência alguns mostraram interesse em continuar os estudos no campo audiovisual em outros cursos e/ou na educação superior, por exemplo no curso de Comunicação Social. Outro fato que merece atenção é o de que nenhum desses estudantes tiveram algum trabalho relacionado às mídias dentro das aulas de Educação Física durante todo o curso básico.

#### **4.4 - Processamento e Análise dos dados**

Após toda a coleta dos dados, os seguintes passos foram dados seguindo as recomendações de BOGDAN E BIKLEN (1994). No processo de transcrição foram encontradas algumas adversidades, como o fato de o áudio estar com ruídos advindos da captação do som do ambiente da escola, dos corredores e de outras salas, pois os grupos focais foram realizados durante a realização das atividades normais da escola no turno matutino. Em alguns momentos, isso dificultou o entendimento e conseqüentemente o processo de transcrição das falas. Foi feita também a tabulação dos dados advindos do “formulário de práticas culturais e consumo de mídias”, organizados em tabelas e gráficos para melhor visualização, utilizando o programa “Microsoft Office Excel 2007”. Para a análise dos dados, foram feitas *categorias de codificação*, “que constituem um meio de classificar os dados descritivos recolhidos”

(BOGDAN E BIKLEN, 1994), seguindo as sugestões: a) códigos de contexto, que se referem “aos códigos segundo os quais a maior parte das informações sobre o contexto, a situação, o tópico ou os temas podem ser classificados”; b) *códigos de definição da situação*: que “descrevem a forma como os sujeitos definem a situação ou tópicos particulares. Está interessado na visão que os sujeitos têm do mundo”; c) *pensamentos dos sujeitos sobre pessoas e objetos*: que “apontam para códigos que revelam a percepção que os sujeitos têm uns dos outros”; d) *códigos de processo*: que se referem à “categorização das sequências de acontecimentos, mudanças ao longo do tempo ou passagens de um tipo ou gênero de estatuto para outro”; e) *códigos de “atividade”*: que “são dirigidos a tipos de comportamentos que ocorrem regularmente”; f) *códigos de relação e de estrutura social*: representando a diferença no tratamento de gênero nas duas escolas pesquisadas; g) *códigos da criação de vídeo*; h) *códigos de influências da mídia* (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.221 - 226).

Todas as categorias passaram por um processo de subdivisões, o que facilitou o processo de análise dos dados, que se estabeleceu a partir da relação com as técnicas de coleta de dados.

#### **4.5 - Algumas considerações sobre os jovens**

A compreensão sobre a Juventude pode acontecer sob diversos enfoques. (PAIS, 1993) reconhece a existência de diversas correntes teóricas dentro da Sociologia da Juventude. A primeira corrente é denominada de *geracional*, na qual se procura compreender a juventude no sentido de fase de vida e que assim pode ser dividida em duas tendências, a primeira que recebe o que já foi vivido (idéias, valores, etc.) da geração antecedente e a segunda que deixa fluir a sua própria espontaneidade. Dessa forma, podem se desdobrar gerações de épocas cumulativas, ou seja, que experimentam uma suficiente homogeneidade entre o “recebido” e o “inerente”, ou gerações em que há heterogeneidade nesses elementos, assim se constituindo atravessadas por conflitos intergeracionais.

A segunda corrente é a *classista*, a qual compreende a juventude na perspectiva de classes sociais, ou seja, a partir das relações de classe, pois de acordo com essa corrente “a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais: quer a nível da divisão social do trabalho quer, principalmente, a nível da condição social” (PAIS, 1993, p. 44), constituindo por isso expressão de antagonismos de classe.

Uma terceira forma de “olhar” a juventude acontece a partir dos quotidianos dos jovens. Desse modo, desenvolveu-se o conceito de *cultura juvenil*, que é entendida como “o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude [...], isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (PAIS, 1993, p. 54). Dessa forma leva-se em conta os diferentes cursos de vida e contextos sociais vividos pelos jovens.

A realidade concreta demonstra que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes níveis de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder na sociedade brasileira. Há duas vertentes expressivas na busca pela compreensão desse segmento social. O primeiro tem um enfoque *biopsicológico*, que tem como foco a compreensão do jovem a partir das incertezas e instabilidades próprias da transição da fase adolescente para a fase adulta. O segundo tem um enfoque *sociocultural*, que busca a interpretação do jovem a partir dos códigos próprios, como vocabulário particular, gostos específicos no vestir, relacionamento em grupo, namoro, dança, música, entre outros (POCHMANN, 2004).

Essas duas últimas formas de compreensão da juventude estão em consonância com a forma de conceber o estudante de acordo com o projeto político pedagógico de uma das escolas, na qual afirma que o estudante deve ser entendido:

Mais do que um recorte geracional ou de faixa etária, é preciso entender o jovem como alguém que agrega um conjunto de marcas simbólicas, com formas próprias de ler a realidade e entender o mundo, extremamente importantes para sua formação [...] O desafio é buscar entender esses alunos na sua condição de jovens compreendendo-os nas suas diferenças, percebendo-os como sujeitos que se constituem como tal a partir de uma trajetória histórica com visões de mundo, valores, sentimentos, emoções, comportamentos e projetos de mundo bastante singulares (PPP, escola 1).

Existem algumas classificações desse segmento social, de acordo com a faixa etária. Assim, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, define a faixa etária de 15 a 29 para designar a juventude brasileira. O Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF, define a adolescência<sup>13</sup> como a fase da vida entre 10 e 19 anos de idade. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA, define a adolescência como a fase da vida entre 12 e 18 anos incompletos.

Partindo da compreensão da Juventude a partir de um enfoque sociocultural ou do enfoque das culturas juvenis (PAIS, 1993), buscou-se contextualizar a juventude com base em dados de pesquisas. Dessa forma, o Brasil é considerado um país jovem, pois 30% dos 191 milhões de habitantes têm menos de 18 anos, sendo que 11% da população possuem entre 12 e 17 anos; assim, há uma população de mais de 21 milhões de jovens. O Centro-Oeste concentra 7,3% desse contingente, por isso é fundamental que o Brasil se atente para as demandas dessa parcela da população e atenda às necessidades específicas das juventudes nas suas políticas (UNICEF, 2011).

No relatório sobre a *Situação Mundial da Infância em 2011*, publicado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF, elege como temática principal a Adolescência em apoio ao ano Internacional da Juventude. Com isso, propõe uma forma diferenciada de tratar a adolescência, evitando interpretá-la como uma fase problemática. Assim, compreende essa fase da vida como uma fase de oportunidades, de garantia de direitos previstos em diversos documentos oficiais, como a Constituição Federal.

Buscar uma explicação somente do ponto de vista biológico, como por exemplo, a explosão de hormônios e a confusão mental, só contribuem para a formação de uma visão estereotipada do adolescente, com a ênfase em dados sobre gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis e infrações cometidas, mas sem uma preocupação efetiva de identificarem-se as razões, as trajetórias e contextos de vida desses sujeitos, cujos direitos fundamentais e básicos de sobrevivência são, na maioria das vezes, roubados (UNICEF, 2011).

No sentido de contextualizar esse público, foram levantados alguns outros números relevantes, nos âmbitos da saúde e da educação. O grupo etário de

---

<sup>13</sup> Nesse caso, entende adolescência e juventude como sinônimas.

adolescentes entre 15 e 19 anos vêm acompanhando o decréscimo das taxas de fecundidade nos últimos anos, ou seja: está diminuindo o número de grávidas nessa faixa etária, enquanto que na faixa de 10 a 14 anos há um pequeno aumento, passando de 27.373 nascimentos em 1998 para 28.479 mil em 2008. Porém, as complicações relacionadas à gravidez e ao parto estão entre as principais causas de morte de meninas adolescentes entre 15 e 19 anos de idade em todos os lugares do mundo. Por isso a importância do acompanhamento pré-natal durante todo o processo de gestação.

O número de infectados com o vírus HIV está aumentando e os estudos apontam que a infecção ainda está relacionada ao grau de instrução; ou seja, quanto menor a escolaridade, maior o percentual de infectados. Assim, em relação à saúde, há uma necessidade de se implementar programas sérios, que visem a educação da população jovem no Brasil; algumas experiências já estão sendo desenvolvidas pelo Ministério da Saúde (UNICEF, 2011).

No Distrito Federal, em 2005, foram realizadas 112. 177 matrículas no Ensino Médio, sendo que 63.861 são de estudantes na faixa dos 15 a 17 anos e cerca de 26 mil, na faixa dos 18 a 19 anos. Desse total, observa-se que as mulheres representam a maioria das matrículas, pois 49.796 (44%), são do sexo masculino e 62.381 (56%) do sexo feminino. Em relação ao 3º ano do ensino médio, que é o foco dessa pesquisa, estavam matriculados 31.348 estudantes (cerca de 28%) segundo pesquisa do INEP (2005).

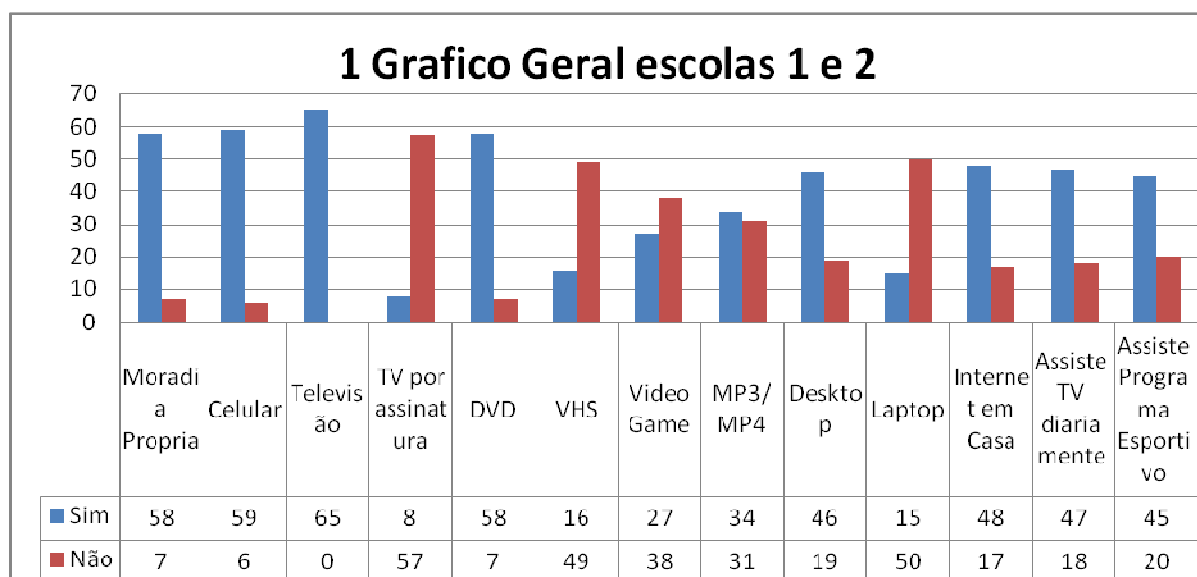
## 5 - RESULTADOS E ANÁLISE

Nesse capítulo, serão abordados, os dados coletados oriundos da pesquisa de campo, que foram sistematizados, e analisados contextualizando-os com a literatura científica relacionada às áreas da Educação e da Comunicação.

### 5.1- Dados iniciais: caracterizando os estudantes

A partir dos dados oriundos do “Formulário de Práticas Culturais e Consumo de Mídia” aplicado a 65 estudantes das duas escolas pesquisadas, foi possível constatar diversas características interessantes. Primeiramente, a faixa etária dos jovens se encontra entre 17 e 19 anos de idade; com isso, constatou-se que parte dos estudantes está ligeiramente fora do fluxo, tendo sido reprovada pelo menos um ano no decorrer da Educação Básica.

A seguir serão apresentados alguns dados, sistematizados em forma de gráfico.



**Gráfico 1 - Escolas 1 e 2**



Como pode ser observado no gráfico 1, 58 estudantes dos 65 pesquisados nas duas escolas, cerca de 89%, portanto a maioria, reside em casa própria e com os pais (mãe e pai ou com um dos dois), o que mostra certa independência das famílias, pois não dependem de aluguel, apesar de as casas ainda não possuírem escritura oficial por parte do poder público local. Esse dado se assemelha a um estudo realizado pelo IPEA (2009) sobre a situação de moradia dos jovens no Brasil, no qual se mostrou que em 2007 68,3% dos jovens residiam na casa dos pais, portanto a maioria.

Outro dado que chama atenção é o de que 22 jovens trabalham (aproximadamente um terço do total), alguns com estágios remunerados, outros como caixas, empacotadores e repositores de prateleiras de mercados e supermercados, precocemente conhecendo a realidade opressora do mundo do trabalho, pois alguns relataram regimes de trabalho com mais de 8 horas por dia, somente com uma folga por semana em troca de uma quantia menor que um salário mínimo <sup>14</sup>. Contudo, isso não ocorre de forma isolada, pois Pacheco (2006, p.101) reconhece que:

A partir dos anos 80 o sistema de produção capitalista provocou no mundo do trabalho a precarização do emprego, diminuição dos salários, desregulamentação das leis de trabalho juntamente com os direitos sociais

Para contextualizar com dados nacionais, apresenta-se um estudo realizado pelo IPEA (2009), que buscou traçar uma relação entre estudo e mercado de trabalho no Brasil na faixa etária compreendida entre 15 e 19 anos, mostrou que 41,% desses jovens só se dedicavam aos estudos, 25,9% estudavam e trabalhavam, 21,6% só trabalhavam e 11,1% nem estudavam e nem participavam do mercado de trabalho. Com isso, percebe-se que a maior parte dos jovens encontra-se em situação de estudo, apesar de uma parcela considerável dividir o tempo entre estudo e trabalho, situação necessária a uma parcela dos estudantes que ajuda suas famílias ou almeja independência financeira. Esses dados se assemelham com os do público pesquisado, pois cerca de 66% deles só se dedicam aos estudos, apesar de parte das meninas

---

<sup>14</sup> R\$ 545.

declarem que se ocupam com afazeres domésticos e cerca de 34% dividem os estudos com o mercado de trabalho.

Observa-se que o corte econômico é um diferencial significativo na constituição dos grupos jovens, mesmo porque ela está presente em todas as camadas sociais, mas com particularidades específicas do contexto, pois “o modo de ser jovem difere muito, principalmente quando há diferenças significativas entre os extratos de renda no conjunto da população” (POCHMANN, 2004, p. 231). Um exemplo visível se dá quando se analisa dados relativos ao ingresso no mercado de trabalho. Segundo Pochmann, quando um jovem pobre entra cedo no mercado de trabalho, por necessidades econômicas, ele o faz com baixa escolaridade, ocupando vagas de menor remuneração, quase sempre associadas a posições de baixa hierarquia no local de trabalho, como foi observado nessa pesquisa, uma vez que os jovens ocupavam “cargos” de repositor de prateleira, empacotadores, etc., contando com uma remuneração menor que um salário mínimo. Já na classe média e alta, o contrário parece acontecer, pois os jovens acabam postergando seu ingresso no mercado de trabalho por possuírem melhores condições econômicas, assim elevando seu grau de escolaridade, que tem como consequência uma melhor posição hierárquica no trabalho, com maior status, como diretor por exemplo (POCHMANN, 2004).

Tem-se como um dos reflexos desse processo de conciliação dos estudos com o trabalho a opção de estudar à noite, na Educação de Jovens e Adultos, EJA, alternativa que muito jovens adotam para não pararem de estudar, configurando-se a partir daí não mais como jovens que trabalham e sim como trabalhadores que estudam.

Outros dados oriundos do formulário mostram, de acordo com a tabela 1, que o celular (90,7% possuem) e a TV (100% possuem) estão presentes de forma significativa na vida deles, o que entra em convergência com dados do IBGE (2007), no qual se afirma que 94,7% dos lares brasileiros possuem TV, dado que se mostra bastante expressivo, visto a importância que é dada à televisão pelas famílias. Nesse sentido, o tempo destinado ao seu uso não pode ser desprezado, pois 47 estudantes (72,3%) confirmaram que a assistem todos os dias, com uma média de 3 a 4 horas com uma programação voltada quase que exclusivamente para a TV aberta, pois apenas 8 estudantes (12,3%) possuem TV por assinatura, o que se dá entre a “Sky” e a “OiTV”.

Com isso, pode-se afirmar que a TV, especialmente a programação da TV aberta, está presente na vida de quase todos os jovens estudantes. Muitos estudantes acreditam que é possível aprender com a TV; concebem-na como uma fonte confiável de informações, dado que se aproxima dos oriundos de outra pesquisa, na qual Marin (2008) constatou que a televisão desafia o tempo e o espaço, pois ela se tornou um ícone quase que indispensável à vida das pessoas. Um dos motivos que a faz ser tão interessante é o fato de ela conjugar várias linguagens ao mesmo tempo, como o texto, o som e a imagem. Ela tem o poder de seduzir com diferentes esquemas e combinações de cores, imagens, sons, oratórias, gestos, etc. A televisão comercial é um forte instrumento de geração de renda para o sistema capitalista. Ela tem o poder de alcançar todos os meios culturais, sociais e econômicos, pois quase toda a população tem contato com aparelhos de TV com programação aberta e uma pequena parcela possui assinatura de canais fechados, o que também se comprovou nesse estudo. Com isso, é inegável que a TV exerce algum tipo de influência na vida das pessoas. Dessa forma a TV, segundo Fischer (2006), na condição de meio de comunicação social ou de uma linguagem audiovisual específica, na qual são consumidas imagens cotidianamente, tem uma participação decisiva na formação das pessoas. Dessa forma:

Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modo de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida (FISCHER, 2006, p.15).

Com isso, o efeito das mensagens veiculadas pela TV atinge os jovens, fato que será tratado com mais detalhes ao longo desse texto.

O Computador (desktop) também merece destaque, pois se mostrou muito presente, sendo que 46 estudantes (70,7%) possui este aparelho em casa, o que revela significativo acesso à internet, que ocorre na própria casa (48, ou seja, 73,8%), conforme mostrado na tabela 1. O acesso diário à internet foi detectado em 42

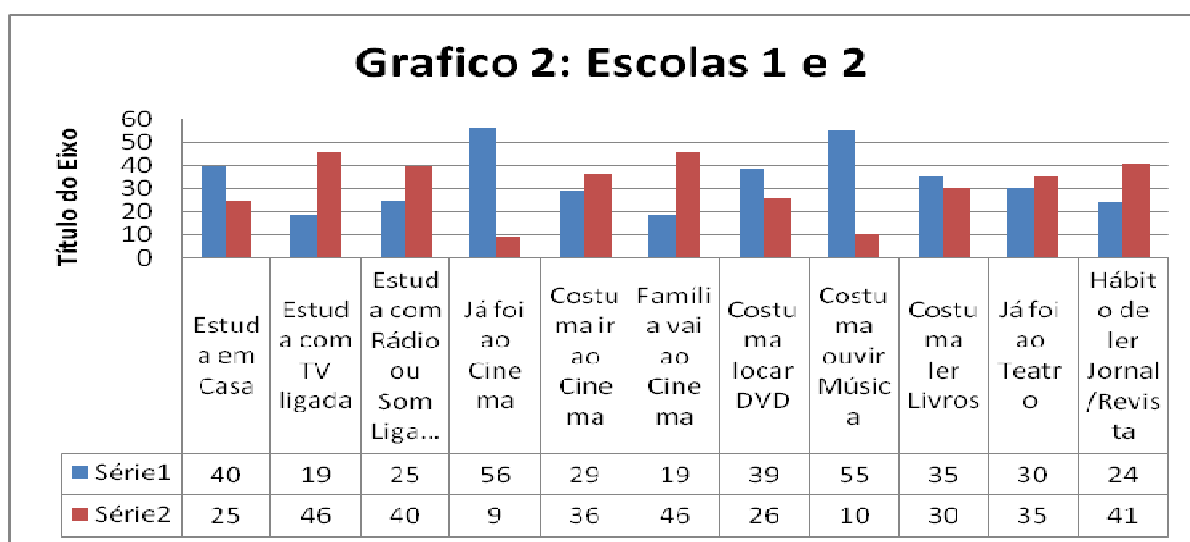
estudantes, sendo que se destacou o acesso dos homens, pois desse montante apenas 10 eram mulheres. Esse valor subiu quando foi perguntado sobre o acesso semanal, ficando então em 56 estudantes.

Outra preocupação se deu em relação às fontes de informação a que os jovens têm acesso. Cerca de 64% dos jovens diz não ter o costume de ler jornais ou revistas impressas. Esse fato evidenciou que as maiores fontes de informações se dão no contato com a TV e a internet, ou seja, a principal fonte de informações que os estudantes possuem; especificamente no que tange ao contato com as mídias, esse se dá por esses dois fortes meios de comunicação. Com isso, deve-se tomar cuidado com o tipo de informação que os jovens estão recebendo, assim como a forma como é transmitida a eles, pois de acordo com Martín-Barbero (2006), o controle das informações que circulam mundo afora está sob o controle de sete megacorporações mundiais, as famosas agências de informações. Este é mais um assunto que não pode ser descartado pela escola e nem pela Educação Física, pois a escola deve estar atenta a isso e debater, trazer para dentro do ambiente escolar as questões referentes à mídia, pois é necessária uma reflexão do que é passado na TV (Belloni, 2005; Penteado, 2000).

Os programas esportivos também ganham destaque entre os estudantes, 45 (69,2%) afirmaram que acompanham esse tipo de programação, principalmente o Globo Esporte e o Esporte Espetacular, configurando um predomínio da Rede Globo. Em segundo lugar veio o programa Esporte Interativo, seguido de Jogo Aberto (TV Bandeirantes). Entre as mulheres, esse número também foi expressivo, pois 16 delas assistem, o que significa 61,5% das mulheres pesquisadas (26 no total, somando-se as 2 escolas). Elas afirmaram que também acompanham o Globo Esporte e o Esporte Espetacular e também têm uma preferência pelos jogos de voleibol. No grupo focal foi perguntado o que os estudantes achavam dos programas esportivos e do televisionamento dos jogos. Uma grande parte dos meninos reclamou que os programas dão muita prioridade ao Futebol, enquanto os demais esportes ficam relegados a um segundo ou terceiro plano.

Na perspectiva de conhecer melhor de que forma se dá o contato dos estudantes com os aparelhos midiáticos, verificou-se que um pouco mais da metade (34

estudantes, 52,3%) possuem aparelhos portáteis conhecidos como MP3 ou MP4, no qual tocam músicas, passam pequenos filmes e fazem pequenas gravações de áudio. Além disso, percebeu-se que o contato e gosto que eles têm por música é um ponto muito relevante e evidente, pois 55 (84,6%) deles declararam que gostam e têm o costume de ouvir música. O gosto por estilos musicais se mostrou bastante variado, ganhando destaque alguns tipos como “sertanejo”, “funk”, “gospel” (preferência atrelada a alguma religião) e o rock (desde os mais recentes, como NX0, aos clássicos, como “Black Sabbath”. Esse é outro fator de influência que também necessita ser problematizado e refletido no âmbito do trabalho pedagógico: a música também se constitui como um bem cultural que passou por um processo de empobrecimento de conteúdos, visando a atingir um maior público, tornando-se mais um bem mercadológico, com fins de consumo (ADORNO E HOKHAIMER, 1985).



**Gráfico 2 - Escolas 1 e 2**

Analisando-se um pouco mais os jovens a partir do seu cotidiano, como indica Pais (1993), percebeu-se que os estudantes têm o costume de estudar em casa; cerca de 30% costuma estudar com a TV ligada e cerca de 38% costuma estudar com o Rádio ou o Som ligado. Interessante foi o número acentuado de jovens que têm o costume de alugar DVDs. Esses dados ajudam a compreender como os estudantes têm um contato profundo com a mídia, ganhando destaque a TV, os filmes e a música.

Em relação ao acesso aos bens culturais constatou-se que poucos, apenas 9 jovens, nunca foram ao cinema, porém menos da metade costuma ir ao cinema. No local onde moram não há nenhuma sala de cinema e a mais próxima fica a pelo menos 25 quilômetros de distância, o que gera um custo com o transporte (R\$3,00 a passagem), além do elevado custo da entrada, variando entre 16 e 20 reais, o preço do bilhete inteiro. Nesse sentido, o Teatro também se configura como um local de difícil acesso, pois mais da metade nunca teve a oportunidade de conhecer uma sala de Teatro, pois também não há Teatro na região onde moram e os custos para se frequentar vão na mesma direção do cinema. Dessa forma, os estudantes alegaram que o elevado custo para assistir a um filme no cinema, ou a uma peça no teatro inviabiliza o acesso.

A partir dos dados coletados se faz importante um debate acerca da democratização do acesso à arte, pois é necessário criar condições materiais para que todos tenham acesso aos bens culturais, afinal a arte não deve ser privatizada e sim popularizada.

## **5. 2 - Influências da mídia televisiva**

Como já foi abordado, os meios de comunicação exercem uma influência significativa na vida das pessoas (Belloni, Castells, Barbero, Fischer, Adorno e Horkheimer). Nesse sentido, foram identificadas formas de influência nos estudantes, como será tratado a seguir.

### **5.2.1 - Incentivo ao consumo de materiais esportivos**

Na análise da aplicação do “Formulário de Consumo de Mídias”, destacou-se o fato de que grande parte dos meninos acompanha programas esportivos, pois 45 (aproximadamente 70%) afirmaram acompanhá-los com frequência. O primeiro da lista é o “Globo Esporte”, seguido do “Esporte Espetacular”, ambos programas da Rede

Globo, sendo o primeiro de transmissão diária e o segundo, de transmissão dominical. Em terceiro lugar, constatou-se o programa “Esporte Interativo” e em quarto, o “Jogo Aberto”, da TV Bandeirantes. A partir desses dados, é possível afirmar que a Rede Globo é hegemônica na preferência dos estudantes, o que desdobra questionamentos do ponto de vista do conteúdo que está sendo transmitido, das imagens e dos discursos e das construções das mensagens, pois como afirma um dos jovens: “a mídia sempre exerce um papel importante na vida de todos nós” (Menino 5, 3ªB, escola 2).

As influências ficaram mais evidentes nas entrevistas, na qual os estudantes relataram que se sentem instigados ao consumo de materiais esportivos, como chuteiras de futebol de jogadores profissionais. Relataram que quando é lançada uma chuteira nova, principalmente as coloridas, eles a querem para participar das aulas, dos campeonatos e “desfilar” pela escola, como afirma o estudante a seguir: “quando um jogador aparece com uma chuteira nova todo mundo quer ter. Aí a gente dá um jeito de comprar para tentar ficar pelo menos um pouco parecido com o jogador” (Menino 2, 3ºD, escola 1). Outro jovem que se interessa pelo basquete declarou que: “Ah eu sinto vontade de ter aqueles tênis dos jogadores da NBA” (Menino 3, 3º B, escola 2).

Já outro estudante destaca que se sente motivado a consumir, pois: “é como se o material que aparecesse na TV fosse o material de melhor qualidade, o que é melhor, os produtos utilizados pelos atletas” (Menino 3, 3ª B, escola 2).

Os estudantes acreditam que é importante adquirir os produtos, pois a auto estima aumenta e cria uma espécie de status diferenciado, pois ficam mais parecidos com os ídolos esportivos, como declarou um dos sujeitos: “quando coloco uma chuteira de marca, me sinto igual a um jogador profissional”. Dessa forma, eles se esforçam para conseguir os produtos: quando não pedem para os pais (ou somente ao pai, ou somente à mãe), tentam juntar dinheiro por meio do trabalho. Deve-se destacar que, conforme os relatos coletados, eles procuram comprar o calçado “original”, por serem mais duradouros, além de evitar piadinhas, pois afirmaram que, quando não as usam, os demais estudantes fazem piadinhas pejorativas, chamando-os de “pobres”, “miseráveis”. Evidenciou-se também que o uso de uma chuteira colorida, de alguma marca conhecida, produz efeito sobre as meninas, pelo menos no imaginário masculino.

Dessa forma, as mídias<sup>15</sup> (BELLONI, 2005) exercem um papel comercial muito forte, uma vez que está voltada para a ampliação de um mercado consumidor em todo o mundo, como uma forma de manter toda uma engrenagem do sistema social-econômico vigente, mediadas por relações de poder e interesses. Nesse sentido, explica Belloni (2010, p. 63):

[...] as mídias ou TICs formam redes de dispositivos extremamente poderosos na reprodução das estruturas sociais e culturais, fazendo parte dos sistemas de poder e constituindo atualmente um dos setores industriais mais importantes, além de funcionarem como veículos da publicidade comercial, setor fundamental para a criação e expansão de mercados de consumo, das quais as crianças e os adolescentes são alvo preferenciais.

Nessa lógica da ampliação do mercado consumidor por meio da mídia, os meios de comunicação da era eletrônica estão impondo a adoração unânime dos valores da sociedade neoliberal; assim eles “mentem”, por imagens ou omissão, e concedem, no máximo, o direito de escolher entre coisas idênticas (Galeano, 2006). Esse fato também é constatado pelos autores da Indústria Cultural, que identificaram que ao público é ofertada uma pequena possibilidade de produtos iguais ou quase idênticos para se escolher, o que na verdade configura-se como uma espécie de pseudoprotagonismo na compra, pois todas as possibilidades de compra são dadas pela mesma indústria (Adorno e Horkheimer, 1985).

A ditadura da palavra única e da imagem única impõe em todo lugar um mesmo modo de vida e outorga o título de cidadão exemplar àquele que é consumidor dócil, e espectador passivo, fabricado em série, de acordo com o modelo proposto pela televisão comercial americana (Galeano, 2006).

Assim, os jovens estudantes estão sendo alvo cada vez mais precoce dos interesses econômicos voltados para o consumo de produtos, que na sua maioria são supérfluos. As mensagens midiáticas são carregadas de valores, símbolos, mitos, ideais que influenciam na construção das identidades sociais e culturais dos jovens, que depositam grande legitimidade nas informações e mensagens propagadas pela TV,

---

<sup>15</sup> Belloni considera as mídias como sinônimo de Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs.



seja por meio de telejornais, programas esportivos, desenhos, novelas, seriados, filmes (Belloni, 2010). É como se o que fosse apresentado na TV se tornasse verdade, ou seja, se é passado na TV é por que é verdade e se de fato não é, acaba-se tornando, como uma coisa natural, pois “os mais jovens, nascidos na era da televisão, consideram sua presença e importância ‘naturais’ e tendem a atribuir grande credibilidade e legitimidade a suas mensagens” (BELLONI, 2010, p.89).

Nesse íterim, a “roda” do capital vai girando, de forma a dar continuidade ao consumo, cada vez mais necessário para gerar os processos de produção e reprodução das forças de trabalho que exploram os trabalhadores com a produção da mais valia (relativa e absoluta), com a geração de lucro tão necessário para a continuidade do sistema atual de organização social, pois “as mídias, todavia, têm uma vocação comercial e internacional, constituindo um dispositivo eficaz de produção e reprodução da indústria cultural mundializada” (BELLONI, 2010, p.63). Jogadores se tornaram verdadeiros “garotos propagandas”, fruto de uma lógica mercadológica, na qual tudo se deve tornar comerciável. Nessa acepção, discorre Carraveta (1997, p.47):

Os atletas são os artífices da espetacularidade esportiva, que se convertem em agentes publicitários das grandes empresas. Marcam um símbolo atrativo da vida moderna que expressa o êxito, identifica o progresso e através dos meios de comunicação fazem o esporte um indutor do consumismo. Com altos salários, os atletas se transformaram em verdadeiros produtos industriais.

Nesse sentido, é dada uma dimensão muito grande à “Imagem”, como nas frases muito difundidas “uma imagem vale mais do que mil palavras” e “imagem é tudo”, em que, se as coisas são verdadeiras ou não, pouco se questiona, visto o peso e a importância dados à mensagem visual. E as propagandas, filmes e novelas fazem isso com muita propriedade; assim, mesmo que não seja, deve parecer ser, porque “cultivar a imagem (de si mesmo, de um produto, de uma ideia) mostra-se como algo tremendamente produtivo” (FISCHER, p. 28, 2006).

Levando em consideração esses aspectos, o esporte se tornou um grande negócio rentável para muitos e para isso necessita criar um mercado consumidor fiel

aos seus ditames e a escola torna-se um lugar privilegiado para isso, uma vez que por ela passam milhões de adolescentes nas redes públicas de todo o Brasil. Por isso, os jovens estudantes são “bombardeados” todos os dias com dezenas de propagandas e desfiles de produtos esportivos no televisionamento dos jogos.

Para se ter uma idéia da relevância da “indústria esportiva”, artigos de futebol movimentam 2,5 bilhões de dólares anualmente em todo o mundo. A marca “Diadora”, que está na 5ª posição do mercado mundial de artigos esportivos, atrás da “Nike”, “Adidas”, “Umbro”, “Puma”, tem um faturamento anual na casa dos 350 milhões de dólares. Só de patrocínio ao time de futebol Corinthians Paulista, a marca “Nike” paga 10 milhões de reais para que o time use os produtos dela (camisa, short, chuteira). Resgatando um pouco a história, Guerra (2005) reporta que o primeiro jogador de futebol no Brasil a utilizar uma chuteira personalizada em um jogo oficial foi Casagrande, com uma chuteira branca, consagrando-se o primeiro marketeiro esportivo do país. Fato que é seguido e intensificado até os dias atuais, no qual o jogador já é instruído para se posicionar de uma forma na qual o produto por ele anunciado, chuteira, por exemplo, fique exposto de forma que a câmera televisiva consiga captar melhor a imagem.

Segundo Betti (1998), o esporte está muito presente na propaganda, uma vez que pode vender qualquer produto e não só a si próprio. As grandes marcas de materiais esportivos se utilizam das propagandas para anunciar seus produtos. Por outro lado, existem marcas que se utilizam do esporte para anunciá-los, como marcas de perfumes, cigarro, cerveja, que usa como artifício as imagens rápidas, pois a velocidade combina com o esporte. Crianças e jovens tornam-se personagens de anúncios, mas quase sempre ligados ao alto rendimento e à formação de futuros campeões. Os anúncios ligados a atletas esportivos geralmente enfatizam a superação de limites e a busca da vitória, colocando o atleta como conquistador, invencível, guerreiro, homem livre, super-herói. Tais anúncios são ricos em efeitos especiais e animação gráfica (BETTI, 1998).

Essas propagandas e os apelos de consumo midiáticos exercem influências reais na vida dos estudantes, o que pode ser constatado na seguinte explanação de um deles: [...] “o Felipe Massa, quando apareceu fazendo propaganda de desodorante, eu

nunca nem tinha ouvido falar desse desodorante, e todo mundo tava comprando como água [...] eu também comprei um” (Menino 1, 3ºD, escola 1).

O incentivo ao consumo também foi analisado por Leiro (2004, p. 190), o qual entende que a “valoração do dinheiro, das marcas e *grifes* como bens que afirmam prestígio e conformam poder são construídos, inclusive a partir da mídia, dentro da subliminar sedução para o consumo”. Nesse sentido complementa-se:

O esporte vem sendo caracterizado como produto e sendo, cada dia mais, particularizado na TV. O jogo, como espetáculo presencial, dá lugar aos interesses mercantis. Desse modo, o corpo se transforma em difusor de *kits*/produtos que vão da cabeça aos pés, do boné à chuteira. A grande maioria das emissoras de televisão privada no Brasil prioriza os aspectos industriais e comerciais na sua programação e tenta reduzir os telespectadores em massa consumidora (LEIRO, 2004, p. 91).

Dessa forma, muitos meninos, a partir do contato que possuem com a mídia, que se dá prioritariamente pela TV, sentem-se instigados ao consumo de materiais esportivos. Os programas esportivos que assistem e os televisionamentos dos times “de coração” e propagandas veiculadas pelos grandes canais de comunicação de massa da TV brasileira exercem influência no incentivo ao consumo.

Outro ponto destacado foi à vontade de se espelhar na estética propagada pelos jogadores de futebol profissional, muitas vezes copiando o modelo de imagem deles que está na tela da TV todos os dias, seja nos jogos das rodadas, seja nos programas esportivos. Nas falas dos estudantes isso ficou bem ilustrado quando disseram: “Que nem o corte de cabelo: pode ser o corte mais ridículo do mundo, mas todo mundo aparece com ele no outro dia” (Menino 4, 3º B, escola 1), comentário reforçado por outro estudante: “é o caso do Ronaldinho na copa de 2002, com aquele corte ridículo, mas que virou febre em todo lugar” (Menino 5, 3º B, escola 1).

Na Copa de 2002, o jogador Ronaldo “fenômeno” usou um corte de cabelo diferenciado, somente com um topete na primeira metade da cabeça e foi um tremendo sucesso na Copa. Guerra (2005) interpreta essa ação como uma estratégia para desviar o foco da atenção, pois o jogador não estava no melhor da sua forma e vinha de uma recuperação de lesão; por isso criou esse efeito no penteado, o que deu certo, pois a imprensa de forma geral só falava no seu cabelo. Diante disso, percebe-se a

influência que os meios de comunicação exercem nos jovens, pois “mais do que nunca, crianças e adolescentes encontram nas mensagens das mídias os valores, símbolos, mitos e ideais com os quais vão construir suas identidades, seus mundos sociais e culturais” (BELLONI, 2010, p. 89).

E nessa lógica, os interesses de uma poderosa indústria do entretenimento ganha força. Uma indústria da ilusão, uma indústria que fabrica sonhos, vontades, desejos, que não são as reais necessidades para a sobrevivência do ser humano. Sonhos e vontades que estão intimamente ligadas ao aspecto do “ter”, do possuir, de que a partir da aquisição de um determinado produto pode-se alcançar a felicidade, a satisfação, a alegria. Para isso, é atrelada à imagem dos produtos os sentimentos de alegria e de sucesso, como fazem as propagandas de cigarro, de bebidas e de automóveis. Por exemplo, a propaganda da margarina, que é relacionada à imagem de uma família feliz e harmônica, na qual a margarina é a condição indispensável para a felicidade (CHAUI, 2005; FISCHER, 2006).

A mídia produz sensações e reações no público, na percepção, recepção, nos comportamentos sociais. Os processos de comunicação das mídias, sejam as “antigas”, como rádio e TV, ou as novas tecnologias, como internet, geram códigos, e esses códigos influenciam os seres humanos. Santos e Medeiros (2009), ao analisarem reportagens da revista *Veja*, situam a cultura esportiva como sendo parte de uma cultura contemporânea que acopla valores, ações, compreensões a uma sociedade globalizada, fato que também afirma Pires (2001). Com isso, o esporte se torna uma cultura mundial, à qual a mídia está fortemente atrelada. A mídia cria e recria símbolos e significados, transmite informações de acordo com interesses, pois o discurso midiático influencia a informação e/ou conhecimento que se tem de determinado fato, pelos padrões de linguística, as ações sociais, as atitudes e as emoções, por exemplo.

A pesquisa identificou vários posicionamentos referentes à figura do atleta Vilão e do atleta Herói, como o caso de uma reportagem que enaltecia um jogador de origem humilde do time São Paulo que em apenas um ano como jogador profissional foi “comprado” por um time da Europa. Mais um caso de ascensão social por meio do esporte, ou seja, um verdadeiro herói. Outra reportagem é sobre uma tenista que apresentou problemas familiares, mas mesmo assim venceu as adversidades e

conseguiu chegar a um nível profissional. Outro caso é a do jogador Kaká, que foi ídolo na Itália e que pouco sai à noite e, quando o faz, é acompanhado da esposa, de amigos, e sempre volta cedo pra casa, não dando motivo para sair nas revistas/jornais de fofoca; tal perfil faz com que seja considerado um “bom moço”, criando a figura do atleta exemplar; assim, as análises dos jogadores não se restringem ao aspecto específico do esporte (como técnica e tática, por exemplo), mas as informações que são transmitidas por meio de símbolos e significados que vão para análises sociais, pessoais e familiares.

Outros atletas se enquadram na categoria de identidade nacional, como é o caso de Rubens Barrichelo, Ronaldo Fenômeno e César Cielo, da natação. Assim, com a espetacularização do esporte moderno, tem-se criado a figura do herói, como um “ser” supremo, acima da normalidade.

Dessa forma, a mídia especializada cria os mitos, os heróis como uma forma de perpetuar o interesse dos cidadãos no esporte de rendimento, pois não há esporte de alto rendimento sem ídolos (SANTOS e MEDEIROS, 2009). Nessa perspectiva, os estudantes se mostraram receptivos a esses “apelos” da grande mídia, pois no imaginário deles há uma intencionalidade de copiar o grande ídolo, seja no penteado, na compra de um perfume apresentado, no par de chuteiras, na camisa do time ou em qualquer outro artigo material que esteja atrelado ao ídolo.

Esses fatos não podem ser negligenciados pelos professores e pela escola, de forma geral, pois necessitam de um processo reflexivo, no qual ocorra uma problematização a respeito das consequências desse forte incentivo ao consumo, no processo de formação dos jovens. Acredita-se que um contraponto é necessário para desmistificar a lógica consumista que o modelo social vigente assume como prioritária.

### **5.2.2 - Sonho de ser jogador de futebol profissional;**

Outro ponto que chamou a atenção foi o fato de alguns jovens ainda sentirem vontade de serem atletas/jogadores profissionais, pois se supunha que pela idade “avançada”, os estudantes pesquisados se encontravam na faixa etária de 17 a 19 anos, esse sonho já teria sido esquecido. Alguns acham que a idade já passou, porém outros acreditam que ainda é possível. O sonho se mostrou vinculado à idéia de sair de uma condição de vida de baixo valor aquisitivo para conseguir fama e dinheiro. Afirmar que por meio do Esporte uma pessoa desprovida das condições básicas de sobrevivência pode sair de sua condição de miséria e chegar a um alto patamar social-econômico pode ser uma grande armadilha, pois quando isso acontece, é com pouquíssimas pessoas.

Apesar dos últimos esforços governamentais, devido aos quais a situação econômico-social do brasileiro deu avanços em termos de poder aquisitivo, o contraste social e a concentração de renda no país ainda é muito evidente, como já foi afirmado nesse trabalho; assim, segundo a revista Forbes (2010), o homem mais rico do Brasil, Eike Batista, possui uma fortuna de 27 bilhões de dólares e o segundo cidadão mais rico do Brasil, Jorge Paulo Lemann, uma fortuna de 11,5 bilhões de dólares; enquanto isso, o salário mínimo se encontra em R\$ 545,00, valor que se constitui como renda de muitas famílias.

Esse discurso joga uma grande responsabilidade ao jovem esportista, principalmente os de origem humilde. Com o sonho de ascensão social, de sair da sua condição humilde de vida, o jovem é seduzido pelo discurso sensacionalista veiculado pela grande mídia, a qual propaga que ficar rico e famoso, só depende do esforço pessoal dele.

Esse sonho, no entanto é um sonho fabricado, um sonho produzido por influência da grande mídia, que propaga o vencedor em meio à pobreza, o que conseguiu se consagrar. Tome-se como exemplo o caso do jogador de Futebol Ronaldo, que carrega o adjetivo Fenômeno junto ao seu nome. Garoto pobre do Rio de Janeiro, ganhou o mundo, por meio de uma excelente habilidade futebolística que faz brilhar os olhos e enche de esperança milhões de crianças e adolescentes pobres do

Brasil afora, fato presente e constatado no imaginário de jovens pesquisados do 3º ano do Ensino Médio. Este, porém, não é um sonho simples de acontecer, pois anualmente os grandes clubes de futebol fazem várias seleções, as chamadas peneiras, e são poucos os que conseguem avançar para os times profissionais. Existem até sítios eletrônicos especializados nessas atividades<sup>16</sup>. Muitos meninos são tratados como mercadorias nas mãos de empresários, que só vislumbram o quanto esses meninos podem gerar de lucro.

Esse fato também foi constatado por Antunes (2007), quando foi analisar a recepção do discurso midiático em estudantes do Ensino Médio e constatou que a mídia televisiva necessita criar ídolos, como uma forma de tentar garantir o consumo de um evento, como a Copa do Mundo de Futebol, pois o fenômeno esportivo só se sustenta com a presença de “estrelas”. Logo, como conclusão do estudo, Antunes (2007) elucida que os estudantes acreditam que a criação dos ídolos se dá pelo fato de o jogador ser bom e hábil e que não há relação alguma com interesses mercadológicos, financeiros, etc.

Mais uma estratégia da classe dominante em colocar o sucesso, a melhoria de vida, somente no indivíduo, como se fosse o único responsável pela ascensão social; mas “os esportes não são antídoto ao processo de exclusão histórica inerente ao capitalismo e nem jamais serviu de alavanca para reverter quadros sociais de miséria, desemprego e violência urbana e rural” (Carvalho, 2009, p. 157). Assim, é fortalecido o pensamento neoliberal que coloca o individualismo acima do pensamento coletivo, de grupo, pois “não se diz onde serão incluídas, nem por que se encontram excluídas e nem quem as excluiu” (MAURI, 2009, p.156,). O discurso se dá pela metade, pois as causas da violência e da pobreza nunca são questionadas pelos grandes meios de comunicação.

Alguns estudantes manifestaram a idéia de que a escola deveria ajudar no processo de formação de atletas; assim, uma reflexão deve ser feita: qual é o papel da escola no processo de formação de atletas? É atribuição dela a descoberta de talentos,

---

<sup>16</sup>A título de ilustração: <http://www.peneiradefutebol.com.br/> e <http://escolinhafla.com.br/concentracao/peneiras/>

numa lógica piramidal de massificação do esporte para a seleção de poucos “habilidosos” em detrimento de uma grande maioria?

Dessa forma, recorre-se ao autor Souza Júnior (2001), que faz diversas reflexões acerca do uso do esporte no ambiente escolar, principalmente em épocas de realização de grandes eventos esportivos, como as Olimpíadas e Copa do Mundo. O autor resgata dois importantes fatos históricos, como a derrota da seleção brasileira de futebol para a seleção da França na Copa do Mundo de 1998 e o fracasso de medalhas nos Jogos Olímpicos de 2000. Isso levantou o debate do uso do esporte na escola, numa perspectiva de “colocar as aulas de Educação Física à disposição do sistema esportivo nacional” (SOUZA JUNIOR, 2000, p. 22). Para isso, o autor resgata as falas de dois nomes importantes no cenário mundial: Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, e Carlos Carmo, Ministro de Esporte e Turismo da época, no ano 2000. Os dois afirmam que a Educação Física dentro da escola assume um papel estratégico na massificação do esporte e funciona como “celeiro” para a descoberta de grandes talentos esportivos. Várias foram as estratégias desenvolvidas pelo Ministério do Esporte em conjunto com o COB, destacando-se a implementação das Olimpíadas Colegiais, de Centros Olímpicos de Desenvolvimento de Talentos, Centro Olímpico de Estudos do Esporte e incentivos a publicações e prêmios literários.

Uma questão é colocada de forma clara para a reflexão: se os dirigentes consideram a escola como sendo a base para a formação de atletas, por que não há investimentos sérios e diretos nas escolas em relação à infra-estrutura, instalações e recursos materiais apropriados para a prática esportiva? Outro ponto é a questão da empregabilidade do termo “celeiro”, o que remete à idéia de depósito, ajuntamento de atletas. Nisso, Souza Júnior (2001) discorre sobre o fato de que o esporte como se apresenta na modernidade é incompatível com as características e condições da escola atual, pois o esporte seleciona (restringe) e a escola procura democratizar suas ações; o esporte exige especificidade, enquanto a escola procura o desenvolvimento de uma cultura geral; o esporte padroniza atitudes, movimentos, ao passo que a escola deve trabalhar com a diversidade; o esporte cogita a individualidade biológica e a escola trabalha com a coletividade heterogênea; o esporte necessita do corpo enquanto fonte



de rendimento máximo, já a escola tem no corpo a sua fonte de apreensão do conhecimento.

Por todos esses paradoxos, a escola não é o local para se descobrir talentos esportivos, mas o espaço que deve fornecer subsídios para uma compreensão crítico-reflexivo acerca do conteúdo esportivo que faz parte da Cultura Corporal. O estudante deve compreender o processo histórico de constituição das modalidades esportivas e compreender, por meio de experimentações corporais, os significados dos movimentos esportivos ao longo da história da humanidade, a fim de poder elaborar conceitos e sínteses mais consistentes e elaboradas acerca da cultura corporal. Diferentemente de formar cidadãos “consumidores contemplativos dos ídolos esportivos mitificados, que calam as aspirações sociais, dentre elas, o acesso a uma educação de qualidade” (SOUZA JUNIOR, 2001, p.25).

Corroborando com o autor, a disciplina curricular Educação Física não pode assumir um papel de submissão aos interesses lucrativos do esporte espetáculo, nem deve ter como foco central a “formação de atletas” esportivos, pois se assim o fizer, ocorrerá um empobrecimento das possibilidades do trabalho pedagógico ao privilegiar somente o esporte no universo da Cultura Corporal.

### **5.2.3 - As compreensões em relação às transmissões**

Como foi falado anteriormente, os estudantes têm o costume de assistir programas esportivos e acompanhar seus times de futebol. Em relação às transmissões de uma forma geral, consideram que os canais de televisão privilegiam a transmissão de futebol em relação aos demais esportes. Com isso acreditam que esse privilégio faz com que a popularidade do futebol só aumente. O programa mais assistido é o Globo Esporte, seguido do Esporte Espetacular, o que demonstra a prerrogativa pela Rede Globo, que tem investido muito em programas esportivos (MARIN, 2008) e a influência da grande mídia sobre os jovens, como o desejo de adquirir materiais esportivos, ser

jogador de futebol e imitar cortes de cabelos, como também já foi abordado anteriormente.

Os estudantes percebem que na TV há uma preferência pela cobertura de dois esportes, o futebol e o vôlei; em sua compreensão “a mídia valoriza mais o futebol e ao vôlei porque tem mais investimentos e conseqüentemente mais apoio da mídia, o que leva a ter mais títulos” (Menino 1, 3ª D, escola 2). Assim, eles acreditam que ocorre uma espécie de ciclo, no qual os esportes que recebem mais investimentos têm mais títulos e conseqüentemente mais espaço na televisão, como se configura na fala a seguir:

daí esses esportes são valorizados, pois estão encabeçando as transmissões. Tipo o Brasil é o que tem mais títulos no vôlei e o que também tem mais no futebol; aí eu acho que é por isso que eles são mais valorizados. É que nem aquele esporte daquela menina, a ginástica da Dayanne, agora que ela sumiu, ninguém passa mais na TV, aí quando ela tava encabeçando lá, como a melhor do mundo, direto ficava passando (Menino 1, 3º C, escola 2).

Alguns estudantes homens demonstraram a sua insatisfação ao perceberem que a Rede Globo privilegia o time do Flamengo em suas transmissões. Outra queixa se deu em relação a um dos narradores da Rede Globo, o qual foi considerado inconveniente, por valorizar de forma exacerbada alguns jogadores e deixar outros de lado. Eco (1984) manifesta a importância da “falação esportiva”, tomando um caráter de discurso fático. Em estudos sobre o discurso esportivo da televisão, Betti (1998) aprofunda a compreensão da “falação”, que é a forma mais importante de se expressar o esporte em programas televisivos, como mesas redondas, telejornais, noticiários, etc. A “falação” *informa e atualiza o espectador*, pois trata de quem perdeu, de quem foi campeão, de quem foi vendido, etc; *conta histórias* (dos jogos, das lutas), por meio de falas e imagens a partir da seleção dos melhores momentos; também *cria expectativas* (quem será o campeão?), *Faz previsões* (quem vai ganhar o jogo) e depois explica e justifica o sucesso, a vitória ou a derrota; *promete* (emoções, gols, vitórias); *cria polêmicas e acirra rivalidades* (Brasil x Argentina); *critica* (fala mal dos jogadores); *comenta* (a atuação das equipes) e ela *elege ídolos* (o craque).

É por meio dessas características da falação que o esporte não fica monótono, por isso há continuidade de notícias dia após dia. Um bom exemplo são as “mesas redondas” que criam polêmicas para perpetuar a notícia. Apesar de tratar de diversos esportes, constata-se um privilégio do futebol. A falação também trata de dinheiro e violência, introduz a linguagem tecnológica e científica. Ela também expõe discurso de duplo padrão moral, pois encobre ou valoriza atitudes antidesportivas (um gol de mão, por exemplo) quando está a favor do seu time (seleção brasileira), mas quando não está a favor, denuncia ou critica.

Tinha-se como idéia inicial que as meninas não possuíam o costume de acompanhar jogos de futebol, o que se mostrou falso na pesquisa, pois elas se mostraram interessadas no acompanhamento de jogos dos seus times, demonstrando uma relação íntima como telespectadoras. Por isso, faz-se pertinente a reflexão a respeito do televisionamento. Segundo Betti (1998), é importante que o esporte seja transmitido ao vivo, pois traz a questão da imprevisibilidade, do inesperado, o que aproxima o narrador do espectador, criando uma espécie de cumplicidade entre os dois. Mais uma estratégia para garantir a audiência.

Além disso, vários deles acompanharam as transmissões das Olimpíadas de Inverno realizadas em Vancouver, em 2010. A TV Record foi a responsável pelas transmissões. Diversos estudantes não conheciam modalidades como o Bobsled ou a patinação no gelo, o que demonstra um caráter de difusão do esporte e uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento esportivo, nem que seja como espectador, pela TV.

### **5.3 - Criação do vídeo/ Curta-Metragem**

Como foi descrito no Método, o vídeo serviu como mais uma possibilidade de constatação da realidade no que tange ao tratamento dado ao esporte nas aulas de Educação Física, além da preocupação em viabilizar um contato inicial com as técnicas de produção de filme, desde a geração da idéia inicial, problematização, contextualização, elaboração de roteiro, contato com equipamentos audiovisuais

(microfone, câmera, claquete, tripé), compreensão e divisão das tarefas (direção, câmera, assistente de som, atores), até as filmagens e a edição de imagem e som. Como consequência dessa experiência, houve um processo de discussão e tomada de consciência a respeito da diferença de tratamento de homens e mulheres nas aulas de Educação Física vivenciadas por eles.

O período contemporâneo é considerado a “era da informação”, que representa uma revolução tecnológica centrada em tecnologias de informação e comunicação (CASTELLS, 2006). Informação é poder, sendo que o processo de comunicação pode ganhar outro enfoque, no sentido de democratizar-se o acesso às informações, seja pelas tecnologias digitais, seja pelas tecnologias “tradicionais”, como o vídeo por exemplo.

Nessa perspectiva, o filme<sup>17</sup> retratou a diferença de gênero dentro das aulas de Educação Física, nas quais os meninos colocavam as meninas em segundo plano nos jogos de futebol. Participaram da oficina de vídeo 10 estudantes da escola 1, que se interessaram pela temática e que dispunham de tempo, uma vez que ela foi realizada no contraturno das aulas regulares, portanto à tarde. Alguns se mostraram interessados, mas impedidos, pois trabalhavam ou tinham afazeres domésticos, como cuidar da casa ou de irmãos mais novos.

O contato que os estudantes possuem com a televisão foi constatado de forma significativa, como já foi mencionado anteriormente, com 100% deles com aparelhos televisivos em casa e quase 90% (58) com aparelho de DVD. A partir dessa constatação, questionou-se se eles tinham o costume de alugar filmes em locadora de DVD. Surpreendentemente mais da metade tem esse costume, com 39 estudantes, o que representa 60% do total. Esses dados mostram que o contato com os aparelhos midiáticos é real e isso não pode ser deixado de lado, pois a televisão atua como professora, conselheira e, provavelmente, companheira (BELLONI, 2005).

A mídia-educação preconiza a formação do usuário ativo, crítico e criativo em todas as tecnologias de informação e comunicação, entendendo as TICs como a fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas (BELLONI, 2005). Tomando-a por base, percebeu-se a necessidade de se

---

<sup>17</sup> Pode ser visto acessando o endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?v=YZUMGMcFDwY>

instrumentalizar os jovens para assumirem uma postura crítica frente à grande mídia em geral, televisão, filme, jornal, pois o trabalho com a mídia pode assumir um papel contra a lógica do apelo sensacionalista e as preocupações de ampliação de um mercado consumidor, uma vez que os estudantes são consumidores de filmes e vídeos passados na TV, o que mostra mais uma vez a importância da realização desse trabalho.

Outro ponto que deve ser destacado é a tomada de consciência em relação às contradições sociais advindas de uma relação machista que se estabelece com a maioria das mulheres, principalmente dentro do esporte no âmbito escolar. Pelo fato de essa discriminação ser um aprendizado construído historicamente pelo ser humano e não advindo de uma herança genética ou natural, alguns meninos ainda relutaram e acham correto tratar a mulher diferentemente dos homens. As meninas relataram que se sentem discriminadas por que poucas vezes tinham a oportunidade de jogarem com os meninos e, quando o faziam, ocupavam a posição de guarda-metas, não havendo possibilidade de uma interação entre os dois sexos de forma mais profunda.

Durante as aulas, foi relatado pelas meninas que quase nunca elas jogavam futebol com os meninos, como afirma uma delas: “a gente se misturou pouco, a maioria das vezes era menino com menino e menina com menina, pelo menos é o que eu me lembro” (Menina 2, 3ºD, escola 1). Confirmada por outra: “é o professor que separava a gente e somente algumas vezes ele juntava todos para jogarem juntos” (Menina 1, 3ºD, escola 1) Mas um dos meninos contrapôs as meninas ao afirmar que elas jogam com eles sim, o que foi logo rebatido, pois: “é, mas a gente sempre ia pro gol” (Menina 1, 3ºD, escola 1).

Dessa forma, percebeu-se que essas contradições do modelo social vigente realçaram-se aos olhos dos estudantes e serviu como um momento de reflexão e de aprendizado para todos os participantes, pois no vídeo, os estudantes retrataram uma superação do processo discriminatório, o que é visível quando é retratada a aceitação de que as meninas joguem com os meninos.

Todos acharam muito divertido, mas apesar de ser divertido perceberam que é um trabalho sério, que exige dedicação e empenho. Foi constatado que o modelo de alto rendimento dos esportes ainda é o modelo que norteia a compreensão do esporte

por parte dos estudantes. O fato de excluírem as meninas do processo educativo dentro das aulas de Educação Física por serem consideradas fracas ou menos hábeis ilustra essa compreensão.

A programação televisiva, quando aprovada pelo Governo Federal nas épocas de renovação da concessão de uso, necessita de um olhar crítico e responsável, fato constatado pelo grande número de denúncias contra a dignidade humana nas comissões de direitos humanos na Câmara Federal (CÂMARA, 2011). Muitos dos programas televisivos, o que inclui filmes e vídeos, são destituídos de uma programação séria, educativa, de reflexão crítica sobre a vida (PENTEADO, 2000), pois por detrás dessas informações veiculadas pela grande mídia, há interesses sociais, políticos, culturais na forma de construir e tornar públicas tais informações, já que os “meios de comunicação dominantes são controlados por um pequeno número de poderosos que têm o poder de se dirigir a um grande número de cidadãos através do planeta” (GALEANO, 2006, p.149).

Levando em consideração esses aspectos, pode-se afirmar que há um poder ideológico que está por trás das mensagens emitidas todos os dias pelos meios de comunicação de massa, pelas grandes corporações que controlam as grandes empresas de comunicação dos países mundo afora. Barbero (2006, p. 52) alerta para o poder das sete megacorporações globais que controlam mais de 90% da informação circulada na grande mídia ao redor do mundo, quais sejam AOL-Time, Warner, Disney, Sony, News Corporation, Viacom e Bertelsmann, que possibilitam o “controle da opinião pública mundial e a imposição de moldes estéticos cada vez mais baratos”.

Nesse sentido, foi constatado em um estudo realizado nos EUA que nos jogos eletrônicos que utilizam a violência como seu principal objetivo os “homens de bem”, são geralmente brancos e/ou soldados com uniformes dos EUA, e o “homens do mal”, os bandidos, são pardos, negros ou com traços e vestimentas árabes e o cenário onde se desenvolve a “batalha” lembra países de origem árabe, como o Afeganistão por exemplo, no formato das casas e das ruas. E quanto mais se mata o “inimigo”, mais se ganha pontos. Esse poder ideológico já foi assumido pelos fabricantes de tais jogos eletrônicos (LINN, 2006).

E dentro do mundo esportivo, a relação da mídia com o esporte se mostra cada vez mais imbricada (Betti, 1998). Os meios de comunicação também exercem influência no modo, na forma de conceber, compreender e praticar o esporte, por meio dos programas esportivos diários, semanais. Há interesses econômicos e mercadológicos ligados ao fenômeno esportivo.

Segundo Martín-Barbero (2006, p.56), a escola não é mais detentora exclusiva ou majoritária do conhecimento. Está ocorrendo uma transformação, uma mudança na forma de circulação do saber; assim, “a escola está deixando de ser o único lugar de legitimação do saber, já que há uma variedade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados”. Mesmo com toda essa difusão e fragmentação, o autor acredita que é possível que os estudantes possam obter conhecimentos mais atualizados e profundos do que o professor de uma determinada disciplina. Por esse motivo, afirma que a escola, de modo geral, está adotando uma postura de defesa, de resistência aos mecanismos tecnológicos, estabelecendo uma relação moralista e pessimista ao invés de reconhecê-los e utilizá-los dentro do ambiente escolar.

Por isso, é papel da escola e do trabalho pedagógico contemplar e abordar esses temas numa perspectiva da apreensão de instrumentos para interpretar e analisar criticamente a complexidade da realidade, que não é estática, ou seja, está sempre em movimento. A escola deve possibilitar e democratizar o acesso ao conhecimento sistematizado, erudito (SAVIANI, 1996), no qual o professor assume um papel fundamental de mediador entre o corpo discente e o conteúdo a ser trabalhado em sala, coordenando as etapas para um aprendizado relevante, como defende a pedagogia histórico-crítica, ou seja, seguir as fases: 1ª Prática Social Inicial; 2ª Problematização; 3ª Instrumentalização; 4ª Catarse; 5ª Prática Social Final. Dessa forma, a escola tem um papel significativo no processo de aprendizado dos conteúdos de forma crítica, reflexiva e consciente, por isso ela ainda é insubstituível, apesar de todo o conhecimento que circula paralelamente a ela, mas de forma difusa e sem uma preocupação pedagógica sistematizada.

Além disso, o acesso às tecnologias de comunicação e informação (TICs) não deve vir no sentido de dar mais armas para que o trabalhador aumente a produtividade, assim tomando um caráter funcionalista de aprimorar mais os sistemas de exploração

do homem pelo homem. O contado com esse tipo de conhecimentos que são criados e desenvolvidos pelo ser humano devem ser possível a todos, numa perspectiva de ampliação e democratização do acesso a esse tipo de conhecimento, pois o todo conhecimento é universal e não deve ser privatizado e/ou hierarquizado.

Nesse processo foi perceptível que dentro da pesquisa social as imagens e a tecnologia podem se tornar mais uma contribuição e não um fim. Com isso, os estudantes relataram na avaliação final que a oficina foi muito proveitosa e enriquecedora do ponto de vista do aprendizado. Relataram que se sentem com um senso crítico mais apurado para analisarem um filme, uma novela ou mesmo comerciais, por entenderem como funciona a estrutura de produção desses programas televisivos. Conforme afirmou um dos participantes:

Em relação ao filme, eu achei interessante porque a gente aprende a analisar um pouco o trabalho de quem atua, porque é um trabalho difícil de fazer , porque a gente imagina um filme longo de ação: a gente fez um de 3 minutos e teve um trabalho, agora imagina um filme de 3 horas, é difícil, aí a gente observa os detalhes que geralmente a gente não vê (Menino 5, 3ª B, escola 1).

#### **5.4 - O esporte nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio**

No Distrito Federal, a disciplina Educação Física situa-se dentro de um conjunto de disciplinas que constitui uma das três áreas do conhecimento, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Essa área do conhecimento é a área “Linguagem, Código e suas Tecnologias”, que compreende as disciplinas Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Arte e Educação Física. A distribuição das aulas de Educação Física dentro da grade horária semanal da escola ocorre da seguinte forma: no Ensino Fundamental são 3 aulas com duração de 50 minutos para cada uma delas (GDF, p. 50, 2008). Nas escolas de Ensino Fundamental, elas podem ser organizadas com 3 aulas simples, ou seja, cada uma dada separadamente, por exemplo uma na 2ª feira, outra na 4ª feira e outra na 6ª feira. Pode ser também organizada com uma aula simples (50 minutos) e uma dupla, ou seja, a junção de duas aulas no mesmo dia e em



sequência, por exemplo, uma aula simples de 50 minutos na 2ª feira e uma dupla de 100 minutos na 4ª feira. Já no Ensino Médio são 2 aulas com duração de 50 minutos cada (GDF, 2008, p.57). Elas podem ser organizadas da seguinte forma: duas simples de 50 minutos, por exemplo, uma na 3ª feira e outra na 5ª feira ou com uma aula dupla na semana, por exemplo, uma de 100 minutos na 4ª feira. Essas organizações geralmente ficam a critério do professor de Educação Física regente juntamente com a coordenação pedagógica e a direção da escola, desde que não interfira no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição. Nas duas escolas pesquisadas, optou-se por duas aulas simples distribuídas ao longo da semana, pois os professores consideram que assim possuem mais contato com os estudantes, o que pode melhorar o trabalho pedagógico.

Como se sabe, nas aulas de Educação Física podem ser trabalhadas diversas formas de movimento. Nesse trabalho, é defendido o conjunto de manifestações corporais denominada Cultura Corporal, por entender que essa concepção busca compreender os sentidos e significados históricos e sociais dos movimentos, nos quais se enquadram o esporte, o jogo, a dança, as lutas, a ginástica, etc. Contudo, nessa pesquisa, ao ser abordado qual o conteúdo mais trabalhado dentro das aulas de Educação Física na escola, a resposta foi quase unânime. Quase a totalidade respondeu que foi o esporte, como se destaca: “na escola eu tive basicamente esporte, principalmente futebol e vôlei, poucas vezes tive basquete” (Menino 2, 3ª B, escola 2). Outra estudante respondeu assim: “tinha as regras do handebol, futebol, vôlei e também os fundamentos” (Menina 4, 3ºD, escola 1).

Assim, constatou-se que durante o Ensino Fundamental e Médio, o esporte foi o conteúdo hegemônico nas aulas, apesar de haver poucos casos de diversidades, como atividades com corda e atividades circenses. Esse fato também “denunciado” por Taffarel (2009) e Assis (2001). Em outra pesquisa realizada por Guimarães (2006), também constatou-se que os professores pesquisados legitimavam a recorrência do esporte enquanto conteúdo privilegiado em suas aulas e a preferência pelo modelo tradicional de ensino, afirmando:

Os professores de educação física (que desempenham suas atividades profissionais no interior da instituição escolar ou não) continuam priorizando o ensino do esporte em detrimento dos demais conteúdos de ensino da área e tal ensino continua se pautando no paradigma da aptidão física, da *performance* esportiva ou do ensino do esporte enquanto elemento fomentador da saúde (GUIMARÃES, 2006, p.6).

Durante as falas ficou evidenciado por parte dos estudantes e dos professores que a responsabilidade de se aprender/ensinar as técnicas e os fundamentos ficou no Ensino Fundamental, no qual os professores ensinavam e exigiam o aprimoramento da técnica com atividades direcionadas para isso, como pode ser observado na fala de um dos professores a seguir:

Quando se trata de ensino médio acaba-se esse pensamento de fundamentos básicos; aí você parte mais pro jogo e você prepara os meninos pra participar dos campeonatos da cidade, os interclasses. Então eu planejo exatamente com o desenvolvimento do jogo e por modalidade esportiva, o handebol, o voleibol, o futsal, o basquete (professor 1, escola 1).

Nessa perspectiva, analisando as Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental nas Séries e Anos Finais (GDF, s/d) há coerência nesse tipo de pensamento. A partir de um tema “guarda-chuva”, o documento traz os conteúdos a serem trabalhados nas aulas nos anos finais do Ensino Fundamental: ludicidade, corporeidade, sensibilidade, criticidade, criatividade, interação. O 6º ano (antiga 5ª série) traz como conteúdos: “desenvolvimento de habilidades nas diversas modalidades desportivas”; “fundamento de habilidades motoras específicas da modalidade coletiva escolhida pelo professor (teoria e prática)”; “saltos, corridas, arremessos, posturas básicas, diversas formas de corrida”, “refinamento das habilidades motoras fundamentais e especializadas”, “atividades ginásticas (equilíbrio geral, estático, dinâmico e recuperado, circuitos individuais e coletivos, rolamentos diversificados)”, “jogos rítmicos, jogos cooperativos, jogos pré-desportivos” (GDF, s/d, p. 55). O ano seguinte, antiga 6ª série, coloca como conteúdos os “fundamentos técnicos das modalidades desportivas que serão trabalhadas”; “corridas, saltos, arremessos, lançamentos”; “expressão corporal”. E no 8º e 9º anos colocam-se os “fundamentos do basquetebol (teoria e prática), abordando: drible, passe, bandeja, arremesso, posturas

defensivas, conhecimento da quadra, noções básicas de regras, princípios técnicos e táticos em situação de jogo”; “fundamentos do handebol (teoria e prática): empunhadura da bola, passe, recepção, drible, arremessos: em apoio e em suspensão, posturas defensivas, conhecimento da quadra, noções básicas de regras e princípios técnicos e táticos em situação de jogo”; “fundamentos do voleibol (teoria e prática): saque, manchete, toque, levantamento, cortada, bloqueio e rodízio, conhecimento da quadra, noções básicas de regras, princípios técnicos e táticos em situação de jogo”; “fundamentos do atletismo: lançamentos e arremessos, saltos, corridas”; “capacidades físicas, circuitos”; “atividade recreativa dirigida: Futsal (todos os bimestres)”.

No ensino fundamental pouco valor dão aos outros esportes. Comigo e com a maioria das pessoas que eu conheço aqui, ou aprenderam futebol ou vôlei, somente isso. Basquete só no Ensino Médio (Menino 3, 3ª B escola 2).

De acordo com documentos oficiais e os dados coletados, constatou-se que o foco está predominantemente nas habilidades básicas esportivas, nos esportes coletivos (basquetebol, voleibol, handebol e futsal), nos esportes individuais (atletismo e ginástica), o que leva a um privilegiamento do esporte em relação aos outros componentes da Cultura Corporal. Outro ponto é o de que no documento fica compreendido que o trato desses conteúdos deve ocorrer pelo viés do aprendizado das regras e dos fundamentos somente como técnicas mecânicas e não com um entendimento social e cultural do esporte.

De fato, a técnica deve ser ensinada dentro da escola, dentro das aulas de Educação Física, por ser considerado um conhecimento criado pelo conjunto dos seres humanos e que deve ser acessado por toda a população, pois se constitui como um patrimônio da humanidade e a disciplina escolar Educação Física deve proporcionar esse aprendizado. Porém, só o ensino da técnica, o ensino de somente uma forma de conceber um movimento, ainda é restrito e escasso dentro da multiplicidade de possibilidades de movimentos previstos na referida disciplina. Não se pode negligenciar esse tipo de conhecimento, mas ficar preso a ele ainda significa “apequenar” as

possibilidades de conhecimentos que a disciplina pode ofertar dentro do esporte e das demais expressões corporais. Quando a Educação Física despreza ou não aborda o esporte por questões históricas e sociais, mas apenas a prática pela prática, na qual o interesse de se executar o movimento acaba em si mesmo, sem uma reflexão a respeito dos significados históricos e sociais que tais movimentos expressam, a Educação Física se torna empobrecida (Escobar, Soares e Taffarel, 2010).

### Ensino Médio

No Ensino Médio a realidade se mostrou de forma diferenciada em alguns pontos e próxima em outros. Na escola 1, as duas aulas com 50 minutos cada eram sempre na quadra, ligadas predominantemente ao esporte (futebol e vôlei), todas de caráter prático. O mesmo não ocorreu na escola 2, pois uma aula era destinada às atividades práticas na quadra poliesportiva e a outra era com atividades em sala de aula, com aulas expositivas e com apresentação de filmes. Na aula em sala de aula (teórica), o professor aborda questões referentes ao funcionamento do corpo humano, como aspectos fisiológicos durante as atividades físicas e a nutrição como uma forma saudável de se manter a saúde. Ele passou dois filmes de longa metragem; um dos filmes foi o “Super Size Me”, no qual mostra a experiência de um americano que passa a fazer todas as refeições na lanchonete Mcdonalds; o objetivo do professor era conscientizar os estudantes a respeito de uma alimentação saudável. O outro filme foi o *Invictus*, o qual retrata o incentivo e a aposta do presidente Nelson Mandela na seleção sul-africana de Rugby, como uma forma de unir o país e diminuir os efeitos históricos do apartheid; o objetivo do professor foi de mostrar um esporte pouco conhecido no Brasil e a força que o esporte pode ter politicamente.

Na escola 1, em nenhum momento ocorreram aulas teóricas ou momentos de discussão sobre fatos ocorridos nas aulas, o que foi confirmado nas falas dos estudantes durante a realização dos grupos focais e nas observações de campo. Porém, nessa escola há reclamações a respeito dessa formatação. Os alunos recorrem a lembranças do Ensino Fundamental: “eu gostava mais das aulas de

Educação Física de 5ª a 8ª série, pois a gente aprendia mais, a gente ia pra quadra e aplicava tudo que a gente aprendia na sala, era muito legal” (Menina 3, escola 1, 3º D).

No ensino fundamental, a gente ia, pegava uma bola de futebol e ia jogar na quadra. Aí, quando chegava nas aulas teóricas, a professora não passava matéria e, quando passava, não aprofundava muito, a gente sempre ficava nos conceitos básicos, e muito repetitivos e acabou que isso não serviu muito pra gente no Ensino Médio (Menino1, 3º C, escola 2).

Na escola 2, os estudantes se mostraram satisfeitos com a divisão, pois acreditam que o papel do Ensino Fundamental foi cumprido no que tange ao aprendizado dos gestos esportivos e que no Ensino Médio as aulas práticas devem ser mais soltas. O professor da referida escola relatou que acha os estudantes muito desinteressados nas suas aulas e propôs uma espécie de acordo, no qual uma das aulas ele ministra de forma teórica, dentro da sala de aula, com aulas expositivas, conteúdos que segundo os estudantes foram abordados na última prova do Enem em 2010, e na outra deixa-os livres para fazerem o que quiserem. Almeida Junior e Oliveira (2007) consideram que existe uma tensão entre as aulas “práticas” e “teóricas” dentro da escola por parte dos estudantes, pois os estudantes consideram as aulas teóricas chatas e não demonstram interesse por ela, fazendo bagunça e algazarra. Entretanto, nesse estudo, a interpretação que se faz é diferenciada, pois os estudantes não consideravam as aulas em sala um problema, desde que na outra aula eles pudessem ficar livres (recordando que são duas aulas por semana). Com isso, elogiam a atitude do professor em liberar, deixar livre na aula prática:

A liberdade que o professor nos dá, nas aulas práticas, deixa a gente relaxar, praticar algum esporte. Assim deixa a gente relaxar em relação as aulas teóricas, as aulas escritas das outras disciplinas, porque não varia muito: ou você escreve ou você fica ouvindo; assim a aula de educação física tem essa diferença, você relaxa, você se distrai, você se diverte, por meio do esporte ou por meio de qualquer outra atividade física (Menino 2, 3ºD, escola 2).

O segundo ponto foi uma “queixa” recorrente de que as aulas estão sendo subutilizadas. Os estudantes reclamaram da pouca diversidade das aulas, pois elas se estruturam de forma muito parecida. Uma das meninas até considera perda de tempo, pois poderia aprofundar mais os conhecimentos, conforme exposto:

Eu gosto das aulas de Educação Física, mas eu acho que elas deveriam ser mais complexas, deveriam, por exemplo, quando começar, a gente deveria começar alongando, saber mais o básico sobre os esportes, saber como dar uma manchete, um toque, sacar e não o professor deixar a gente lá e fazer o que a gente quiser, dizer 'ah joga aí', e a gente fazer do nosso jeito. Não, acho que ele deveria ensinar mesmo (Menina 2, 3º D, escola 1).

Observa-se assim uma explícita reclamação frente às possibilidades pedagógicas que a aula poderia alcançar como se observa a seguir:

Aqui na escola deveria ter mais opções de atividades, pois fazer as mesmas coisas fica monótono e acabam ficando chatos. Daí deveria ter mais coisas, não que seja ruim, mas fazer sempre a mesma coisa abusa (Menina 1, 3º A, escola 1).

Na outra escola, esse pensamento se mostrou semelhante, como pode ser observado na seguinte fala: “eu acho que a gente poderia ter aprendido mais, pois a gente teve muito tempo vago, muito tempo de quadra liberada, em que a gente poderia ter aprendido mais coisas” (Menina 3, 3º B, escola 2).

Interessante notar que todas as reclamações ocorreram por parte das meninas, pois os meninos se mostraram satisfeitos com o aproveitamento das aulas. Porém, o pensamento das meninas reflete uma realidade concreta, segundo a qual a Educação Física na escola está se restringindo suas possibilidades pedagógicas, somente trabalhando com um conteúdo, que é importante, mas não é o único. O não ensino da dança, da ginástica e de jogos pode trazer um empobrecimento na formação dos jovens, pois a Educação Física pode abarcar todo o conhecimento relativo a Cultura Corporal.

## 5.5 - Escola enquanto espaço de aprendizagem.

A escola mostrou-se como espaço fundamental para o contato e o aprendizado do esporte para muito estudantes de ambos os sexos. Contudo, isso foi mais relevante por parte das mulheres. Foi relatado pelos estudantes que na comunidade onde vivem há poucas opções de lazer; quando perguntado “o que acha da cidade onde mora? Por que?” Eles responderam: “ [...]faltam atividades para lazer” (Menina 2, 3ª B escola 2); “A cidade é muito necessitada ainda, faltam muitas coisas, desde aprendizado até o lazer” (Menina 3, 3ª A escola 1); “A cidade onde moro não é ruim, mas a violência e o perigo impede a diversão de muitos jovens” (Menino 1, 3ª E, escola 2).

Isso demonstra que o contato deles com o esporte fora da escola não é tão abundante, devido à carência de equipamentos de lazer. E mesmo os meninos, que têm um contato mais intenso com o esporte fora da escola, consideram a escola como um espaço importante para o seu aprendizado:

A escola é necessária para o aprendizado, pois eu jogava futebol fora da escola, mas lá tinha briga, confusão, jogava no meio de pessoas que usavam drogas, aí não dava pra praticar esportes. E na escola não, aqui você vai buscar no meio das pessoas seu espírito de equipe (Menino, 3ºB, escola 1).

Outros estudantes em relação ao esporte destacam:

O esporte na escola proporcionou pra gente mais interatividade com os outros, com as pessoas; através de um simples jogo de futebol, você pode conhecer novos amigos. Algumas pessoas também despertaram habilidade em alguns esportes que não sabiam que tinham essas habilidades; por exemplo, uma pessoa começa a jogar futebol só que ela nunca tinha jogado, aí vai jogando, jogando e acaba despertando uma habilidade, aí acaba que, pra uns, tem mais habilidade e já pra outros, fazer amigos, mais interatividade, mais saúde (Menino, 3ºA, escola 1).

Nessa parte de fazer amigos, assim que chegamos, no primeiro ano, não conhecia ninguém; aí foi mais pela Educação Física, que a gente acabou se conhecendo mais. É no futebol que você tem mais contato, aí acaba conhecendo o colega, você interage mais com a turma, com o pessoal (Menino, 3ºA, escola 1).

Acho que o que deu pra aprender foi um pouco da técnica também. Antigamente eu assistia um jogo e não entendia porque um juiz apitava o tempo todo(muitos risos), agora já sei (Menino 1, 3ºA, escola 1).

[...] as regras básicas e fundamentos a gente sabe, pois aprendemos no dia a dia da educação física e o professor ajuda também, pois ele fala sobre as regras um pouco (Menino 3, 3º B, escola 2).

Fazendo-se uma relação do aprendizado adquirido fora e dentro da escola, outro estudante afirma que:

A escola tem um papel importante na formação como cidadão, como pessoa e como atleta como é o caso. A escolinha te ensina a técnica, a tática, até a ação coletiva ela ensina, mas o respeito, e a disciplina que é fundamental é a escola que ensina e isso se aplica a todos os meios, ao trabalho, ao esporte. A disciplina e o respeito foram realmente o principal dentro da escola, por que de resto, regras, técnicas, táticas, a gente aprende na escolinha. Creio que aqui 90% dos meninos passou por uma escolinha de futebol (Menino 5, 3ºD, escola 2).

Na fala desse estudante, percebe-se um pensamento: a construção de um olhar baseado numa concepção de estudante como atleta, o que remete a uma alusão direta à formação de atleta, mostrando uma visão conservadora da Educação Física. Esse tipo de compreensão também pode ser atribuída ao fato de muitos programas esportivos, como o Globo Esporte, atribuírem à escola o papel de formadora de futuros atletas, em concordância com discursos de dirigentes esportivos do Comitê Olímpico Brasileiro, que também atribuem à escola pública o papel de “descobridora de talentos”, como critica Sousa Jr (2000).

Já parte das meninas afirmou que, se não fosse a escola, elas não teriam acesso ao aprendizado do esporte e seriam ainda mais sedentárias. Quando perguntadas a respeito da obrigatoriedade da participação nas aulas afirmaram que, se não fosse por conta da obrigatoriedade imposta pelo professor, já que conta na avaliação bimestral, todas estudantes do 3ª D afirmaram eu não fariam: “porque é obrigação, porque tem que tirar nota, porque temos que passar, pra não ficar com nota vermelha” (Menina 1, 3º D, escola 2). Já outra estudante: “eu ia fazer algumas aulas, mas não todas” (Menina 3, 3ºD, escola 2).



Essas colocações põem a escola em afinidade com o pensamento de Saviani (2006) e Tonet (2005), que acreditam que a escola tem o papel central de promover o acesso ao conhecimento historicamente criado e desenvolvido no decorrer do processo histórico do ser humano, de forma crítica, ou seja, que proporcione o conhecimento para além do senso comum.

Nesse sentido, o papel da escola e das aulas de Educação Física não está esgotado, pois se configura como o principal local de acesso ao aprendizado sistematizado para grande parte dos estudantes, apesar de “concorrer” com outras instituições que também promovem aprendizados, como é o caso das “escolinhas esportivas” e da mídia. Porém, na escola há o diferencial da preocupação pedagógica em tratar de determinado assunto, em afinidade com o projeto político-pedagógico da escola, em conjunto com os demais sujeitos sociais da escola.

## **5.6 - Diversidade de Regras e Exclusão nas atividades**

Outra questão diz respeito à pouquíssima variação nas formas de execução do jogo. Durante as observações não foi constatado nenhuma mudança significativa na forma de se executar o jogo, pois não houve nenhuma alteração nas regras oficiais. Por exemplo, nos jogos de futsal, quando há alguma mudança, ela ocorre de forma muito discreta, pois só se muda o número de jogadores, e as demais regras continuam iguais às oficiais. Durante o grupo focal, isso também se evidenciou como declarou uma das meninas:

Sempre foi com as regras do professor mesmo; se a gente escolhia o basquete, tinha que ser com as regras do basquete. Quando era vôlei, tinha que ser com as regras do vôlei. Com as regras oficiais (Menina1, 3ª B, escola 1).

Contudo, um grupo de meninos mostrou-se cerceado no que tange à possibilidade de criar e modificar a forma de jogar, o que foi expresso em uma das falas, com a qual todos concordaram: “ah eu acho que a gente deveria ter mais liberdade pra criar regras, o nosso esporte dentro da escola” (Menino 2, 3ª D, escola 1).

Interessante observar que esse fato não se mostra em consonância com o que postula o Projeto Político Pedagógico da escola, na qual afirma que o processo educativo que ocorre na instituição se preocupa com a formação do cidadão crítico, na qual esteja “preparado para os desafios do mercado de trabalho apto a enfrentar as demandas cada vez mais complexas da sociedade contemporânea” (PPP, escola 1).

Corroborando-se com o Coletivo de Autores (1992), os estudantes devem ser incentivados a criarem seus jogos, a criarem as regras, que vão ser estabelecidas de acordo com a exigência do coletivo; com isso, incentiva-se a autonomia dos estudantes, importante em um processo pedagógico. Assis (2001) também considera importante a criação dos jogos, pois o modelo atual, que toma como referência o modelo do alto rendimento para dentro da escola, deve ser questionado e modificado. Bracht (1986, p. 64) destaca que:

No esporte desenvolvem-se idéias e valores que levam ao conformismo, como é o respeito incondicional às regras, porque o comportamento não conformado no esporte não leva a modificações do esporte, mas sim à exclusão dele. No esporte, coloca-se em destaque a idéia de que todos têm a oportunidade de vencer (vencer no esporte = vencer na vida).

Dessa forma, está ocorrendo nas escolas uma obediência a regras que não são criadas pelos estudantes e sim por um pequeno grupo de pessoas que constituem as instituições esportivas. Reproduzir as regras significa, na prática, reproduzir condicionantes sociais. A Educação Física escolar deve ficar atenta a isso e criar condições para que esse debate seja incorporado nas aulas, pois Bracht (1986) alerta que parece não existir mais espaço na sociedade para a discussão sobre as regras do esporte ou para a criação de novas regras ou de uma nova formatação do esporte, adaptadas à realidade escolar e nelas contextualizadas, já que o esporte é uma criação cultural.

Por meio desse fato pode-se destacar o efeito que a televisão impõe aos estudantes, pois o modelo de esporte que é referenciado pelo alto rendimento nas programações esportivas é copiado e reproduzido cegamente pelos jovens na escola. Dessa forma, o esporte não está sendo pensado e refletido criticamente.

Kunz (2001) considera que o corpo assume uma função de máquina quando é tratado nos moldes do rendimento máximo esportivo; assim, quem foge a essa lógica é excluído das atividades, o que vem se naturalizando no decorrer do processo histórico.

Dessa forma, seguir o modelo oficial das regras esportivas dentro da escola, de forma irrefletida, assim como a reprodução do modelo de esporte de rendimento, pode levar a uma grave situação, que é a exclusão, como será abordado no próximo subtópico.

### **5.6.1 – O processo de exclusão nas práticas esportivas.**

Um fator considerado na pesquisa que exerce influência no aprendizado foi a exclusão que ocorre nas aulas, fato considerado grave. Foi observado que estudantes se sentiam envergonhados para jogar futsal por se sentirem constrangidos frente aos amigos devido a não terem a mobilidade ou as habilidades esperadas socialmente pelo grupo de estudantes. Dessa forma, diversos estudantes confirmaram que já passaram por alguma situação de constrangimento ou de exclusão nas aulas de Educação Física durante algum momento da Educação Básica, com brincadeiras e piadinhas ofensivas a respeito do seu “desenvolvimento” durante essas aulas, como expressa uma das estudantes pesquisadas: “tem que falar mesmo? (risos). É porque eu não sei jogar vôlei, aí as meninas ficaram me criticando, aí eu comecei a chorar” (Menina 2, 3ª D, escola 1). No momento dessa exposição, a estudante se mostrou envergonhada por ter que tratar de um assunto que a incomodou nas aulas de Educação Física. Acontecimentos dessa natureza tiveram como consequência o desestímulo e desinteresse pelas aulas, como afirma outra estudante “essas coisas de eu não saber jogar, daí as meninas ficarem criticando. Aí é melhor não fazer. Eu não faço mais nada” (Menina 1, 3ª D, escola 1). O que foi seguido por outra menina: “Eu também” (Menina 3, 3ª D, escola 1).

O termo exclusão pode receber várias interpretações e definições. Escorel (1998, p. 1) entende que o termo pode “designar toda situação ou condição social de

carência, dificuldade de acesso, segregação, discriminação, vulnerabilidade e precariedade em qualquer âmbito”. A exclusão não se configura como um processo natural e sim como uma construção histórica, determinada pelas relações estabelecidas pelos seres humanos.

Mas esse pensamento não se mostrou de forma consensual, o que demonstra outra forma de pensar e de lidar com fatos da realidade concreta, percebido pela técnica do grupo focal, a qual proporciona que pensamentos diferentes se mostrem em um mesmo ambiente (GATTI, 2005). Sendo assim, uma das estudantes mostrou outra forma de interpretar: “Eu não sei jogar futebol de jeito nenhum, mas aí eu vou pela brincadeira, eu me divirto jogando bola” (muitos risos) (Menina 3, 3º D, escola 1).

Esses casos não foram exclusividade das meninas, pois um menino externou que não era respeitado nas aulas e que era sempre desprezado nos jogos ao ponto de os meninos, que constituíam o mesmo time, entregarem a bola para o time adversário para que fizesse o gol rapidamente para ele sair e entrar o estudante que estava de fora do jogo, esperando a próxima<sup>18</sup>. Esse estudante possuía uma limitação de mobilidade nas pernas e encurtamento dos braços, assim ele reclama:

Não era escolhido, só no final da aula que jogava. Sensação ruim de tristeza, pois ficar olhando é muito ruim. Era chamado de ruim quando perdia a bola, quando errava o gol, riam da minha perna torta, ficavam fazendo piadas e gracinhas. Eles têm preconceito com deficiente. Davam a bola para o adversário fazer o gol e entrar o estudante próximo e eu sair (Menino 3, 3ªA, escola 1).

Fatos como esse confirmam o que já foi abordado no capítulo 1, de que a prática esportiva nos moldes da busca pelo alto rendimento excluem uma parcela dos estudantes e naturaliza o processo de exclusão, como se este fosse inerente ao esporte (Assis, 2001). A escolha de um estudante ao invés de outro está condicionada à lógica do esporte de rendimento, no qual a vitória é essencial, por isso buscam-se os mais velozes, os mais ágeis, os mais habilidosos. Esse fato se assemelha à pesquisa coordenada por LAMAR e ZOBOLI (2004, p. 132), na qual constataram que nas aulas

---

<sup>18</sup> Ocorre em dois momentos, quando um dos times faz 2 gols ou quando atinge o tempo de 10 minutos de jogo e sai o time (ou integrantes do time) que estiver com menos gols.

de Educação Física o processo de exclusão está enraizado “porque ninguém quer perder na hora do jogo, quantos sujeitos ressentidos por não serem ‘bons’ o suficiente para jogar no time da escola. Quanta eliminação na hora de selecionar um time entre os próprios alunos, pois ninguém quer o “menos apto” física ou tecnicamente para aquele jogo”.

E a mídia esportiva ao difundir um modelo único de atleta, um modelo único de prática esportiva, qual seja, o do modelo de rendimento cumpre um papel importante no processo de exclusão, pois o que não se enquadra nesse modelo, provavelmente marginalizado ficará.

Mas a exclusão não se dá somente na escola, ela é muito mais ampla. Grande parte dos jovens já participa de um processo de exclusão da sociedade, por não possuírem o direito a condições dignas de moradia, educação e lazer.

Pensando no Brasil, observa-se uma exclusão de parte significativa dos jovens brasileiros, pois em relação à frequência nas etapas de ensino das 10.262.468 pessoas compreendidas entre 15 e 17 anos no Brasil em 2008, 1,6% eram analfabetos e 32,5% frequentavam o Ensino Fundamental; ou seja, fora do fluxo; 48,5 % frequentavam o Ensino Médio e 16,6% estavam fora da escola (IPEA, 2009). Com isso, observa-se que aproximadamente a metade do público dessa faixa etária encontrava-se no Ensino Médio, considerado o nível de ensino adequado à faixa etária, ou seja, grande parte dos jovens está excluído do processo educativo formal.

E, além disso, apenas 37% dos matriculados no Ensino Médio obtêm o diploma de conclusão dessa etapa de ensino, o que é considerado muito baixo. A evasão e a reprovação ainda estão bastante acentuadas nesse público, muito ligadas a questões sociais, porque muitos precisam ingressar no mercado de trabalho cada vez mais cedo para sobrevivência própria e de sua família. O analfabetismo para pessoas acima de 15 anos estava no patamar de 10,4% em 2006, o que é considerado elevado se comparado com outros países da América do sul, como Argentina (2,1% em 2001), IPEA (2007).

Em relação à Educação, ao redor do mundo, um em cada cinco jovens está fora da escola, enquanto, no Brasil, essa proporção é de um em cada sete. Dados de 2009 apontam que 14,8% dos adolescentes brasileiros entre 15 e 17 anos estão fora da

escola, e um dos problemas mais sérios da educação no Brasil é a distorção idade/série, que atinge de forma mais contundente essa faixa etária. Menos da metade dos adolescentes de 14 a 17 anos que declararam frequentar a escola estão no Ensino Médio (Pnad, 2009). A média de anos de estudo nesse grupo é de 7,4 anos, ou seja, menos do que o necessário para completar a educação básica (PNAD, 2009).

Outro dado que desperta atenção é de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas: 92% são meninos e 46% têm entre 17 e 18 anos, sendo que 54% concluíram o Ensino Fundamental, enquanto apenas 4,9% têm o Ensino Médio. Entre os anos de 1998 a 2008, 81 mil jovens brasileiros, entre 15 e 19 anos de idade, foram assassinados. Dados de 2008 mostram que homicídios são a primeira causa de óbito entre adolescentes de 15 a 19, com 40% (7.543 óbitos); em seguida, estão os acidentes de trânsito, com 17,8% (3.360 óbitos). Estudos recentes mostram que as vítimas mais frequentes de homicídio são adolescentes, meninos, afrodescendentes, que vivem em comunidades populares de grandes centros urbanos (UNICEF, 2011).

Todos esses dados só reforçam o processo de exclusão que os jovens sofrem ao longo dos anos. Em relação ao acesso a equipamentos de lazer, na região onde os estudantes da pesquisa habitam há restritas opções, com poucas quadras esportivas e somente um parque, nenhuma sala de cinema e nenhuma sala de teatro. Mais da metade dos estudantes nunca foi a um Teatro e vários dos que foram o fizeram por conta de atividades extracurriculares de alguma escola em que estudaram. Assim, a escola torna-se um espaço de referência para o acesso às práticas esportivas e ao conhecimento sistematizado. Dessa forma, os estudantes excluídos nas aulas de Educação Física sofrem exclusões, primeiro na sociedade, por não terem acesso a bens culturais como teatro e cinema, assim como a condições dignas de moradia<sup>19</sup> e à possibilidade de prática esportiva gratuita fora da escola, por não haver quadras, por exemplo. E quando conseguem chegar à escola e ter acesso à educação formal, conforme os dados anteriormente apresentados, passam por mais um processo de exclusão dentro da prática escolar; ou seja, uma exclusão macrossocial por parte da sociedade de forma geral e uma microssocial, dentro da escola, mais especificamente nas aulas de Educação Física.

---

<sup>19</sup> Que pode ser entendida como direito à água e esgoto encanado, luz elétrica, etc.

## 5.7 - Gênero: Diferenças no tratamento.

Outra categoria diz respeito à diferença de tratamento de gênero nas aulas de Educação Física. Foi constatada a divisão das turmas de Ensino Médio entre homens e mulheres no período matutino, fato relatado em todas as turmas pesquisadas, tanto na escola 1 como na escola 2, explicitadas nas falas a seguir:

é uma divisão bastante explícita, né? Desde que eu comecei a estudar aqui sempre teve essa divisão, mas de vez em quando tem menina jogando com menino e acho que nunca deu briga não (Menino 1, oficina de vídeo).

Com o que concordaram outras meninas, como afirma uma das entrevistadas: “A gente se misturou pouco, a maioria das vezes era menino com menino e menina com menina, pelo menos é o que eu me lembro” (Menina 2, oficina de vídeo). Conforme o exposto, há uma relação pacífica entre os dois grupos, mas não de conformismo por parte das meninas, que se sentem incomodadas. A respeito desse ponto, as meninas da escola 1 não se sentem à vontade em relação a essa divisão proposta pelo professor e aceita por todos os estudantes. Elas se sentem discriminadas e colocadas de lado, subjugadas pelos meninos. Assim como relata uma das meninas: “Mas ficava muitas vezes mulher sem fazer gol por causa da fominhagem dos meninos” (Menina 2, oficina de vídeo). Porém os meninos discordaram e relataram que as meninas algumas vezes jogaram com eles, mas foi logo rebatido por outra menina: “é, mas a gente sempre ia pro gol” (Menina 1, oficina de vídeo).

Destaca-se o fato de elas jogarem apenas “algumas” vezes, como se fosse por uma permissão dos estudantes e não por conta de uma preocupação pedagógica e/ou uma compreensão não discriminatória por parte das meninas.

Buscando compreender esse fenômeno, pode-se recorrer ao processo histórico, no qual há a construção social do papel da mulher, vista de forma secundária, submissa dentro de uma sociedade opressora e machista. Segundo o IPEA (2008) as mulheres vêm aumentando a sua participação no mercado de trabalho, mas ainda estão atrás dos homens. Conforme dados apresentados em 1996, 46% da população feminina

estavam empregadas ou à procura de emprego. Esta proporção sobe para 52,4%, em 2007, ainda significativamente inferior à dos homens, que alcançou 72,4% no mesmo ano. As mulheres são mais representativas no trabalho doméstico, na produção para o próprio consumo e no trabalho não remunerado, enquanto os homens ocupam mais postos com carteira de trabalho assinada e como empregador. Em 2007, enquanto as mulheres brancas ganhavam, em média, 62,3% do que ganhavam homens brancos, as mulheres negras ganhavam 67% do que recebiam os homens deste mesmo grupo racial e apenas 34% do rendimento médio de homens brancos (IPEA, 2008). Esses dados demonstraram, numa perspectiva histórica e social, a desigualdade de tratamento entre os dois sexos, fato que se reflete dentro da escola e das aulas de Educação Física, numa compreensão de que na parte, ou seja, na quadra de esportes, podem-se constatar características do todo, ou seja, da sociedade (TRIVIÑOS, 1999).

Outra explicação para esse fato vem de uma justificativa biológica, da diferença natural entre homens e mulheres. Todavia, embora não se despreze a diferença biológica entre homens e mulheres, deve-se tomar cuidado para não legitimar uma explicação biológica para justificar todo um processo histórico de preconceitos e discriminação que as mulheres sofreram e ainda sofrem na sociedade brasileira, o que de certa forma foi se naturalizando. O machismo que o menino demonstra nas aulas de Educação Física diante de alguma situação na qual os dois sexos necessitam estar juntos para a realização de determinada atividade é um aprendizado que ele adquiriu durante o seu processo de formação e não um aprendizado inato, que nasceu com ele, pois valores, atitudes e visões de mundo são aprendidos e vão sendo construídos ao longo da vida dos seres humanos, de acordo com as relações que se estabelecem no decorrer de cada vida.

Nesse sentido, Altmann e Sousa (1999) alertam para o fato de os estudantes chegarem à escola com uma bagagem prévia de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos advindos de fora dos muros da escola. Nessa perspectiva, Vigotski (2002, p. 110) discorre que “o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se confronta na escola tem sempre uma história prévia”. Isso dá a noção de que o conhecimento e a realidade estão em um processo constante de construção e



mudança. Por conseguinte, mensagens da televisão, visões de adultos e de grupos de amigos, por exemplo, que carregam estereótipos de gênero em relação ao que é ser homem ou mulher na sociedade, podem exercer influência na forma de compreender tal fenômeno. Assim, reveste-se de um caráter sociocultural, fato com que Saraiva (2005) também concorda.

Diante da justificativa da diferença biológica escondem-se relações de poder “marcadas pela dominação masculina, que mantiveram a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista, nas primeiras décadas deste século” (ALTMANN e SOUSA, 1999, p. 57). Fatos que podem ser comprovados a partir dos dados publicados pelo Ipea (2008). Na escola 2, as meninas também se sentiam marginalizadas, pois ficavam de lado nas aulas e dificilmente interagiam com os meninos. Os meninos “tomavam” a quadra delas e nunca as deixavam jogar, uma vez que o professor deixava as aulas práticas livres. Isso pode ser evidenciado nas falas de uma das estudantes pesquisadas “Agora quando o professor desce pra quadra, os meninos já pegam a quadra e já tomam o espaço e a gente fica de lado, de fora” (menina 6, 3ª A, escola 2). O que foi confirmado por outra estudante: “Era assim mesmo: os meninos tomavam conta, até tiravam a gente muitas vezes, aí a gente ficava de lado, olhando e fofocando, batendo papo” (menina 5, 3ª A, escola 2).

Com isso, manteve-se a imagem construída da mulher dotada de fragilidade, docilidade, sentimentos e emoções e o homem dotado de força e razão. Isso se refletiu nas aulas de Educação Física, sendo destinada para as meninas a dança, a ginástica rítmica e o voleibol, por serem dotados de suavidade nos movimentos e estabelecerem uma distância entre os corpos. Já o futebol e basquete são destinados aos meninos, por exigirem maior esforço, movimentos violentos, confronto e contato entre os corpos, servindo de espaço para a manifestação de toda a virilidade masculina, o que para as mulheres era inconcebível (ALTMANN e SOUSA, 1999). Dessa forma, destaca-se a fala de um dos meninos: “As aulas devem ser divididas mesmo, que o homem é mais forte, é mais agressivo. Isso é positivo” (menino 2, 3ª D, escola 1).

Entre os homens, o processo de divisão já se tornou naturalizado, pois a maioria dos entrevistados considera que essa divisão é salutar, porque a diferença física entre homens e mulheres pode causar algum dano à saúde da mulher, pelo fato de os

homens serem mais fortes e “brutos” do que as meninas e não terem a devida e necessária preocupação em não machucá-las.

Aulas em que há separação entre o sexo feminino e o masculino dificultam o entrosamento e o respeito entre os gêneros. O respeito à diversidade deve vir do contato intencional e direto entre os homens e as mulheres, no qual conflitos ocorrerão. E será nesses processos conflituosos que o entendimento e ao respeito se darão. Não há nenhuma relação humana entre pares que não seja conflituosa (GADOTTI, 2001), sejam entre pais e filhos, esposos, professor e estudante, entre estudantes e estudantes. Assim, não se pode querer esconder os conflitos e as diferenças entre os sexos com a separação, pois assim só estará contribuindo para camuflar a realidade, uma vez que se criará um ambiente de aparente tranquilidade, sem atritos e conflitos, o que não acontece na realidade.

No caso dos conflitos serem escondidos ou camuflados, como eles poderão ser tratados, problematizados e resolvidos? Se não aparecerem como poderão se tornar alvo de debate e reflexão dentro das aulas de Educação Física? Não significa que o conflito deva ser provocado, incitado ou induzido. Ou então, que só pela sua aparição ele se resolva sozinho ou naturalmente. Para que se resolva um conflito, é importante uma intervenção e/ou a mediação do professor no processo, mas não como um mero apaziguador desses conflitos, mas como um ator problematizador, que busque a reflexão radical sobre esse fenômeno que não é natural, mas uma construção histórica e social. Problematizar questões como a forma de conceber a mulher em situação de submissão e “vê-la” como o suposto sexo frágil em relação aos homens, atentando-se para que nesse processo não aconteça uma “masculinização” da mulher (SARAIVA, 2005).

Nesse sentido, Saraiva (2005) propõe outra formatação de trabalho para contemplar a valorização dos dois grupos. Propõe um trabalho no qual os dois sexos possam interagir, ou seja, a co-educação, conceito importado da Alemanha. Uma das preocupações levantadas por educadores alemães está no fato das aulas co-participativas atrapalharem no desenvolvimento dos estudantes. A partir dessa preocupação, foi formulada a questão de que com a interação dos dois sexos haverá uma amplitude nas vivências esportivas para ambos os sexos, desde que sejam

oferecidas as mesmas modalidades, disciplinas e exercícios, pois assim “possibilitaria a superação de limitações, das quais principalmente as meninas se ressentem” (SARAIVA, p. 178, 2005).

Com esse tipo de inquietação, a autora sistematizou algumas considerações. Primeiramente ela sugere que se deve procurar criar um ambiente no qual os dois sexos se sintam bem para evitar a existência de conflitos constantes e, para que isso ocorra, deve-se evitar modalidades muito estereotipadas, como o futebol, apesar de reconhecer que este pode ser um ótimo instrumento de problematização - o que é bastante interessante, pois não se pode negar a prática desse componente cultural, mas buscar a reflexão a partir de sua prática juntamente com o conjunto dos estudantes. O 2º ponto é o cuidado que o do professor deve tomar quando da formação de grupos, dando preferência à estatura dos estudantes, para não proporcionar a formação de grupos heterogêneos só de homens ou só de mulheres. O 3º ponto é buscar atividades em que um sexo necessite do outro para sua realização, direcionando-se para uma socialização positiva. O 4º ponto é adotar atividades que permitam a sensibilização do corpo para dar outro significado ao contato com o outro sexo, de forma não-excludente. Já o 5º ponto diz respeito à postura do professor, que ganha papel importantíssimo, pois este deverá tratar os estudantes sempre da mesma forma, sem privilegiar nenhum dos sexos, bem como criar um ambiente favorável a discussões e a resolução de problemas em conjunto porque:

[...] somente em conjunto poderão ser buscadas a igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos, fatores esses necessários para a construção de relações entre iguais que, julga-se, podem impulsionar a transformação social (SARAIVA, p. 182, 2005).

A escola tem papel importante da busca pela equiparação de condições para os dois sexos, pois a escola constrói cultura e é possível construir relações não-hierarquizadas entre homens e mulheres que possivelmente transporá os muros da escola (ALTMANN e SOUSA, 1999).

A mídia também assume uma “responsabilidade” nesse processo, ao dar destaque mais aos homens do que às mulheres em reportagens. Souza e Knijnik

(2007), ao analisarem o jornal “Folha de São Paulo”, constataram que o mesmo tinha uma preferência por tratar de homens esportistas. A diferença de quantidade de reportagens esportivas entre os homens e as mulheres chegou à ordem de 700% a no período de 2002 a 2003. O tamanho das reportagens também se mostrou diferente: aos homens era dado um maior espaço, além de serem mais citados pelas habilidades atléticas, o que não acontecia com as mulheres, pois quando se referiam a elas, a referência se dava no plano da aparência física. Dessa forma, o “estudo mostrou que as mulheres esportistas continuam a ser pouco representadas pela mídia, apesar do crescente número de mulheres que participam e são bem-sucedidas no esporte” (SOUZA E KNIJNIK, 2007, p.1). Esses fatores não podem ser esquecidos, pois a mídia também divulga o seu entendimento a respeito dos papéis masculinos e femininos.

## **5. 8 - Contexto e Infraestrutura do Ambiente Pedagógico**

Outro ponto bastante evidenciado foi a falta de condições dignas de aprendizado, no que se refere ao espaço físico e aos materiais disponíveis, quando disponíveis. Os estudantes relataram a falta de uma estrutura física adequada para a prática e para a aprendizagem esportiva, com quadras esburacadas, com a não delimitação das linhas no chão, com a falta de postes e rede para vôlei ou falta das tabelas para o aprendizado do basquetebol, além de quadras sem uma cobertura para amenizar os efeitos do sol e das chuvas. Um estudante expôs:

[...] falta de estrutura: a gente não tem bola, só tem uma quadra para a escola toda. Mas é o sistema que não oferece um local adequado para a prática, a prática dessa aula que muitos não dão importância; mas ela é muito importante sim (Menina 2, 3ºD, escola 2).

Lembrando-se que nessa escola há um total de 2200 estudantes nos três turnos. Mas o interessante é que mesmo com as condições físicas desfavoráveis, os estudantes não deixavam de praticar as modalidades e as aulas, como relata um dos estudantes:

[...] em certo ponto deixou a desejar, porque nem sempre a gente tem material adequado. Aqui mesmo, as cestas de basquete não têm as redinhas debaixo e em uma das quadras nem tem cesta, tá lá a tabela toda acabada, entende? Não só aqui, pois toda a escola tem um probleminha, como a disponibilidade de material, de bolas, essas coisas: rede, quadra. Então, porque eu acho que o Governo investe mais na questão de livros, essas coisas e esquece um pouco de investir no esporte na escola, mas com o que a gente tinha, a gente sempre aproveitou bastante (menino as 3ª A escola 2).

Assim, não caíram em um fatalismo, e, com o pouco material de que dispunham, realizavam as aulas. Porém não se pode deixar de responsabilizar o poder público, já que a escola, por ser pública, deve ser mantida com o orçamento público administrado pelo Estado. Segundo Saviani (2005), o termo público pode assumir três acepções, sendo o “público” entendido como coletivo, ao contrário do individual. Assim, o ensino público estaria ligado ao ensino coletivo, podendo ser público ou privado. A segunda compreensão refere-se à educação popular, destinada a toda a população, que ganhou força no século XIX. A terceira refere-se às escolas organizadas e mantidas pelo Estado, o que responsabiliza o poder público pela garantia das condições materiais e pedagógicas. É a 3ª compreensão que é tomada como referência para o presente estudo.

O processo de falta de investimentos nas escolas públicas do Distrito Federal pode ser constatado diretamente nas condições não adequadas das instalações físicas e nos discursos dos estudantes e dos professores.

Além disso, a falta de materiais para as aulas foi um ponto bastante comum nas falas dos estudantes e dos professores, o que influenciou outra categoria tratada nesse trabalho, que foi a questão do gênero, como pode ser constatado na fala de uma jovem: “não tinha material para a gente dividir também. Só tinha uma bola e ela sempre ficava com os meninos também” (menina 3, 3ºD, escola 2).

Já outro estudante teceu uma crítica referente à qualidade das instalações, no que tange ao tamanho do espaço destinado às práticas esportivas, assim:

Eu acho que tem também a questão do tamanho, da área que fica disponível pra gente; normalmente as quadras daqui, pelo menos das escolas onde eu estudei, acho bem pequenas comparadas com outras que você vê na TV, nas revistas. Eu acho que as quadras são bem pequenas, mas dá pra aproveitar (menino 2, 3º A escola 2).

Outra sugestão que foi dada, de forma muito interessante foi a de que:

Na minha opinião, deveria ter uma determinada área para cada esporte na escola, tipo uma parte pra futebol, outra pra basquete... Porque acaba que você quer praticar determinado esporte, aí chega lá e já tem gente lá praticando esse esporte na quadra; aí não tem como você praticar esse, aí tem que determinar um horário pra jogar, reservar, aí fica difícil... Aí o que acontece: você fica sem praticar o seu esporte. Na minha opinião deveria ter um espaço maior (menino 4, 3º B escola 2).

Realmente as condições físicas e materiais não são satisfatórias, uma vez que estão muito aquém da necessidade para um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. É no mínimo vergonhoso em uma escola com cerca de 2200 estudantes haver somente uma bola. O professor dessa escola relatou que, quando a bola foi roubada ao cair fora dos muros da escola, as aulas de Educação Física ficaram sem a parte prática na quadra por quase um mês. Falta seriedade nas políticas educacionais, principalmente no que tange ao reconhecimento da importância da disciplina Educação Física no cenário educacional. Abramovay (2003), ao investigar jovens escolares constatou que há um processo de violência quando a eles é ofertada uma escola sem condições dignas de aprendizagem, com salas sujas ou prédios velhos, ou seja, com uma estrutura deteriorada. Esse fato também ocorreu com os estudantes pesquisados, pois na verdade ocorre um grave processo de violência e desrespeito, uma vez que o Estado deixa a desejar ao não cumprir com o seu papel.

### **5.8.1 - A escola como lugar seguro para a prática esportiva.**

Diante da realidade perigosa e violenta demonstrada por parte dos estudantes e das meninas, a escola tornou-se um espaço seguro para práticas corporais nas aulas de Educação Física, por ser considerada pelos estudantes um espaço no qual quem pratica os jogos é amigo ou conhecido e no qual há uma inexistência de brigas sérias, apenas pequenos conflitos que logo são resolvidos, como afirmam os estudantes da escola 2: “Depende do lugar, tem lugar que é tranquilo, mas tem outros... No campo lá embaixo é fogo, jogar ali é perigoso, jogar ali à noite, nem.... (de jeito nenhum)” (menino 2, 3º D, escola 2). O que é confirmado por outro estudante: “Teve um campeonato lá esses dias e tinha uns caras comemorando com tiros” (menino 4, 3º B escola 2).

Afirmam que já são adultos e não querem mais saber de brigas, ou violência. Diferentemente do que ocorre nas quadras e nas ruas da cidade, onde há uma rivalidade entre as quadras residenciais, em que jovens brigam corporalmente, chegando a casos extremos de tiro e morte, como já foi noticiado em reportagens do Correio Braziliense e no programa televisivo Profissão Repórter.

Interessante notar que diversos estudos retratam um cotidiano de violência no ambiente escolar, como Abramovay (2003), porém as falas dos estudantes e as observações feitas mostram que a escola é considerada um local seguro de convivência entre os jovens, principalmente nas aulas de Educação Física, na qual ocorrem pequenos desentendimentos que rapidamente são resolvidos por eles mesmos. Dessa forma, as aulas de Educação Física e a escola, de forma geral, são consideradas um local de referência e privilegiada para a prática esportiva.

## **5. 9 - Relação professor-estudante**

Durante a investigação, outro ponto que se mostrou relevante foi a relação que os estudantes têm com o professor de cada escola. Fato que mereceu destaque por identificar que essa relação tem influência no trato pedagógico. Assim, na escola 1, constatou-se que há um amplo respeito pelo professor. Os estudantes vêem o

professor de Educação Física como um amigo, um conselheiro; ele, por sua vez, mostrou-se muito preocupado com o futuro da juventude, e inclusive tem o costume de ler trechos da Bíblia em sala, fato que é bem aceito pelos estudantes entrevistados, ao afirmarem que: “Ele é um excelente professor; a forma como ele conduz a aula e como pessoa também” (Menina 3, 3<sup>ª</sup>A, escola 1); “Se o professor é bom, ele faz com que a gente goste da matéria” (Menina 2, 3<sup>ª</sup> D, escola1); “[...] mais pelo professor, que é maravilhoso. Eu gosto muito do professor” (Menina 1, 3<sup>ª</sup> A, escola1).

O professor também participa das aulas com eles, joga futebol, basquete, vôlei, participa de torneios compondo o time de professores. Diversas falas das meninas e dos meninos evidenciaram-se bem emotivas, carinhosas em relação ao professor. Nas observações feitas, ficou explícito o respeito que o professor tem pelos estudantes e vice-versa, pois se dirige a eles com palavras respeitadas e fraternas. Fato que se aproxima das considerações de Paulo Freire (1996), que afirma ser necessário ao processo de ensino-aprendizagem o respeito às idéias dos estudantes, “saber escutar”, ter “disponibilidade para o diálogo” e “querer bem aos educandos”.

Nessa perspectiva, o educador que se entende em um processo democrático de educação, deve se preocupar em ouvir os estudantes para poder estabelecer com ele uma relação horizontal de entendimento, a fim de não entrar no risco de tornar-se autoritário, mas claro, sem perder a sua autoridade. Assim “o educador que escuta, aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário ao aluno, em uma fala com ele” (Freire, 1996 p. 35). Nesse sentido, o estudante entra em um processo de construção de sua autonomia; esse fato, no entanto, apresentou-se de modo relativo na escola 1, pois em relação ao que se mostrou nas aulas, o seu poder de influência é limitado, pois é dado aos estudantes a possibilidade de escolher a modalidade esportiva que desejam praticar duas vezes ao mês; nesse processo ficou evidenciada a reprodução dos modelos vigentes, pois a escolha do que fazer se deu quase que hegemonicamente no âmbito das manifestações corporais esportivas, com o futsal para os meninos e a variação entre vôlei e futebol para as meninas. Assim, Freire reforça a ideia de que o diálogo com o estudante é um processo rico, pois evita-se assim a imposição de uma forma unilateral:



[...] ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É nesse sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele (FREIRE, 1996, p.43).

Em uma concepção democrática de Educação, no sentido amplo de respeito, Freire reafirma a importância de não tratar o estudante de forma diferenciada (discriminatória), caso ele fuja do padrão estabelecido socialmente, seja pelas suas ideias, sua visão de mundo ou pela forma ou estereótipo físico, o professor deve refletir sobre a compreensão de Freire:

[...] se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me a escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito, é um isto ou aquilo, destrutável ou desprezível (FREIRE, 1996, p.47).

Assim, o ato educativo compreende o respeito como um item indispensável à relação ensino-aprendizagem. Complementando, esse pensamento afasta aquela imagem de que “professor bom” é professor severo, frio, distante do estudante; a afetividade, porém, não pode comprometer a responsabilidade quanto à ética relativa ao dever de professor, à construção da autoridade e à forma de avaliar os estudantes.

Por isso, a relação entre professores e estudantes precisa ser observada de forma atenciosa, pois exerce uma influência significativa no processo de ensino aprendizagem, na qual os estudantes têm consciência desse processo. Dessa forma, assume um papel central no aprendizado da Educação Física no contexto escolar.

## 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, não se pretende fazer generalizações, uma vez que há no Distrito Federal 616 escolas distribuídas pelas 14 Regionais de Ensino<sup>20</sup>. Pretende-se com esse trabalho trazer elementos que possam contribuir para uma reflexão acerca da Educação Física escolar no Distrito Federal, mais especificamente no que tange à sua relação com o esporte e a mídia. Observa-se uma necessidade de se debater e buscar construções coletivas no âmbito da rede pública, uma vez que as políticas de incentivo a valorização do corpo docente, discente e da Escola, de forma geral, estão se demonstrando ineficazes<sup>21</sup>. Entende-se também que as elaborações e as sínteses aqui apresentadas são provisórias e datadas.

A partir dos dados obtidos e analisados, foi possível concluir que a Educação Física no contexto pesquisado elegeu o esporte como manifestação corporal hegemônica nas aulas de Educação Física, em detrimento dos demais elementos da Cultura Corporal. Nesse sentido, as falas dos sujeitos participantes e as observações feitas nos permitem afirmar que a concepção de esporte abordada dentro das aulas está subordinada à instituição esportiva, na qual prevalece o modelo do alto rendimento, que reproduz uma prática pedagógica e uma compreensão sobre o esporte de forma tradicional, tanto no entendimento dos estudantes, como no dos professores. Assim, no Ensino Fundamental, as aulas estão voltadas fundamentalmente ao ensino-aprendizagem das modalidades esportivas, quase sempre de forma intencional e propositiva. Em alguns casos, o aprendizado acontece de forma não propositiva, como nas aulas livres. As aulas tinham como objetivo o ensino dos fundamentos, das técnicas e das regras, com duas aulas práticas (na quadra esportiva) e uma aula teórica (em sala de aula). Sem desconsiderar que no processo dinâmico e contraditório do cotidiano escolar havia outras situações, como as aulas “livres”, nas quais os estudantes podiam

---

<sup>20</sup> (GDF, 2010).

<sup>21</sup> A Educação Pública no DF ainda sofre as consequências de um projeto de sucateamento das escolas públicas, pela falta de políticas educacionais comprometidas com a melhoria da educação pública entre os anos de 1999 a 2006.

fazer o que quisessem. Contudo, o “livre” permanecia “preso”, pois acabava condicionado à prática de algum esporte, especialmente o futsal e ao voleibol.

Já no Ensino Médio, conclui-se que os professores têm um entendimento de que os estudantes já possuem um domínio técnico sobre as modalidades esportivas, assim não necessita de um trabalho pedagógico direcionado para tais aprendizagens. Dessa forma, as aulas se mostraram focadas, sobretudo, na prática esportiva, na prática do jogo esportivo. Assim, conclui-se que a Educação Física escolar, nas duas escolas pesquisadas, está mais relacionada aos pressupostos teórico-metodológicos da concepção desenvolvimentista.

Os conhecimentos sobre as habilidades motoras e as mais diversas formas de movimento são importantes conteúdos pedagógicos, que não podem ser desconsiderados, pois o conjunto discente deve ter acesso a eles dentro do ambiente escolar, como preconizam os autores da Concepção teórico-metodológica desenvolvimentista, a qual se preocupa de forma central com a aprendizagem e o aperfeiçoamento motor (TANI et al, 1988). A técnica e a tática são conhecimentos que dão sentido ao jogo e por isso devem ser ensinados aos estudantes. Contudo, faz-se importante uma reflexão que é a de não se “limitar” somente ao ensino/aprendizagem dos gestos esportivos, como defendem outras propostas metodológicas, como a crítico-emancipatória e a crítico-superadora.

Com isso, concorda-se com os pressupostos teórico-metodológicos da crítico-superadora, na qual o esporte, assim como os demais elementos da Cultura Corporal devem ser trabalhados no sentido de promover uma leitura crítica da realidade social, pois “a seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.88). Sendo assim, corroborando com esses autores, o ensino e a prática do esporte deve estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do conjunto dos discentes, particularmente sua condição de classe social, assim como as influências televisivas constatadas nesse estudo.

Dessa forma, identifica-se que a referida proposta metodológica possui instrumentos para interpretar e analisar a realidade social de forma crítica, pois busca a compreensão dos condicionantes sociais impostos pelo modelo de sociedade

contemporânea, como as discriminações de gênero, de classe, de raça (etnia), assim como o individualismo, a violência, a inveja, etc. Nesse sentido, a Educação Física pode ser trabalhada no sentido de ampliar as possibilidades de apreensão do esporte para além dos gestos esportivos, buscando um entendimento pelo viés cultural e social do mesmo, o que é defendido e proposto nesse trabalho.

Os processos de compreensão e contextualização do esporte como um fenômeno que tem uma íntima relação com a sociedade atual, a qual é carregada de significados sociais, como o individualismo, o preconceito, o desrespeito e a exclusão, que são fruto de uma sociedade que também prioriza o individualismo, que é machista, que discrimina e que também exclui. Porém, esse tipo de interpretação não ficou evidenciado, pois nenhuma sistematização que avance para uma leitura mais complexa e profunda do esporte se mostrou evidente na pesquisa realizada. Diante disso, a formação dos estudantes pode estar ficando na superficialidade, na aparência dos fenômenos, restringindo o conhecimento, tornando-se pedagógico somente o aprender a jogar. Porém, não se pode de forma alguma desconsiderar esse aprendizado, mas o esporte não se esgota no seu movimento técnico. O processo educacional pode avançar a partir do momento em que o esporte e todas as demais manifestações corporais trabalhadas forem problematizadas, questionadas, colocadas em dúvida, com as certezas postas em xeque e não mais internalizadas como verdades absolutas de forma natural.

Isso remete a outra inquietação, pois o Brasil vai sediar dois megaeventos esportivos em escala mundial: as Olimpíadas e a Copa do Mundo, o que traz preocupações para as aulas de Educação Física, uma vez que, caso lhe seja atribuída a responsabilidade de formar e/ou descobrir atletas visando ao alto rendimento, ocorrerá um reducionismo das suas possibilidades pedagógicas, no que tange ao processo pedagógico de reflexões e compreensão da realidade.

Assim, Saviani (2000) contribui de forma significativa pra esse debate, pois acredita que o papel da escola e da educação deve avançar para além do senso comum, tomando-o somente como referência para o ponto de partida (visão sincrética) e não como ponto de chegada, quando se espera uma visão sintética (aprofundada e organizada).

Diante das diferenças de tratamento entre gêneros apresentadas na pesquisa, o trato do esporte dentro da escola deve “superar” o senso comum, que coloca a mulher em uma posição de submissão e rebaixamento frente ao homem, como foi constatado na pesquisa, tanto nas observações, como nas entrevistas e na produção do vídeo. Por isso, não se propõe que a Educação Física menospreze a prática, mas sim que a problematize para qualificá-la, pois as mulheres estão no mesmo processo educativo dos homens, por isso não podem ser discriminadas e a escola deve fazer esse debate para não reproduzir e reforçar esse condicionante social que vem se perpetuando há muitas gerações.

As discriminações e as exclusões não podem ser banalizadas, compreendidas de uma forma natural, pois são construções históricas do ser humano que vem se reproduzindo e perpetuando ao longo dos anos. Sendo assim, a Educação Física escolar pode contribuir para uma tomada de consciência em relação a esse ponto, na busca de uma superação desses condicionantes.

Outro ponto fundamental é a mídia, pois exerce um papel central na vida dos jovens. Eles a têm como um meio importante de relacionamento com o mundo, a partir da internet e das redes sociais, assim como uma fonte legítima de compreensão da realidade, de atualização das informações e situações que ocorrem mundo afora. A TV ganha destaque, pois todos a possuem e assistem à sua programação todos os dias, em uma média de três a quatro horas diárias. No contato com a TV, evidenciou-se uma expressiva audiência a Programas Esportivos, predominantemente os da Rede Globo. Nessa relação, observou-se que os estudantes “sofrem” uma influência significativa do esporte espetacularizado, ficando restritos somente ao “esporte oficial” que se desdobra para um incentivo ao consumo de materiais esportivos e de práticas de estética que imitam os jogadores profissionais de futebol e alimentam o sonho de ser atleta profissional. Destaca-se o contato dos estudantes com esportes pouco difundidos no Brasil, como as Olimpíadas de Inverno de 2010, a partir da TV. A mídia esportiva, em especial os programas esportivos transmitidos via pela televisão, exercem influência nos estudantes de diversas formas. Muitas informações são transmitidas, assim como a concepção de esporte, um modelo ligado ao alto rendimento. Dessa forma, evidencia-

se um jogo de interesses com fins mercadológicos, na busca de ampliar-se o mercado consumidor, fato que foi constatado junto aos estudantes.

Portanto, pode-se afirmar que a mídia educa, pois há uma intencionalidade em influenciar na construção do pensamento, na forma de compreender a realidade, como alertaram Adorno e Horkheimer (1985). Contudo, por mais que a mídia propague os mais diversos tipos de conhecimentos e conceitos eles não são interpretados pelos estudantes de forma igual e passiva, pois alguns se mostraram conscientes em relação aos apelos consumistas. Além disso, a mídia não substituirá a escola, pois na escola o conhecimento passa por um trato pedagógico, no qual há uma intencionalidade e sistematização metodológica para a abordagem, como foi descrito no Capítulo I<sup>22</sup>.

Assim, compreende-se que a escola e mais especificamente a Educação Física deve trazer para o espaço de aprendizagem as TICs como mais um elemento educativo. Utilizá-los como instrumento e como objeto de reflexão, problematizando as informações passadas pelos meios de comunicação de massa, em especial a mídia esportiva, faz-se necessário para que os estudantes e professores compreendam a sociedade de um modo aprofundado, na qual supere o senso comum e desvende as intencionalidades por detrás das informações e mensagens veiculadas pelos grandes meios de comunicação.

Foi nessa perspectiva que ocorreu a realização da oficina de vídeo, ação grandiosa do ponto de vista de uma educação transformadora, pois possibilitou que os estudantes tivessem acesso a um tipo de conhecimento historicamente negado às classes humildes, ou seja, as ferramentas necessárias para a construção/elaboração de um vídeo, nesse caso, de curta duração.

Em meio a discursos pessimistas em relação ao papel da escola nos dias atuais, que a percebem como não tendo papel exclusivo no processo de aprendizado frente a tantas outras formas de veiculação de informação, como a mídia, a pesquisa mostrou que o componente curricular Educação Física exerce um papel importante por proporcionar a aprendizagem do esporte, promovendo assim, uma democratização do acesso a ele. Alguns estudantes afirmaram que o aprendizado também se deu na rua, nas escolinhas de esporte, mas que o aprendizado significativo, principalmente em

---

<sup>22</sup> As 5 etapas da pedagogia histórico-crítica.

relação a valores e atitudes, como o respeito, honestidade se deu por meio das aulas de Educação Física, com as mediações dos professores e no contato com os demais estudantes, portanto, por meio da escola. Isso mostra a importância do professor como mediador entre o estudante e o conhecimento, bem como a importância de um planejamento educacional comprometido com uma mudança e não mais com reproduções sociais.

Projetos sérios que valorizassem as escolas e os professores se mostraram ineficientes ao longo dos últimos anos, fato explícito nas condições insatisfatórias da estrutura física e material enfrentadas pelo conjunto dos sujeitos escolares. O descontentamento é legítimo, pois repercute no processo ensino-aprendizagem. Ainda que os equipamentos esportivos tenham se mostrado de forma precária e insuficiente, contraditoriamente é o espaço no qual o aprendizado e o acesso às práticas esportivas se dá para uma grande parte dos estudantes, o que demonstra o poder de resistência do conjunto dos docentes, direção, coordenação e estudantes; ou seja, da escola em geral.

Outro ponto que se destacou foi o fato de a escola ser concebida como um local seguro para a prática esportiva, devido ao contexto violento das adjacências das escolas, onde, segundo relatos, ocorrem situações de brigas entre grupos rivais. Isso evidencia um fato interessante, pois qualifica ainda mais a importância da Educação Física na escola para a juventude.

O professor tem papel central no processo de tomada de consciência e mudança, pois deve haver um trabalho pedagógico contra o conservadorismo social nas escolas, nas aulas de Educação Física, por isso concorda-se com a ideia de que é necessária “a tarefa de esclarecer e promover ações que elevem o patamar de consciência dos alunos, no caso da sala de aula/quadra. Necessário se faz mostrar que é possível ser diferente, apontando caminhos para esse diferente” (MARINHO, 2010, p.26). Nesse sentido, o professor desempenha um papel fundamental, pois segundo Gramsci (2010) não haverá transformação da sociedade sem a participação efetiva de um intelectual, o qual é classificado como “Intelectual Orgânico”, pois “não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes”, os quais procuram elevar a consciência dispersa e fragmentária das massas. Os intelectuais

orgânicos sempre existiram, defendendo os interesses da classe social à qual estavam vinculados. Com isso, é necessário elevar a consciência dos estudantes. Por isso, a tarefa histórica da escola não está esgotada, pois se configura como um espaço combativo, de resistência, uma vez que as mediações do professor ainda se fazem necessárias.

Dessa forma, as condições de aprendizagem necessitam ser melhoradas, com um projeto sério de formação continuada dos professores, através da qual o professor possa passar por um periódico processo de reflexão sistematizada da prática pedagógica.

Outro ponto importante a ser destacado é o de que os jovens possuem um potencial inovador, de transformação muito grande, por isso, devem-se criar mecanismos de incentivo para que esse potencial seja desenvolvido no sentido de promover outra interpretação do esporte e das suas relações com a mídia esportiva, na qual discuta os interesses nas informações e mensagens veiculadas, pois há por parte de muitos estudantes uma aceitação irrefletida à lógica do mercado.

Acredita-se que o esporte pode tomar outra configuração dentro das aulas de Educação Física, na qual condicionantes socialmente estabelecidos não sejam reproduzidos, como a exclusão, as discriminações, o individualismo, a exaltação exacerbada a competição e a busca pelo consumo. Com isso o corpo docente juntamente com o corpo discente possui uma enorme potencialidade no desenvolvimento de um trabalho pedagógico contra hegemônico.

Por todos os elementos apresentados no presente trabalho, reafirma-se que a Educação Física como componente curricular na escola tem um enorme potencial para contribuir com um processo educativo comprometido com uma perspectiva de mudança da realidade atual.

Por fim espera-se contribuir com o processo de reflexão sobre a relação ensino-aprendizagem da Educação Física, destacando-se a importância de aprofundarem-se e ampliarem-se as pesquisas no campo da Educação Física escolar no Distrito Federal.



## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Escola e violência**. 2. ed. Brasília: UNESCO, UCB, 2003.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER. Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALTMANN, Helena; EUSTÁQUIA Salvadora de Sousa. **Meninos e meninas**: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

ANTUNES, Scheila Espindola. O esporte na mídia durante a copa do mundo/2006 sob os olhares de jovens escolares: sínteses conclusivas de um estudo de recepção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15, 2007, Recife.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de; PORPINO, Karenine de Oliveira. O sujeito, o esporte e a tv: considerações estéticas e pedagógicas sobre o telespetáculo esportivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15, 2007, Recife.

APPLE. Michael. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ASSIS, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

BARBERO, Jesús Martin. Tecnicidades, alteridades: mudança e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil**. Campinas-SP: Papyrus, 2010.

BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto e Humanismo**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

BETTI, Mauro. **A Janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas- SP: Papyrus, 1998.

BETTI, Mauro; BATISTA, Sidnei Rodrigues. **A televisão e o ensino da educação física na escola**: uma proposta de intervenção. RBCE, vol.26, n.2, p. 7-180. Campinas: Autores Associados, 2005.

BETTI, Mauro; PIRES, Giovani de Lorenzi. **Mídia**. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Dicionário Crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

BEHMOIRAS, Daniel Cantanhede. **Educação Física Escolar**: as principais tendências pedagógicas e suas possíveis relações com o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. Monografia de Especialização apresentada à Faculdade de Educação Física/UnB, 2005.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Metáforas do esporte – imagens e narrativas de guerra: o uso da linguagem esportiva na cobertura jornalística da guerra entre os estados unidos e o Iraque. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 09-20, jan.2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**, uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

Bracht, Valter. **A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 7, n. 2, p. 62-68, janeiro/1986.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Sinopse estatística da educação básica**: censo escolar, 2005.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. **Juventude e políticas sociais no Brasil**, 2009.

CASTELLANI, Lino. **A educação física no sistema educacional brasileiro percurso, paradoxos e perspectivas**. 1999. 187f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1999.

CARRAVETA, Elio Salvador. **O Esporte olímpico**: um novo paradigma de suas relações sociais e pedagógicas. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 1997.

CHAUI, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DUARTE. Newton. **Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar**. Cad. CEDES, vol.19, n.44 Campinas, 1998.

ECO, Umberto. “**A falação esportiva**”. In: Eco, Umberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 220-226.

ESCHER, Thiago de Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **O futebol “na tela da tv”**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15, 2007, Recife.

ESCOBAR, Micheli; TAFFAREL, Celi; SOARES, Carmen. A educação física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2010.

ESCOBAR, Micheli. Cultura corporal e esporte enquanto prática pedagógica. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 25, 2004. Brasília. Anais. Brasília: Exneef. 2004. p. 38 – 46.

SCOREL, S. **Vidas ao léu: uma etnografia da exclusão social**. 1998. 290 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.

**O ESTADO de São Paulo. Disponível em:**

<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,manchester-united-anuncia-novo-patrocinador-principal,381661,0.htm>. **Acessado em 10 de junho de 2010.**

FISCHER. Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: fluir e pensar a TV**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREITAS, Francisco Mauri de Carvalho. Esporte em democracia: a gênese do político. In: MALINA, André; CESÁRIO, Sebastiana (Orgs.). **Esporte: fator de integração e inclusão social?** Campo Grande: UFMS, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FORBES. Disponível em: [http://www.forbes.com/lists/2010/10/billionaires-2010\\_The-Worlds-Billionaires\\_Rank.html](http://www.forbes.com/lists/2010/10/billionaires-2010_The-Worlds-Billionaires_Rank.html). Acessado em: 30 de maio de 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. v.2. Os intelectuais; O princípio educativo; jornalismo. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

GATTI. Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GAZETA Do Povo. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/olimpiadas/conteudo.phtml?tl=1&id=796366&tit=abertura-em-pequim-teve-audiencia-global-de-1-bilhao-de-pessoas>. Acessado em: 06 de abril de 2010.

GDF. Secretaria de Estado de Educação. Diretrizes Pedagógicas 2009-2013. 2008.

GHEDIN, Evandro; Franco, Maria Amélia Santoro. **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Esportivização**. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

GUERRA, Márcio. O jogo da moda: a transformação do futebol em negócio. In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sergio; CAMARGO, Vera Regina T. **Comunicação e esporte – Tendências**. Santa Maria: Palloti, 2005.

GUIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/default.shtm>. Acessado em 20 de abril de 2009.

LOWY, Michael. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 1988.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

LIPPI, Bruno Gonçalves. **Mídia e futebol: contribuições para a construção de uma pedagogia crítica**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 91- 106, set.2008.

MARCHI JR, Wanderley; SILVA, CAMILE Luciane da. Produção televisiva esportiva: um estudo sobre as ações e disposições dos agentes midiáticos a partir do programa globo esporte (regional-PR). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15, 2007, Recife.

MARIN, Elizara Carolina. **O espetáculo esportivo no contexto da mundialização do entretenimento midiático**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 75-89, set.2008.

MARINHO, Vitor. **O esporte pode tudo**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Centauro, 1984.

MENDONÇA, Sérgio. **Comunicação e entretenimento**: mídia e esporte na vida cotidiana. Intercom, 2007.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MEZZARROBA, Cristiano. O agendamento esportivo e os jogos pan-americanos no Brasil em 2007: um estudo de recepção com escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15, 2007, Recife.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 4ª ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

LEIRO, Augusto César. **Educação e mídia esportiva**: representações sociais das juventudes. 2004. 290f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

National Geographic Brasil. Disponível em: <http://viajeaqui.abril.com.br/national-geographic/educacao-130/populacao-mundial-7-bilhoes-613876.shtml>. Acesso em 10 de junho de 2011.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogias do meio, participação e visibilidade. São Paulo-SP. Cortez: Instituto Paulo freire, 2005.

PENTEADO, Heloisa D. **Televisão e escola**: Conflito ou Cooperação? São Paulo-SP: Cortez, 2000.

PIRES, Giovani de Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático**: Abordagem Crítico-Emancipatória. Ijuí-RS: Unijuí, 2002.

RICHTER. Ana Cristina. **Dos lugares do esporte nas aulas de educação física**. In: Cadernos de Formação, RBCE. Campinas: Autores Associados, n.1, setembro, 2009.

SANTOS, Doiara Silva dos; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. **O discurso midiático e as representações sociais do esporte**: o atleta como modelo de comportamento. Pensar a Prática, Goiânia, v. 12, n.3, 2009.

SARAIVA, Maria do. **CO-Educação Física e esportes**: quando a diferença é mito. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 7. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs). **A escola pública no Brasil: história e historiografia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Interlocuções pedagógicas: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SILVA, Maurício Roberto da (org). **Esporte, educação, estado e sociedade**. Chapecó: Argos, 2007.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; CORREIA, Adriana Martins. Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 1, p. 107-122, set.2008.

SOUZA JUNIOR, Marcílio. A educação física no currículo escolar e o esporte: (im)possibilidade de remediar o recente fracasso esportivo brasileiro”. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 4, p. 19-30, jun.2001.

SOUZA, Maristela da Silva. **Esporte escolar: possibilidade superadora no plano da cultura corporal**. São Paulo: Icone, 2009.

SOUZA E KNIJNIK, A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v. 21, n. 1, p.35-48, jan./mar. 2007.

TANI, Go; et all. **Educação física escolar: Fundamentos de uma Abordagem Desenvolvimentista**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

TAFFAREL, Celi; SANTOS JUNIOR, Claudio de Lira. Como iludir o povo com o esporte para o público. In: SILVA, Maurício Roberto da (org.). **Esporte, educação, estado e sociedade**. Chapecó: Argos, 2007.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. Desporto educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. In: STIGGER, Marco Paulo; Lovisoló, Hugo. **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.

TONET, Ivo. **Marxismo e educação**. 2009. Disponível em: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/MARXISMO\\_E\\_EDUCACAO.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/MARXISMO_E_EDUCACAO.pdf). Acesso em: 13 de agosto de 2010.

UOL. Disponível em  
<http://esporte.uol.com.br/copa/2006/histor1994/sabia/numeros.jhtm>. Acessado em 06 de abril de 2010.

VALENTIN, Renato Beschizza; CAVICHIOLO, Fernando Renato. O futebol telespetáculo e suas representações sociais: um estudo de caso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15, 2007, Recife.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

UNICEF. Relatório Brasil Adolescência 2011. Disponível em:  
[http://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_19822.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_19822.htm). Acessado em: maio de 2011.

WOHLGEMUTH, J. **Vídeo educativo**: uma pedagogia audiovisual. Brasília: Senac, 2005.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1**

#### **Formulário sobre práticas culturais e consumo de mídia**

- 1- Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_
- 2- Escola: \_\_\_\_\_
- 3- Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_
- 4- Sexo (  ) Masculino (  ) Feminino
- 5- Idade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_
- 6- Onde o pai nasceu: \_\_\_\_\_ 6.1- Onde a mãe nasceu: \_\_\_\_\_
- 7- Onde mora: \_\_\_\_\_
- 8- Com quem mora: \_\_\_\_\_
- 9- Casa (  ) Apt (  ) própria (  ) Alugada (  ) Não sabe (  )
- 10- Número de quartos: \_\_\_\_\_
- 11- Em que lugar da casa se diverte? \_\_\_\_\_
- 12- Que lugar fora da casa tem para se divertir? \_\_\_\_\_

#### **Equipamentos de Mídia**

- 13- Possui Telefone (  )
- 14- Possui Telefone celular (  ), com câmera (  )
- 15- Possui Televisão – quantidade (  )
- 16- Possui Vídeo (  ) DVD (  ) quantos: \_\_\_\_\_
- 17- Possui Videogame (  )
- 18- Possui TV por assinatura (  ) qual? \_\_\_\_\_
- 19- Possui Rádio (  ) quantos? \_\_\_\_\_
- 20- Possui Media Player (MP3, MP4, etc) (  ) quantos? \_\_\_\_\_
- 21- Possui Computador (desktop) (  ) quantos? \_\_\_\_\_
- 22- Possui Laptop (  ) quantos? \_\_\_\_\_
- 23- Possui Internet (  )



- 24- Possui algum equipamento quebrado?
- 25- Tem acesso a Internet de que forma?(1,2,3,4 – Do mais frequente para o menos frequente):
- a) ( ) Computador em casa
  - b) ( ) Na casa do amigo/vizinho
  - c) ( ) Lan House
  - d) ( ) Na escola e) ( ) Não tem acesso.
- 26- Do que gosta mais: Ouvir rádio ( ) Ver TV ( ) Ler revistinha ( ) Ler livro ( )  
Ler revista ( ) Ver vídeo ( ) Videogame ( ) Computador/Jogo ( )  
Computador/Internet ( )
- 27- A que horas acorda?
- 28- O que faz a seguir?
- 29- O que faz depois que volta da escola?
- 30- Você assiste à televisão todos os dias da semana?
- 31- Quantas horas de televisão você assiste por dia?
- 32- Programa de TV preferido? Quais?
- 33- Você assiste a algum programa esportivo? Qual?
- 34- É possível aprender algo assistindo à TV? O quê?
- 33- Programa de que menos gosta?
- 35- Enquanto estuda, a TV está ligada?
- 36- O rádio ou o som?
- 34- Costuma ir ao cinema?
- 35- Costuma alugar DVD – filme?
- 36- Qual gênero preferido?
- 37- Qual(is) filme (s) que mais gostou?
- 38- A família assiste a filmes? Vai ao cinema?
- 39- Costuma ouvir música? Que tipo? Quem?

- 40- Costuma ler livros? Que tipo de livros?
- 41- A família assina algum jornal/ revista? Qual?
- 42- Você tem hábito de ler jornal/revista?
- 43- Quantas horas por semana você passa na internet?
- 44- Há quanto você não vai ao cinema?
- 45- Costuma ir ao teatro? Com que frequência? Quando foi a última vez que foi?
- 46- O que faz no seu tempo livre?
- 47- Se pudesse escolher, em que lugar gostaria de morar?
- 48- Qual tecnologia/equipamento de mídia você gostaria de ter?
- 49- Qual profissão pretende seguir?

## **Anexo 2**

### **ESTUDO-PILOTO**

Primeiramente foram visitadas as duas escolas que oferecem Ensino Médio na Região Administrativa pesquisada. Foi realizada uma primeira conversa em ambas as escolas para ver as possibilidades de se realizar a pesquisa. Nas duas escolas, as direções as deixaram completamente disponíveis para a realização do estudo. A primeira escola visitada (escola 2) possui 20 turmas no turno matutino, sendo 4 turmas da 1ª série, 10 turmas da 2ª série e 6 turmas da 3ª série, todas do Ensino Médio. No turno vespertino, funcionam turmas de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental. Há um laboratório de informática que tinha sido montado recentemente. Possui aproximadamente 25 computadores, com programas básicos, como Word. Não possui internet e sua utilização ainda não era uma prática frequente entre os professores, pois somente um professor havia realizado alguma atividade, que consistiu em pedir aos estudantes para fazerem uma redação.

A escola possui aproximadamente 2.200 estudantes juntando os três turnos, uma média de 270 na 3ª série do Ensino Médio. Há três professores de Educação Física. Os espaços destinados para a Educação Física são: uma quadra poliesportiva e um pátio (porém os demais professores reclamam de barulho). Até o ano passado (2009) foram desenvolvidos trabalhos que tematizavam os elementos circenses, como malabares, pirâmide de equilíbrio, etc.

Já na outra escola (escola 1), há um total de 2.400 estudantes contando o matutino, vespertino e noturno. São aproximadamente 800 estudantes em cada turno, sendo 17 turmas por turno. Possui uma média de 45 alunos por sala. Há um laboratório que está terminando de ser montado. Também não possui internet. A direção se mostrou bastante solícita, porém advertiu que já foram realizadas diversas pesquisas na escola e que os resultados finais nunca foram apresentados, nunca retornaram à escola. Com isso pediu um retorno do estudo para melhorar e auxiliar o trabalho docente desenvolvido no âmbito dessa instituição escolar. O professor de Educação Física do matutino gostou da proposta de estudo e disponibilizou totalmente as turmas e os horários em que ele ministra as aulas. A configuração das turmas de 3º ano se dá da seguinte forma: no matutino são 4 turmas, o que dá uma média de 180 estudantes, e no vespertino são 3 turmas, com aproximadamente 135 estudantes (vespertino).

No dia 19 de maio foi realizada a primeira entrevista com um estudante do sexo masculino no CEM. A perspectiva de se realizar essa entrevista foi a de realizar um pré-teste, a fim de se testar os instrumentos de coleta de dados. Foi seguido um roteiro de entrevista (que está em anexo) com o áudio gravado por meio de um aparelho MP4. Foi realizada a transcrição que está disponível integralmente no anexo.

Observou-se a importância de haver um local próprio e igual para realizar todas as entrevistas, para evitar que questões externas possam interferir na entrevista, como barulhos ou algo que possa distrair. Observou-se que as perguntas não podem ser muito abrangentes, por isso deve-se buscar fazer perguntas mais diretas, como por exemplo a pergunta “*o que é esporte pra você?*” ficou muito solta, principalmente quando foi perguntada a uma menina. Em relação aos pontos positivos e negativos do esporte, os entrevistados não conseguiram formular respostas sobre pontos negativos do esporte, só conseguiram constatar lados positivos. Talvez as perguntas devam ser

mais precisas, como: pra você o esporte é saúde? O esporte exclui ou inclui? O esporte pode gerar violência? Outras perguntas serão acrescentadas como “qual a importância do esporte em sua vida e como se dava a prática entre os gêneros nas aulas? Algumas questões precisam passar por um processo de revisão e aperfeiçoamento.

Percebeu-se que a entrevistada do sexo feminino ficou um pouco constrangida e envergonhada com as questões principalmente no início, porém os meninos pareceram muito à vontade, sentindo-se valorizados e importantes. As perguntas encontram-se no processo de revisão a fim de aperfeiçoar esse instrumento de pesquisa.

Em relação à possibilidade de realizar o trabalho de filmagem ou de montagem de painel com os estudantes, os dois professores regentes de Educação Física das duas escolas se mostraram abertos e disponibilizaram as aulas para tal.

O formulário de práticas culturais e consumo de mídia foi testado no 2º semestre de 2009 com estudantes do Ensino Fundamental de uma escola pública de São Sebastião. Obteve-se uma riqueza de dados que resultou na sistematização de um trabalho que foi apresentado na 62ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, na cidade de Natal, em julho de 2010.

### ANEXO 3

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO-SENSU* EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar de pesquisa sobre a questão esportiva dentro do ambiente escolar. O projeto está sendo desenvolvido pelo estudante de mestrado Daniel Cantanhede Behmoiras, sob a orientação da prof. Ingrid Dittrich Wiggers, ambos da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). O estudo tem o objetivo de pesquisar a compreensão dos estudantes da 3ª série do Ensino Médio em relação ao fenômeno esportivo, assim como as suas relações com ele. Para isso, inicialmente, será aplicado um formulário com questões sobre a relação do pesquisado com as mídias (televisão, jornais, computador). Em seguida será realizada uma entrevista e aplicação de um grupo focal (uma entrevista em grupo, coletiva). Também será proposta a confecção de um vídeo construído pelos estudantes com o objetivo de retratar a concepção de esporte dos mesmos. Com isso autorizo a utilização da minha imagem, assim como o uso do vídeo para fins pedagógicos e acadêmicos. A realização dessas etapas acontecerá no 2º semestre de 2010.

Será garantido o sigilo da identidade de todos os pesquisados envolvidos na pesquisa. Caso você se sinta constrangido (a) com alguma das perguntas, você tem todo o direito de não respondê-las. E a qualquer momento você pode desistir de participar da pesquisa sem quaisquer riscos de ser penalizado (a). Os resultados da pesquisa serão organizados no trabalho de dissertação de mestrado que será apresentado para uma banca de professores na Faculdade de Educação Física da UnB e possivelmente publicado em sites, como o da UnB e do Domínio Público, do Ministério da Educação.

Quaisquer dúvidas decorrentes da pesquisa poderão ser esclarecidas antes, durante e depois da realização da mesma, presencialmente com o pesquisador ou pelos contatos celular 96529037 ou email: [danielcanta@yahoo.com.br](mailto:danielcanta@yahoo.com.br) ou ainda no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, tel 3107-1947, email: [ceps@unb.br](mailto:ceps@unb.br)

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2010.

---

Estudante pesquisado

---

Pesquisador responsável